

GRATIS

EDITORA ABRIL - EDIÇÃO 1347
ANO 27 - Nº 27 - R\$ 3,80
6 DE JULHO DE 1994

GUIA DO REAL

*Tire todas as suas dúvidas
sobre a nova moeda*

veja

EXEMPLO DE
ASSINANTE



AS CHANCES DE DAR CERTO





MAUREEN BIBILLAT

O Bradesco



MANDO JÁ DÁ PARA O NOVO TEMPRA 16V.

nova grade, freios ABS, barras de proteção em perfis de aço nas portas que resistem contra choques e colisões. E muitas outras inovações. Novo Tempra 16V. Se faz bem aos olhos, imagine ao coração.



NÓS AVANÇAMOS NO TEMPO.



Tempra 16V

Alguns itens são opcionais. Este veículo está em conformidade com o PROCONVE.



IAN JONES/FSP/GAMMA

O príncipe se enrola pela boca

O herdeiro do trono britânico acidenta-se num avião da rainha e choca o país ao confessar na TV que traiu Diana enquanto estavam casados.

REALEZA 91

O pacote venezuelano

Diante da maior crise financeira da História do país, o presidente da Venezuela, Rafael Caldera (foto), congela os preços, intervém nos bancos e suspende garantias constitucionais, entre as quais o direito de propriedade.



JOSE CARLUCCI/AP

INTERNACIONAL 40



O real assanha os predadores

Enquanto a maioria da população recebe a chegada do real com tranqüilidade, alguns velhos vilões da inflação, como prefeitos, diretores de companhias públicas e empresários, se aproveitam da troca da moeda para aumentar seus preços de forma abusiva.

BRASIL 18



VICTOR GRUBISIAFP



De volta às trevas

Eliminado da Copa por jogar dopado, Maradona desestrutura a seleção argentina, empobrece o Mundial e mergulha de novo no inferno astral.

COPA 94 76

LIAISON AGENCY

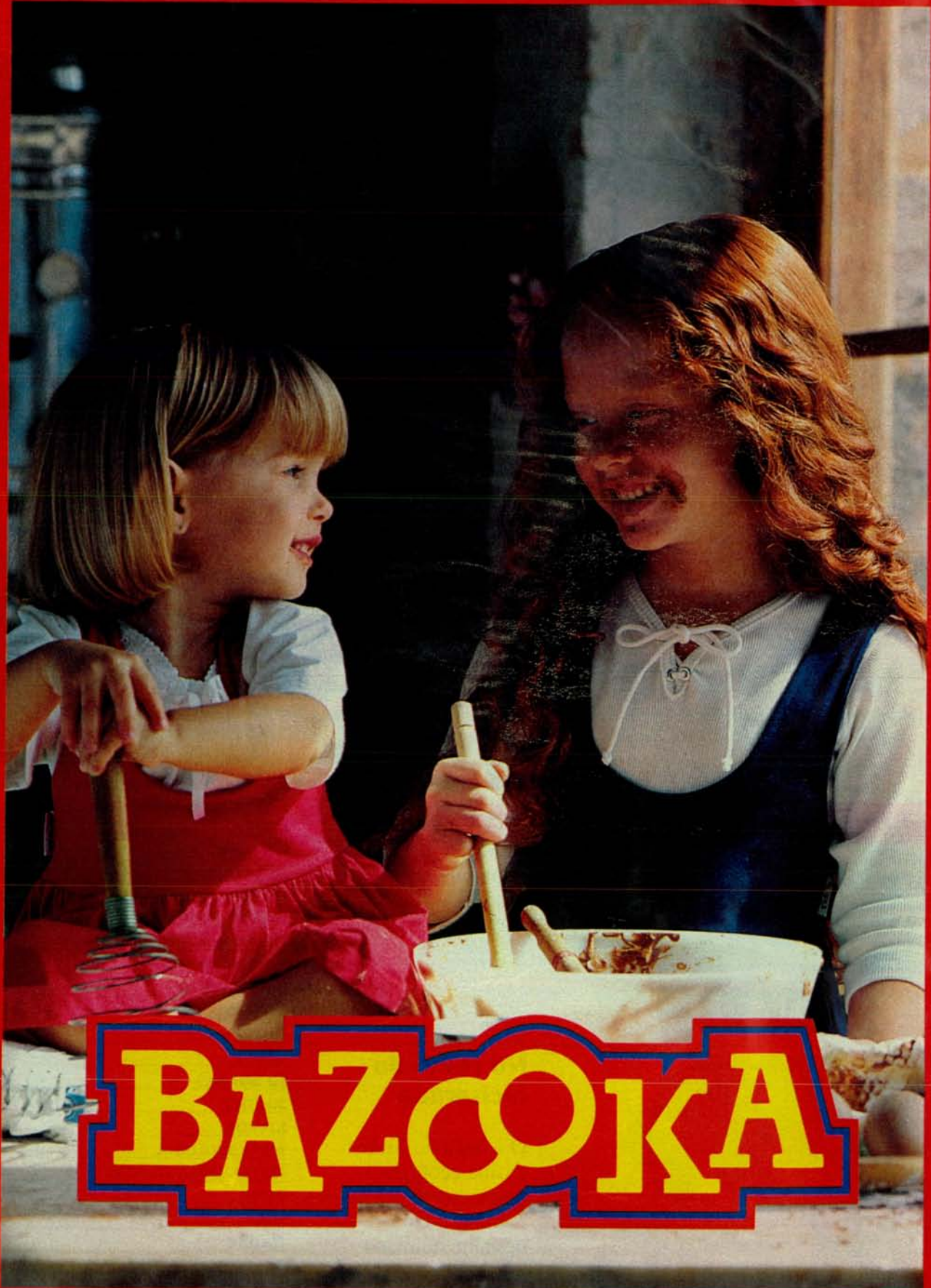
No reino da bicharada

O leãozinho Simba ensina ecologia e emociona em *O Rei Leão*, o novo desenho animado dos estúdios Disney.

CINEMA 104

ARTE	112
CARTA AO LEITOR	17
CARTAS	12
CONSUMO	54
COTAÇÕES	97
DATAS	99
DIVERTIMENTO	60
ECONOMIA & NEGÓCIOS	94
EDUCAÇÃO	50
ELIO GASPARI	25
ENSAIO	114
ENTREVISTA	7
GENTE	84
JÔ SOARES	14
JUSTIÇA	48
LIVROS	102
METEOROLOGIA	74
NOTAS INTERNACIONAIS	44
PERFIL	68
POLÍCIA	86
RADAR	39
TELEVISÃO	110
TURISMO	52





BAZOOKA

Você encontra na Mesbla.

Difícil é a execução

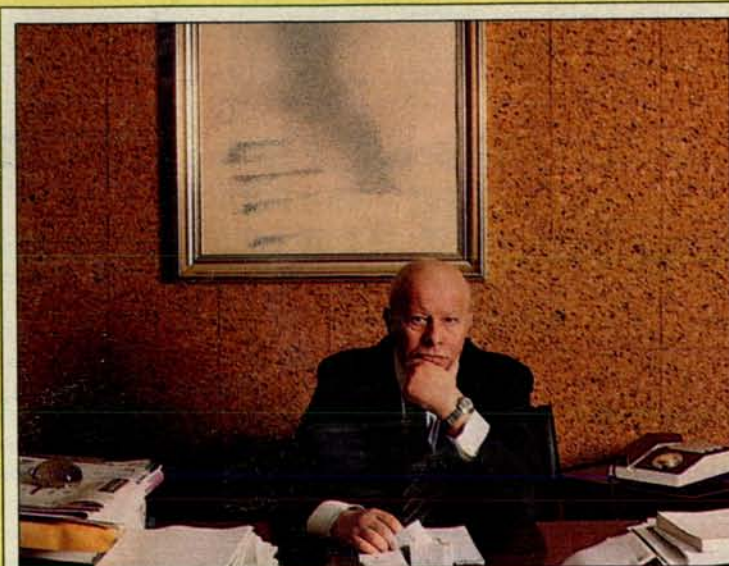
O economista, musicólogo, professor e beque diz que, como a seleção brasileira, o Plano Real é bom, mas precisa mostrar resultados

MARCOS SÁ CORRÊA

No Real como na Copa, o problema do Brasil é o meio-de-campo. Com um olho nos planos da nova moeda, outro nas transmissões dos jogos da seleção, o professor Mario Henrique Simonsen faz seu diagnóstico com dupla credencial. No futebol, fala o ex-meia-armador que, há quarenta anos, suando a camisa dos Engenheiros contra os Médicos, entrou no Maracanã para jogar um primeiro tempo que o deixou esbaforido. Estreante em cigarros, peladeiro dedicado, lembra-se do campo como um gramado em que as traves adversárias pareciam afundar na linha do horizonte. Mas, com a autoridade de quem correu até perder o fôlego, concorda com a torcida brasileira em espinafrar a trinca Raí, Zinho e Paulo Sérgio.

Como economista, aos 59 anos, Simonsen está convencido de que o Real vai pegar a inflação ou largar, dependendo do que se fizer para controlar a moeda nas dividas com o capital estrangeiro, a pressão de um governo em ano de eleição e o pendor do presidente Itamar, jogando na banheira, para cabecear planos econômicos. Fazer plano é fácil, segundo Simonsen, que escreve livros de teoria econômica com uma equação em cada página e dá aulas de História das Idéias na Fundação Getúlio Vargas. Difícil é a execução, como ele aprendeu no Ministério do Planejamento do governo Figueiredo, que largou com uma inflação de 78% (ao ano), derrotado na defesa das contas públicas contra os ataques da política.

Há dois meses, Simonsen enfrenta um câncer no pulmão. Descoberta cedo, em exames que fazia por causa de uma pneumonia, a doença está cedendo à quimioterapia.



“Se estivesse no governo eu provavelmente faria um plano como o Real, mas me considero privatizado”

cia. O tratamento alterou sua rotina, mas não lhe tirou a capacidade de tratar de vários assuntos ao mesmo tempo. Musicólogo, economista e professor, ele manteve até três anos atrás a reputação de beque, que corria pouco, mas sem poupar canelas. Na semana passada, preocupado com a seleção de Parreira, Simonsen falou a VEJA sobre a mudança da moeda.

VEJA — Depois de mandar para casa os dois Cruzados e o Plano Collor, a inflação pode fazer o tetra?

SIMONSEN — Este plano é bem-feito. Tecnicamente é muito melhor do que os outros. Mas ser tecnicamente bem-feito não resolve. Muito mais importante é que ele seja executado com competência. Agora que a nova moeda está na rua, é crucial olhar a política monetária para ver se o Real dará certo ou não. Esse é o ponto fraco do

Brasil, que a medida provisória do Real até tenta equacionar. No papel, há um dispositivo para controlar emissões. Pode ser cumprido, pode não ser. A verdade é que, em política de estabilização, nunca se erra no plano. Erra-se na execução.

VEJA — E onde não dá para errar na execução?

SIMONSEN — Primeiro, na política fiscal. Depois, na política monetária. E não necessariamente nessa ordem. É muito simples: vigie-se a expansão monetária, segure-se a despesa do governo e mantenha-se o Osiris Lopes Filho na Receita Federal. Pronto. Não dá para inventar muito em cima da fórmula de estabilização.

VEJA — E o governo pode se dar a esses luxos?

SIMONSEN — Pode. Evitar que o governo se financie pelo Banco Central é simples. Se formos verificar, desde o início da gestão Collor o governo ou não tem déficit, ou seu déficit é pequeno, insuficiente para explicar uma inflação de 40% ao mês. Muito mais complicado é regular a entrada de capital estrangeiro. Cada vez que sobem as taxas de juros aqui dentro, vem mais dinheiro e o Banco Central, para o dólar que entra, solta a moeda nacional. Sai caro. O país paga 20% ao ano aqui dentro sobre um dólar que rende 3% lá fora. A política monetária foi devastada por essas conversões. Quando a inflação vem, ela não quer saber se a moeda foi emitida para acumular reservas ou para financiar gastos do governo. Quer saber se houve emissão.

VEJA — O destino do Real depende de quê?

SIMONSEN — É preciso deixar bem claro: quando todos os preços sobem ao mesmo tempo, não são eles que sobem, é a moeda que perde o valor. É o que acontece no Brasil há mais de vinte anos e ultimamente em proporções calamitosas. Então, a doença não é dos produtores, dos usurários, dos especuladores. É da moeda. Quem quiser saber por que o Brasil tem tanta inflação pode pegar os gráficos de expansão monetária e ver como os saltos aderem aos índices inflacionários.

VEJA — *Aderem quer dizer empurram?*

SIMONSEN — Quer dizer que ratificam. Basta isso. Se a inflação não existisse por nenhuma outra causa, a expansão monetária a faria existir. E, sem ela, a inflação não existiria. É esse o ponto crucial. Correr atrás de donos de supermercado, tabelar mensalidade de colégio, talvez dê voto, mas não dá resultado. Os donos de supermercado no Brasil não podem ser mais gananciosos do que os dos Estados Unidos. Só que, nos Estados Unidos, eles aprendem que, aumentando os preços, perdem nas vendas, porque falta dinheiro na praça. No Brasil não. Remarcam, e, como as pessoas têm aumentos nominais, acabam comprando. Uma coisa vai empurrando a outra. Por isso o Real depende do que se fizer daqui para a frente e não do que se fez até agora. Pode ter sucesso como moeda estável, como o peso argentino, ou o sucesso do Cruzado, um êxito efêmero, um grande carnaval seguido de um estouro.

VEJA — *O governo, em ano eleitoral, não será tentado a estourar as reservas?*

SIMONSEN — É fundamental que pare de acumulá-las. Com 40 bilhões de dólares, deve até gastar uma parte, desde que faça sangria transitória. O governo não pode gastar por conta e não pode faltar agilidade ao Banco Central para controlar a moeda. São esses os dois riscos que rondam o Real. E bastam para liquidá-lo.

VEJA — *A eleição joga a favor dessa probabilidade?*

SIMONSEN — Em princípio, sim, porque dá ao governo a pressa de fazer coisas nos seis meses que lhe restam de mandato. Mas é preciso levar em conta que, quando o governo começa a ter programas demais e sentido de urgência, acaba sem conseguir executar nenhum. Projetos como a canalização do Rio São Francisco até o Ceará talvez tenham a utilidade de imobilizar o governo, o que é bom para o Real. Vontade de gastar, só, não gera despesa.

VEJA — *Como cabo eleitoral, o Real é eficiente?*

SIMONSEN — Não. O plano não deve ter

sucesso popular por quatro, cinco meses, mesmo que a partir de agosto seus efeitos sobre a inflação tendam a ficar visíveis. O que se entende por eficácia eleitoral? Que as pessoas ficariam entusiasmadas com a estabilização dos preços? Só vendo para acreditar. O plano tem uma fórmula para estabilizar os preços, mas nada para aumentar salários. Eu me espantaria se a estabilização, sem aumentos salariais, deixasse as pessoas eufóricas. Temos a mania de imaginar que todo plano econômico em véspera de eleição repetirá o que fez o Cruzado em 1986. Mas naquele caso, além da estabilização temporária, houve a explosão do poder aquisitivo. Não creio que o êxito político do Real se compare ao do Cruzado. Para fazer estelionato eleitoral, ele é excessivamente cauteloso.

“Tudo depende do que se fizer daqui para a frente. O real pode ter sucesso como moeda estável ou um êxito efêmero, um carnaval seguido de um estouro. Está sendo chamado de eleitoreiro por engano. É um plano para ser feito em começo de mandato e colhido eleitoralmente em fim de governo”

VEJA — *A inflação acaba?*

SIMONSEN — Certamente a inflação deve ser muito baixa nos próximos meses, porque virá sem inércia nenhuma. Não há aumentos salariais para dar, reajustes de tarifas para fazer, os preços não têm pretexto nenhum para subir. Pode haver um aumento aqui, por culpa de entressafra, outro ali, por alguma razão sazonal. Grande parte dos aumentos preventivos, feitos nessa farra de despedida de solteira da URV nas últimas semanas, tende a reverter naturalmente.

VEJA — *E isso basta para o governo cantar vitória?*

SIMONSEN — Não. O que importa não é isso, mas verificar se a inflação se manterá baixa no mínimo por um ano. Porque o plano só prevê indexação daqui a doze

meses. Até lá, nada de correção monetária nem de compensação nos aluguéis ou de ajuste em salário. Resta saber se a inflação será compatível com essa intenção. Se ficar, digamos, em 40% ao ano, talvez sim. Estou falando numa inflação de mais ou menos 3% ao mês, que já acho demais, mesmo porque era o limite considerado insuportável no tempo em que fui ministro, há quinze anos. Mas talvez não seja intragável para um país que está saindo de uma inflação de 40% ao mês. Passou disso, não dá para segurar o plano.

VEJA — *Quais foram os piores momentos do Real?*

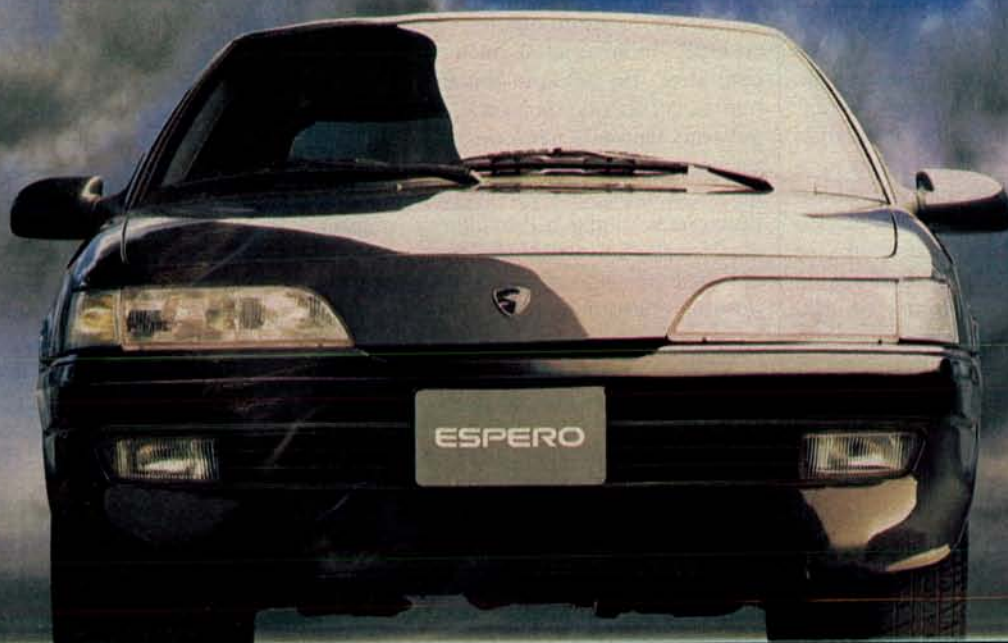
SIMONSEN — Até aqui, nada que possa estragar os resultados. É fácil catar defeitos num plano alheio. Para meu gosto, a lei antitruste é defeituosa, cheia de conceitos vagos e termos ambíguos, prontos para atizar delongas judiciais capazes de inibir investimentos. Mas é importante não perder de vista que, para fazer estabilização de preços, não é necessário um grande plano econômico. A complicação começa além da estabilização, no momento de decidir se o país quer crescer, se quer distribuir renda, que tipo de sociedade pretende construir. Aí a conversa é outra. Requer um plano de verdade. Para conter a inflação, nem sequer é indispensável ter uma economia arrumada. Até uma economia em pandarecos pode conseguir. Inflação de 40% ao mês é, a rigor, mais difícil de fazer do que de erradicar.

VEJA — *Por quê?*

SIMONSEN — Nós estamos tão acostumados que nem estranhamos a complicação que ela injeta no cotidiano. Pretender que a população entenda a URV e as sutilezas do Real é quase um absurdo. Vá alguém propor isso a ingleses, americanos ou alemães para ver o que acontece. A complicação chegou a tal ponto no Brasil que nos parece natural anunciar à sociedade, da noite para o dia: todas as suas contas têm de ser divididas por dois mil, setecentos e cinquenta. Há anos eu me espanto com a perda de energia que isso implica. Se implantassem a URV nos Estados Unidos, tenho certeza de que a produtividade da economia americana acusaria o golpe.

VEJA — *O Real é o plano para acabar com todos os planos?*

SIMONSEN — Não. A menos que dê tão certo que o resto da inflação suma sozinho. Isso não significa que virá depois, obrigatoriamente, mais um plano como ele, outra troca de moeda. Mas é provável um aperfeiçoamento de rota, em que se cuide em detalhes da política monetária e fiscal.



DAEWOO ÉSPERO. FINALMENTE UM BOM NEGÓCIO QUE VOCÊ PODE FECHAR POR IMPULSO.

Daewoo Espero 2.0 Mpi. Um carro com todas as qualidades e vantagens dos importados mas



sem pesar no seu bolso. E com todas as facilidades. O tipo do negócio bom de fechar por impulso.

DAEWOO MONEY BACK Desafiamos você a não gostar do Espero. Se isso acontecer em 7 dias ou 1.000 km da compra, você devolve o carro e nós, o dinheiro.

DAEWOO SALES SYSTEM Você escolhe o plano de financiamento ou leasing e pode optar por consórcio Daewoo (Plano Vip, 15, 30 ou 60 meses).



DAEWOO ASSISTANCE 24 H Toll free 0800-14-4567. Auto socorro, com 2.500

pontos de apoio em todo o Brasil.

DAEWOO
MOTOR

SURPREENDENTE

DESIGN ITALIANO • INJEÇÃO ELETRÔNICA MULTIPONTO • FREIOS ABS* • AR-CONDICIONADO • CÂMBIO AUTOMÁTICO* • GARANTIA DE 2 ANOS OU 40.000 KM

DAEWOO RIO DE JANEIRO Av. Suburbana, 3196 - Tel. (021) 241-4293 / 201-0121 DAEWOO CURITIBA Rua Des. Westphalen, 2469 - Tel. (041) 225-4343

DAEWOO JARDINS Rua Haddock Lobo, 920 - Tel. (011) 853-4800 DAEWOO LAPA Rua Guaicurus, 338 - Tel. (011) 872-2720

DAEWOO EUROPA Av. Europa, 877 - Tel. (011) 881-9455 / 881-9530 DAEWOO MORUMBI Av. Morumbi, 8440 - Tel. (011) 240-0299

DAEWOO SERVICE STATION Rua Guaicurus, 181 - Tel. (011) 262-4703

VEJA — *Ficaram para depois por falta de governo?*

SIMONSEN — Este governo até que me surpreendeu em algumas decisões. O reajuste dos salários pela média, na medida provisória da URV, foi muito corajoso e nada eleitoreiro. A parte mais espinhosa desse plano era a política salarial. Eu esperava que o governo se atrapalhasse todo na hora de expor, sem o disfarce da inflação, que o salário mínimo de 100 dólares nunca existiu. Entre o anúncio e o pagamento, perdia no mínimo 30%. E o governo enfrentou esse embaraço. O Real está sendo chamado de eleitoreiro por engano. É um plano típico para ser feito em começo de mandato e colhido eleitoralmente em fim de governo. Agora é que o presidente Carlos Menem está faturando o plano de Domingo Cavallo, feito em 1991.

VEJA — *Será porque plano no Brasil virou codinome de tapeação?*

SIMONSEN — Para tapear, inflação é melhor. Não se inventou até hoje maneira mais eficaz de governo conviver com mentira. Com a inflação, o governo divide qualquer bolo em fatias que somam 200%, 300% do todo. Não precisa de peito para dizer: "Só dou 100%".

VEJA — *A medida das mensalidades escolares não é típica de planque?*

SIMONSEN — Ela era ridícula, um acinte à aritmética, mas não chegou a ser um erro comprometedor. Mesmo porque caiu logo no Supremo Tribunal Federal. Ela mostrou mais uma vez a falta que fazem os antigos burocratas que sabiam botar a máquina administrativa para andar. Conheci um assim no Palácio do Planalto, no tempo do general Golbery do Couto e Silva — o professor Carvalho. Sua memória remontava ao governo Venceslau Brás. Era ouvido para tudo, porque sabia tudo: lei tal, número tal, foi feita por isso, assim, assim. Uma história por trás de cada artigo. Era o legislador, com autoridade para breçar ministros. Quantas vezes não me telefonou para dizer que as coisas não poderiam ser como eu queria. Em geral, tinha razão. É por falta de gente como ele que hoje sai medida provisória com erro de aritmética.

VEJA — *O senhor faria o Plano Real?*

SIMONSEN — Provavelmente faria algo muito parecido, se estivesse no governo, coisa que não me acontecerá nunca mais na vida. Considero-me privatizado. Se a pergunta é para saber o que encontro para criticar no Plano Real, a resposta é: nada muito importante. É claro que cada economista tem seu gosto. Eu, por exemplo,

não gostei do artigo que fez o expurgo da correção monetária. A meu ver, invade contratos. Eu tentaria botar no plano muitas coisas que, por sinal, a equipe do governo tentou e não conseguiu. Provavelmente, eu também não conseguiria, mas acho indispensáveis as reformas institucionais, mudar a Previdência, o sistema fiscal. São medidas fundamentais, que ficaram para trás, com o fracasso da reforma constitucional.

VEJA — *E têm conserto, apesar do Congresso?*

SIMONSEN — Qual foi o empenho do Executivo na reforma? Poderia ter mandado um projeto de reforma, como está no regimento. Mas não considero o Congresso obstáculo ao ministro da Fazenda.

“As pessoas, quando passam para o outro lado da vida, pretendem ir para o céu, não acabar no purgatório. A URV era o purgatório. A complicação chegou a tal ponto no Brasil que nos parece natural anunciar, da noite para o dia: todas as contas têm de ser divididas por dois mil, setecentos e cinquenta”

Diria até que atrapalhou pouco. Pode ter um monte de defeitos, mas é acomodático. O nó, para mim, está na Constituição, mãe de todas as contas que não fecham. Com artigos ridículos, como a declaração de que a saúde é direito do cidadão e dever do Estado. Já imaginou? Posso processar o Estado porque fiquei doente.

VEJA — *Se o plano não é eleitoreiro, por que se recomendou à equipe apressar a troca de moeda?*

SIMONSEN — Porque a URV era só uma peça de transição. O plano é para chegar ao real. As pessoas, quando passam para o outro lado da vida, pretendem ir para o céu, não acabar no purgatório. A URV era o purgatório.

VEJA — *Faz diferença para o Real quem ganha a eleição?*

SIMONSEN — Faz sim. O PT tem um programa inteiramente voluntarista. O partido acha que, na medida em que as pessoas desejem as coisas certas e sejam honestas, as leis da física se acomodam. E o pior é que os petistas acreditam nisso sinceramente. O aumento do salário mínimo, por exemplo. Qualquer pessoa que entenda um pouquinho de economia sabe que há limite para aumentar o salário mínimo, senão a Previdência vai à falência, as empresas pequenas e médias quebram, o Nordeste não agüenta. Por outro lado, é impossível a um governo do PT não atacar logo de cara o problema do salário mínimo, porque nesse patamar de 70 dólares ele é uma chaga social. O PT tem compromissos incompatíveis com a estabilização. Aliás, o próprio Lula deixa bem claro que a inflação, para ele, não é prioridade. A primeira fase do governo Lula, se ele for eleito, será muito cara. Seus compromissos inadiáveis não cabem no orçamento da União.

VEJA — *Em quem o senhor votará para presidente?*

SIMONSEN — Em Fernando Henrique.

VEJA — *Mesmo se o ex-ministro que derrotou a inflação é o preferido do eleitorado que mais lucrou com ela?*

SIMONSEN — O mesmo argumento poderia ser usado, três anos atrás, na Argentina. O país estava viciado em inflação, a elite gostava daquilo, a sociedade se acostumara. Veio Domingo Cavallo, estabilizou o peso e todo mundo ficou satisfeito, inclusive o governo populista de que ele é ministro.

VEJA — *Ao contrário do que pensava o acadêmico Fernando Henrique, um país pode sair do Terceiro Mundo?*

SIMONSEN — O que eu gosto nos coreanos é que eles não param para fazer esse tipo de pergunta. Pensam em fabricar automóveis, vender computadores, universalizar o ensino. Ninguém faz as coisas para sair do Terceiro Mundo. Há trinta anos, o Brasil quase só tinha café para exportar. Esta semana, a geada queimou os cafezais e por pouco isso não foi notícia. Para conseguir isso, ninguém perguntou se é por aí que se vai ao Primeiro Mundo. Quem tinha essa mania era Collor.

VEJA — *O Brasil deve invejar a estabilidade da Argentina?*

SIMONSEN — Pelo que vi até eliminarem o Maradona, deve invejar é a seleção. ■

A IMAGEM REAL.



ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR

Care
24 HORAS, TODO O DIA
LIGAÇÃO GRATUITA: 0800-159111

APLIQUE OS SEUS REAIS NA MARCA QUE SEMPRE RESPEITOU O SEU DINHEIRO, FOSSE QUAL FOSSE O NOME QUE ELE USAVA. TEM COISAS QUE SÓ A PHILCO FAZ PRA VOCÊ.

PHILCO

Rosana Chiavassa

A advogada Rosana Chiavassa fez o diagnóstico correto do caos na saúde (Amaré, 29 de junho). Para definir a área de ação dos planos de saúde é fundamental que se tenha um serviço público de atendimento atuante. O projeto que o presidente não sancionou é muito ruim e parcial porque não faz a integração do pouco que pode ser dado pelo Estado, que cobra, e também não normatiza o que pode ser adquirido pelo consumidor na área privada, que também cobra.



José Knoplich
Associação Paulista de Medicina
São Paulo, SP

O médico é outra vítima dos planos. Recebe honorários indignos e com atraso muitas vezes superior a sessenta dias. Apesar disso, os planos de saúde não têm o menor pudor em colocar sobre as costas do médico toda a responsabilidade por sua própria incompetência e sede de dinheiro.

Mario da Costa Cardoso Filho
Associação Médica Brasileira
São Paulo, SP

Pena que tão poucos usuários tenham coragem de reclamar desse segmento de mercado que explora o ser humano em seu momento mais difícil, que é a doença.

Marlon A. Silva
Salvador, BA

Permita-me observar que a entrevistada, apesar da especialização, confunde os diferentes segmentos do setor, não distinguindo seguro-saúde — próprio das seguradoras — de plano de saúde — administrado por empresas de prestação de serviços médico-hospitalares. A confusão acontece, provavelmente, porque os dois segmentos integram o mesmo universo, ou seja, o da garantia de assistência médica e/ou hospitalar. Nesse universo, aliás, a participação das empresas seguradoras é minoritária, atingindo cerca de 10% do faturamento total. *João Elísio Ferraz de Campos*
Federação Nacional das Empresas de Seguros Privados e de Capitalização
Rio de Janeiro, RJ

Excelente a entrevista com a advogada Rosana Chiavassa pela objetividade e clareza com que orienta os possíveis candidatos aos planos de saúde. De forma não menos brilhante, na mesma edição, manifesta-se o médico Francisco J. de Moura Theophilo na seção Ponto de Vista. Desnuda o descaso do Estado perante a saúde de seu povo. E nesse carrossel giram os pacientes e os médicos, desorientados

pelo epicentro do sistema de saúde público e privado.

Eduardo Bayer Neto
Tucumã, PA

Francisco J. de Moura Theophilo

Oportuno o Ponto de Vista "Sob o reinado de Sísifo" (29 de junho), do médico carioca Francisco J. de Moura Theophilo, no momento em que é instalada a CPI do Inamps, na Câmara dos Deputados, em Brasília. Como presidente dessa CPI, estou encaminhando a apuração de inúmeras irregularidades cometidas no Inamps, dentre as quais merecerá atenção a denúncia do médico Theophilo sobre o vício nas compras efetuadas pelo órgão, inclusive a aquisição de equipamentos recusados para uso nos Estados Unidos.

Deputado Maurici Mariano
Brasília, DF

Parabéns, doutor Francisco, pelo seu artigo publicado em VEJA. Lamento existirem tão poucos colegas com a sua consciência e nível profissional.

Helmar A. R. Verlangieri
Hospital Darcy Vargas
São Paulo, SP

Planejamento familiar

É lastimável que um projeto aprovado na Câmara dos Deputados, que dá um dos maiores benefícios já conseguidos às mulheres brasileiras, possa ser derrubado pela Igreja, que poderia fazer um pouco mais por milhões de crianças abandonadas, mas não faz nada ("O direito de não ter", 29 de junho).

Antônio Erlano Souza Mourão
São Luís, MA

Dietéticos

Com relação à reportagem "Dieta confusa" (29 de junho), mais especificamente no quadro "Bom demais para ser verdade", gostaria de esclarecer que a Sanbra Alimentos, fabricante do creme vegetal Delícia Diet, ao contrário do que diz o texto, declara o valor calórico do produto no selo

"VEJA mais uma vez sai na frente, esclarecendo e informando as medidas que devemos tomar para não perder na chegada do real."

Fabiana Regina Faria
Praia Grande, SP

protetor localizado dentro da embalagem. *Norberto Fatio*
Diretor-presidente da Sanbra
São Paulo, SP

Conforme VEJA publicou, o fabricante não declara o valor calórico do produto na embalagem.

Abuso sexual

Fiquei perplexa com a irresponsabilidade dessas mães e desse delegado, acusando sem provas concretas e destruindo, assim, três famílias ("Tragédia de enganos", 29 de junho). *Terencia Maria Bezerra Lopes*
Natal, RN

Justiça

Cumprimentamos VEJA pela reportagem "Por um triz" (29 de junho). Matéria ética, séria e concisa. Mas solicitamos alguns esclarecimentos. Esta advogada não queria que seus clientes fossem julgados pela Justiça castrense. O que ocorreu foi que os policiais militares foram denunciados concomitantemente pela Justiça comum e pela militar, tendo a juíza auditora suscitado o conflito positivo de competência ao Superior Tribunal de Justiça; entendeu aquela corte que os policiais militares deveriam ser julgados na Justiça comum pelo crime de tortura e na Auditoria Militar pelas eventuais lesões corporais. Houve por bem esta advogada impetrar ordem de habeas-corpus junto ao egrégio Supremo Tribunal Federal, a fim de que o mesmo decidisse a quem cabia a competência para o julgamento; decidiu o STF ser a competência da Justiça comum.

Tania Nogueira
São José dos Campos, SP

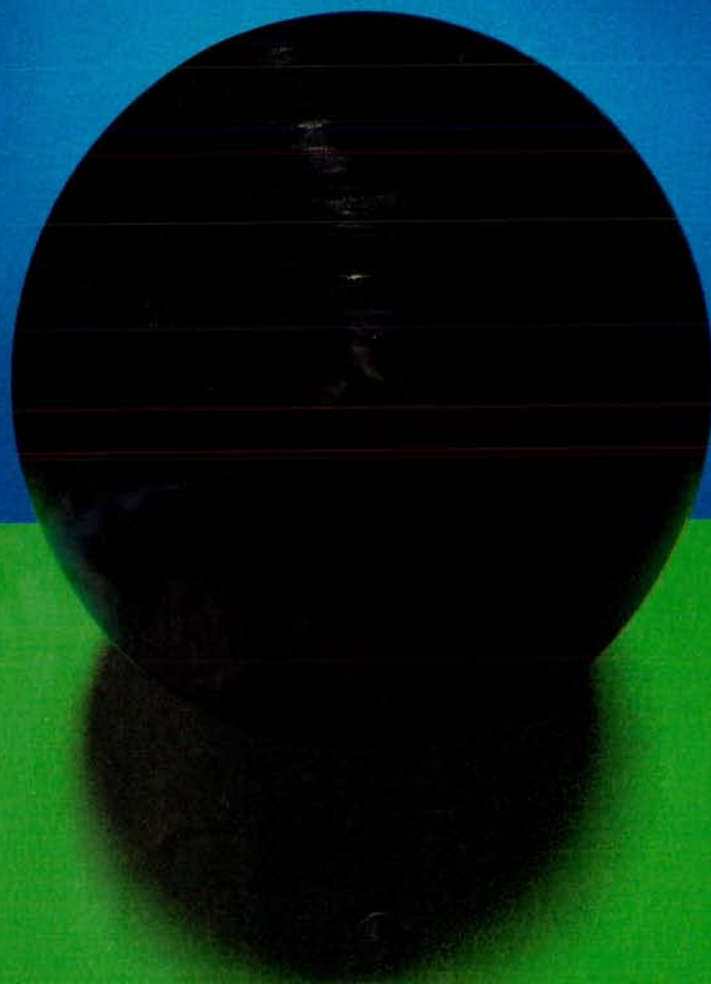
Brasil

Pela segunda vez, VEJA diz que Petrolina, em Pernambuco, está separada de Juazeiro, na Bahia, por uma ponte. Pergunto: não será o Rio São Francisco que separa, enquanto a ponte une as duas cidades? ("Um tucano no arraial da Pefelândia", 22 de junho) *Nelson Miranda de Souza*
Petrolina, PE

CORREÇÃO: No quadro "Como usar os cheques" da reportagem "A hora da estreia" (29 de junho), há um erro de digitação que prejudica o exemplo. As 157,04 URVs correspondentes à compra do exemplo podem ser pagas com um cheque de R\$ 157,04 (cento e cinqüenta e sete reais e quatro centavos).

Cartas para: Diretor de Redação, VEJA, Caixa Postal 14110, CEP 02909-900, São Paulo, Capital; Telex (011) 22115; Fax (011) 877-1640. ■ Por motivos de espaço ou de clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente. ■ As cartas devem ser assinadas e nelas devem constar o endereço e o número da cédula de identidade do autor. ■ Só poderão ser publicadas na edição imediatamente seguinte as cartas que chegarem à redação até quarta-feira de cada semana.

**DICA PARA O
TÉCNICO DA SELEÇÃO:
EM CASO DE DÚVIDAS,
USE O BANCO.**



JÔ SOARES



DE AO REAL



Do nome que já trazes do teu berço altivo,
nascendo assim, sem mais, trazendo sangue azul,
já és real de fato, e tão adjetivo
quanto a constelação do Cruzeiro do Sul.

Real! Que nome lindo e cheio de esperança,
só mesmo sendo nobre pra de supetão,
num gesto audaz, viril, usando em riste a lança,
matar, como São Jorge, o dragão da inflação.

Não sei por que ninguém pensou: sensacional!
Trocar o nome logo do nosso dinheiro:
se perde o seu valor, que idéia genial!
É só mudar o nome do plebeu cruzeiro.



O que me aflige ainda é que no plano inteiro
ninguém imaginou nem viu este percalço:
como saber de cara olhando este dinheiro
quando o real é real ou quando o real é falso?

E fico aqui pensando se vai ser aceita
na hora de pagar a conta do açougueiro.
O seu Manoel estuda a nota recém-feita:
“Este real é falso, o senhor não tem cruzeiro?”



E o que será, leitor, realmente um falso real?
Isso me deixa neste instante curioso:
é apenas uma falsificação genial
ou não passa de um rei que é muito mentiroso?

E outra dúvida cruel já me atormenta,
nesta hora vital da troca de dinheiro.
O que vai valer mais depois dessa tormenta?
Um real falso ou um cruzeiro verdadeiro?

Em vez deste real seria melhor talvez
pra termos finalmente a inflação em queda
trocar mesmo por dólar logo de uma vez
todo o dinheiro lá da Casa da Moeda.



**TELEBANCO BAMERINDUS.
078-800-3991.**



No Plano Real, consulte nossos técnicos.



Mais tempo real pra você

EM SÃO PAULO:
 Redação e Correspondência: av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, tel: (011) 877-1322, fax: (011) 877-1640.
 Publicidade: r. Geraldo Flausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04573-900, tel: (011) 534-5344, fax: (011) 534-5638.
 Administração: r. do Curume, 585, bl. B, 2º and., Lapa, CEP 05065-001, tel: (011) 871-6500, fax: (011) 861-0720

ESCRITÓRIOS NO BRASIL

Belo Horizonte: r. Paraiíba, 1122, 18º and., Funcionários, CEP 30130-141, tel: (031) 261-6799/7070, fax: (031) 261-7114
Brasília: SCN - Ed. Brasília Trade Center, 14º e 15º ands., CEP 70710-902, tel: (061) 315-7575, fax: (061) 226-7592
Campo Grande: r. Ametista, 85, Cooporário, CEP 79052-170, Cx. Postal 57, tel: (067) 387-3685
Cuiabá: r. G, casa 8, Setor oeste, Morada do Ouro, CEP 78000-000, Cx. Postal 445, tel: (065) 644-1539
Curitiba: av. Cândido de Abreu, 651, 7º, 8º e 12º ands., Centro Cívico, CEP 80530-000, tel: (041) 252-6996, fax: (041) 254-3455
Florianópolis: av. Osmar Cunha, 183, bl. C, 1º and., cj. 101, Centro, CEP 88015-100, tel: (0482) 24-7598, fax: (0482) 24-5873
Goiânia: r. 1127, 220, Setor Marista, CEP 74175-060, tel: (062) 241-3756
Natal: r. Trairi, 663, Petrópolis, CEP 59020-150, telefax: (084) 222-4323
Porto Alegre: r. Antenor Lemos, 57, 8º and., sl. 802, Menino Deus, CEP 90850-100, tel: (051) 229-5899, fax: (051) 229-4857
Recife: av. Dantas Barreto, 1186, 9º and., cj. 901 a 904, São José, CEP 50020-000, tel: (081) 424-3333, fax: (081) 424-3896
Ribeirão Preto: r. Garibaldi, 919, Centro, CEP 14010-170, telefax: (016) 635-9630
Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8º and. ao 11º and., Botafogo, CEP 22290-030, tel: (021) 546-8282, fax: (021) 275-9347
Salvador: av. Tancredo Neves, 1283, Ed. Omega, 3º e 6º ands., sls. 303 e 604, Pituba, CEP 41820-021, tel: (071) 371-4999, fax: (071) 371-5583
São José dos Campos: r. Francisco Berling, 143, Centro, CEP 12245-670, tel: (0123) 21-1126, fax: (0123) 21-5046
Vitória: av. Mal. Mascarenha de Moraes, 2562, Ed. Espaço Um, sl. 410, Bento Ferreira, CEP 29300-530, tel: (027) 325-8273

ESCRITÓRIOS NO EXTERIOR

New York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, suite 3403, New York, N.Y. 10165/3403, tel: (001212) 557-5990/5993, telex (00) 237670, fax: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromensil, 75008 Paris, tel: (00331) 42.66.31.18, telex (0042) 660731 ABRILPA, fax: (00331) 42.66.13.99
Portugal - Importação exclusiva e Comercialização: Editora Abril (Portugal), Lda., r. Marcos Portugal, 16-A, Algés, 1495 Lisboa, tel: 4105823, fax: (003511) 4107050. Distribuição: Distribuidora Jardim de Publicações, Lda., Quinta de Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685 Camarate, Lisboa, tel: 9472542

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

INTERESSE GERAL

VEJA • GUIA RURAL • ALMANAQUE ABRIL
 GUIA DO ESTUDANTE • SUPERINTERESSANTE

INFORMÁTICA EXAME

ECONOMIA E NEGÓCIOS

EXAME

AUTOMOBILISMO E TURISMO

QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS

ESPORTES

PLACAR

MASCULINAS

PLAYBOY

FEMININAS

CLAUDIA • ELLE • NOVA • MANEQUIM

MONTRICOT • CAPRICHIO

DECORAÇÃO E ARQUITETURA

CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

VEJA 1 347 (ISSN 0100-7122), ano 27 nº 27, é uma publicação semanal da Editora Abril S.A. Assinatura: ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em moeda corrente nacional, correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com o índice oficial legalmente aplicável. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas, para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das revistas Abril de sua cidade. Pedidos pelo Correio DINAP S/A - CEP 06053-990, Cx. Postal 2505, tel: (011) 810-5500, e: 213244, fax: (011) 810-4800, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP S/A - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

Serviço ao Assinante:
 tel: (011) 823-9222

ANER

IVZ

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
 Tel: (011) 877-1150 e 877-1588

PELO PREÇO DE UM TÊNIS IMPORTADO, VOCÊ ACAMPA 15 DIAS EM PORTO SEGURO.



Você sabia que existem campings em Porto Seguro que cobram de 3 a 5 dólares a diária por pessoa? Essa e outras 30 mil dicas econômicas você encontra no Guia Viajar Bem e Barato. Você viaja o máximo e gasta o mínimo.

Nas bancas.

NUNCA VIAJE SEM UM GUIA

QUATRO RODAS



Fundador
VICTOR CIVITA
 (1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
 Vice-Presidente Executivo: Thomaz Souto Corrêa

Diretor de Distribuição: Carlos Roberto Berlink
 Secretário Editorial: Celso Nucci Filho
 Diretor Adjunto: Ricardo A. Setti
 Diretor de Publicidade: Dalton Pastore Júnior
 Diretor de Recursos Humanos: Edvard Ghirelli
 Diretor de Planejamento e Controles: Valter Pasquini
 Diretor de Sistemas: Vanderleis Bueno

Diretor de Redação: Mario Sergio Conti

Diretor Adjunto: Tales Alvarenga
 Editores Executivos: Laurentino Gomes, Maria Cecília Marra (arte), Paulo Moreira Leite, Vilma Gryzinski
 Editores: André Petry, Antenor Nascimento Neto, Igor Fuser, João Gabriel Santana de Lima, Okky de Souza, Ricardo Galuppo
 Subeditores: David Friedlander, Eliana Simonetti, Flavia Varella, Izalco Sardenberg, Jaime Klintonowit, Kaika Netto, Laura Capriglione, Laura Greenhalgh, Maurício Cardoso, Mônica Bergamo, Neuza Sanches, Rinaldo Gama
 Editores Assistentes: Angela Pacheco Pimenta, Celso Masson, Gustavo Ponce de Leon, Karina Pastore, Morris Kachani, Paulo Sampaio, Sibelie Pedral
 Editores Especiais: Dorrit Harazim, Elcio Gaspari, Geraldo Mayrink, Marcos Sá Corrêa, Roberto Pompeu de Toledo, Silvio Ferraz

REPORTAGEM

Secretário de Redação: Julio Cesar de Barros
 SÃO PAULO - Reporters: Angélica Santa Cruz, Joaquim de Carvalho, Marcos Pivetta, Pedro Yves, Valéria França - **BELO HORIZONTE** - Chefe: Ricardo Grinbaum - **BRASÍLIA** - Chefe: Eduardo Oinegue; Editores: Expedito Filho, Luis Costa Pinto; Subeditores: Leonel Rocha, Policarpo Jr., Editores assistentes: Gustavo Paul, Silvania Dal Bosco; Repórter: Leonardo Attuch - **RIO DE JANEIRO** - Chefe: Anacleto Gots; Editor: Fábio Altman; Subeditor: Arnaldo Cesar; Editores Assistentes: Eliane Azevedo, Alair Thury Filho; Reporters: Maria Elisa Alves, Virginie Leite - **SAVADOR** - Chefe: Ernesto Bernardes - **PORTO ALEGRE** - Chefe: João Fábio Caminoto - **RECIFE** - Chefe: Andréia Barros - **BERLIM** - William Waack - **NOVA YORK** - Euripedes Alcântara - **WASHINGTON** - Flavia Sekles - **ROMA** - Marco Antonio de Rezende
 Colaboradores: Diogo Mainardi e Jô Soares
 Atendimento ao Leitor: Fabiana Fernandes de Macedo
 Chefe de Redação: Adam Sun (chefe), Clara Ywata, Ieda Passos, Marcello Marth, Maria Margarida Negro

FOTOGRAFIA

Editora: Márcia de Souza
 Fotógrafos: Antonio Milena, Egberto Nogueira, Marcos Rosa (São Paulo) • Oscar Cabral, Paulo Jares (Rio); Nélio Rodrigues, Roberto Jayme, Sergio Amaral (Brasília)
 Produção: Gláucia Castral

ARTE

Diagramação: Alfredo A. Vaz (chefe); Cristiano Tadeu Faé Rosa, Mário José Carvalho, Sergio dos Santos, Wander Luiz Silva
 Ilustração: Rodrigo Andrade (capas), Andriela Caires, David Premero, Norton Mattos

APOIO EDITORIAL

Gerente Depto. de Documentação: Susana Camargo
 Diretor de Serviços Fotográficos: Pedro Martinelli
 Gerente ABIL Press: Judith Baroni
 Gerente Nova York: Grace de Souza
 Gerente Paris: Pedro de Souza
 Serviços Internacionais: Associated Press/Agence France Presse/Reuters/Matérias internacionais via Varig

Diretor Comercial: Gilberto Fischer

CIRCULAÇÃO

Diretor de Marketing: Wagner Nabuco de Araújo
 Circulação Assinaturas: André Hermann
 Circulação Elvas: Osmar Lara

PUBLICIDADE

Atendimento de Agências
 Gerentes de Grupos: Celso Marche, Roberto Nascimento
 Gerentes Executivos de Negócios: Eliani Prado, Angelo Derentze, Antonio Carlos de Campos, Daro Castilho de Azevedo, Mariana Ortiz, Pedro Bonaldi, Mocyry Guimarães, Elian Trabulsi, Rogério Gabriel, Cláudio Bartolo (RJ), Márcia Alvaredo (RJ), Rogério Ponce de Leon (RJ)
 Gerentes para Anunciantes Diretos: João Paulo Pizarro, Paulo Renato Simões (RJ)
 Gerente da Central de Comercialização de Diretos: Alberto Simões
 Gerente de Escritórios Regionais: Marcos Venturoso
 Diretor de Adm. e Planej.: Rodinaldo Escocardi de Souza

ASSINATURAS

Diretor de Atendimento e Operações: Paulo Vasconcelos
 Diretores de Vendas: Eduardo Macedo, Vicente Argentino

Diretor Brasília: Luiz Edgard P. Tostes
 Diretor Rio de Janeiro: Luiz Fernando Pinto Veiga

INTERNATIONAL ADVERTISING SALES REPRESENTATIVES
 COORDINATOR FOR INTERNATIONAL ADVERTISING: Global Advertising, Inc. 218 Olive Hill Lane, Woodside, California 94062 - Fax: (415) 851-9987
 Strada Conchitas Associates, Inc. 112 Laurel Avenue, Larchmont, New York 10538 (914) 834-0228 - Cables: MEDIAFORC - EUROPE: IZI International Ltd., Africa House 64-78 Kingsway, London WC2B 6AH, Tel: (071) 242-6346, Fax: (071) 404-4376 - JAPAN: Tokyo Representative Corporation - Samsinkogyo Building 2-10, Kanda Jimbo-cho, Chiyoda-Ku, Tokyo 101 (03) 3230-4117 - Telex: 726666 - Cables: REPETRY

VEJA is published weekly by EDITORA ABRIL S/A (Rua do Curume, 769 - São Paulo, SP, CEP: 05065-001 - Brazil). A yearly subscription abroad costs US\$ 280,00. Single copies for US\$ 5,40. Para assinar ligue: (011) 823-9100, ou escreva para: Rua do Curume, 769 - CEP: 05065-001 - São Paulo - Brazil.

A responsabilidade com a nova moeda

Mais um plano econômico se inicia. A esta altura, depois de seis planos fracassados, nos quais os brasileiros foram transformados em cobaias de laboratório para experiências extravagantes, o ceticismo é maior. Mas, ainda assim, o plano do governo merece crédito, nem que seja pela negativa: desta vez, conforme o prometido pelos responsáveis, não houve pacotes embrulhados na calada da noite, não se confiscou a poupança da população, não se romperam contratos, não se engessou a economia em congelamentos. Ao contrário, as medidas foram discutidas durante meses, o Congresso pôde posicionar-se, os partidos tiveram condições de apresentar suas alternativas, a legião de economistas teve direito a palpar quanto quisesse.

A nova moeda está na praça, mas o jogo ainda não está decidido. A queda da inflação, a estabilização da economia e a retomada do progresso dependem fundamentalmente da maneira como o plano for executado. Se o presidente Itamar Franco e o ministro Rubens Ricupero forem hesi-



Ricupero e Itamar: cuidado na execução

tantes com aqueles que lucram com a inflação, se cederem aos apelos imediatistas ou decidirem recorrer às medidas demagógicas, mais uma vez a moeda apodrecerá. É preciso firmeza política, competência técnica e sensibilidade social para que o plano seja conduzido e alterado no cotidiano.

A responsabilidade cabe ao governo, sem dúvida. Ilusão imaginar, no entanto, que o governo pode tudo contra a inflação. Se a sociedade não agir, o risco do insucesso é grande. A luta contra a inflação não pode ser sabotada por empresários, sindicatos, pelos prefeitos e governadores, pelos partidos, pelos candidatos na eleição de outubro. Agora é hora de abdicar dos objetivos setoriais imediatos e colaborar para que a inflação baixe. A população, como sempre, está disposta a fazer com que o plano dê certo. Da noite para o dia, adaptou-se à nova moeda, aprendeu a fazer contas complicadas — divisão por 2 750, convenhamos, é fogo —, está de olho nos preços, nos arredondamentos. Em paz e em ordem, os brasileiros estão contribuindo para que a inflação baixe. Na elite, todos devem fazer o mesmo.

Apague.

Serviço ao Consumidor

021 800 8477
RJ: 253 7822

SOUZA CRUZ

Acenda.

SERVIÇO AO CONSUMIDOR

0800.21.22.23

SOUZA CRUZ S.A.

0-800-21.22.23 é o novo telefone do Serviço ao Consumidor Souza Cruz.

A ligação é gratuita de qualquer ponto do Brasil e através do S.A.C. você manifesta livremente suas críticas, sugestões, idéias, opiniões e elogios. Você liga e fala. A gente ouve e você recebe sempre a nossa resposta.

Por enquanto, você também pode utilizar os números que estão impressos no maço do seu cigarro. Serviço ao Consumidor. O canal da Souza Cruz sempre aceso para você.



SOUZA CRUZ

Vilões de última hora

Na estréia do real, o país reage bem ao plano, enquanto políticos e empresários aproveitam para aumentar os preços



É façanha para livro de recordes. Na semana passada, o país campeão mundial da inflação iniciou a maior troca de moedas já realizada

em todos os tempos. No prazo de quinze dias, 3,4 bilhões de cédulas antigas do cruzeiro real serão substituídas por 1,5 bilhão de notas do real, além de 3 000 toneladas de moedinhas. Essa operação tinha tudo para dar confusão. Em qualquer país do mundo uma troca do padrão monetário, complicada pelos valores quebrados nas contas de conversão, deixaria as pessoas alarmadas e confusas. Depois de seis planos econômicos fracassados no curto período de oito anos, o brasileiro ganhou uma agilidade espantosa para enfrentar mudanças monetárias. Na sexta-feira passada, quando o real começou a circular no país, tudo funcionou

da maneira mais civilizada e tranqüila que se poderia imaginar.

A demonstração de bom comportamento teria sido impecável não fossem alguns espertalhões que entraram em cena para estragar a estréia do real. Entre o anoitecer de quinta-feira e o clarear do dia de sexta, governadores, prefeitos e empresários aproveitaram a mudança no dinheiro para dar um último empurrão nos preços. Disfarçados na complicada operação aritmética que envolveu a conversão da moeda, os aumentos chegaram em doses cavalares. No Recife, por determinação do governador Joaquim Francisco, o preço das passagens de ônibus amanheceu na sexta-feira 54% mais alto que no dia anterior. Em São Paulo, o prefeito Paulo Maluf, que já havia aumentado as passagens uma semana atrás, aproveitou a conversão da moeda para embutir



ANTONIO MILENA

mais 14% nas tarifas, com suposto objetivo de reduzir o déficit da Companhia Metropolitana de Transportes Coletivos, CMTC. No Rio de Janeiro, o aumento do transporte público promovido pelo prefeito César Maia superou em 10% a inflação do mês de junho, a mais alta do ano.

O Brasil da superinflação habituou os consumidores a serem tolerantes com au-

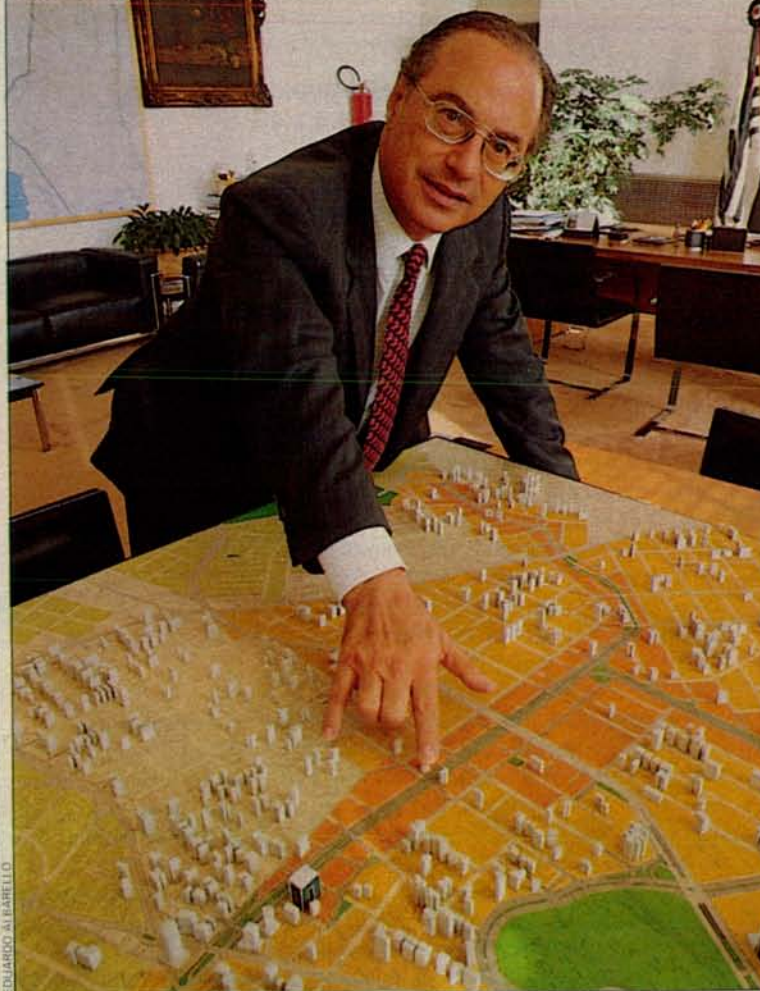
Um dia na vida do real



O vigilante Pedro Nunes Neto, de 38 anos, saiu de casa bem cedo na sexta-feira, sacou 40 reais e passou o resto do dia tentando gastar a nova moeda. Não conseguiu. Ninguém tinha troco. Por fim, desistiu. "Isso aqui só vai ser dinheiro daqui a uns vinte dias", resignou-se



FOTOS CLAUDIO ROSSI



Fiscais da Sunab conferem o preço do leite Ninho num supermercado e o prefeito Paulo Maluf, que aumentou a tarifa dos ônibus na madrugada de sexta-feira: esperteza

mentos pesados, de até 10% ou 15%. Num regime de preços enlouquecidos, esses aumentos faziam pouca diferença e acabavam diluídos na inflação do final do mês. Numa economia estável, como deve ser a brasileira nos próximos meses, a coisa muda drasticamente, mesmo porque os salários estão engessados na prática. Nos países de inflação baixa, os preços sobem

2% ou 3% ao ano — e já é muito. Com os aumentos que fizeram na semana passada, Joaquim Francisco, Paulo Maluf e César Maia tomaram um absurdo do passageiro de ônibus. Passam-se quatro, cinco, sete anos antes que o cidadão de uma economia estável precise desembolsar uma diferença tão grande na sua passagem de ônibus, como a que Maluf ou César Maia

impuseram aos moradores de suas cidades. Os transportes têm um peso enorme em todos os índices de inflação apurados no país. Em São Paulo, só a elevação das tarifas de ônibus será responsável por mais de meio ponto na inflação. “Os moradores dessas cidades deveriam organizar ações populares para bloquear esses aumentos”, aconselhou na sexta-feira o



O cobrador de ônibus Roberto di Polli, de 27 anos, passou por um treinamento para aprender a lidar com a nova moeda, ensaiou em casa, na véspera do real, e amanheceu a sexta-feira preparado para enfrentar as dúvidas dos passageiros com a maior paciência. “Muita gente pega o dinheiro novo pela primeira vez na catraca de um ônibus”, diz



O vendedor de jornais gaúcho Luciano Dias, de 17 anos, passou a quinta-feira treinando para acertar o troco, no caso de receber uma nota de real. Ficou frustrado. Vendeu só a metade dos jornais habituais e não teve de calcular troco nem em cruzeiros reais: “Todo mundo está com dinheiro trocadinho na mão”, estranhou

**Arredondamento na feira: CR\$ 4 000,00
viram R\$ 1,50, em vez de R\$ 1,45**

ministro Rubens Ricupero. "Eles são absurdos numa economia sem inflação."

Entre os vilões dos preços altos na virada do real estão também grandes e pequenos empresários. Na semana que antecedeu a estreia do real, a corrida para remarcar os preços foi selvagem. O pão francês subiu 15% em URV em São Paulo. Um outro problema foi o arredondamento. Na manhã de quinta-feira, era difícil encontrar uma barraca em feira livre com preço quebrado, em centavos. Este é outro mau hábito criado pela febre inflacionária. Só que agora, com a inflação supostamente sob controle e os salários sem reajustes mensais, aumentos como esses têm um peso muito grande. São um assalto ao bolso do trabalhador.

O custo da cesta básica medido pelo Procon subiu mais 0,51% só na noite de quinta para sexta-feira. No mês, a alta foi de 10,9% — em URV. Pelo menos duas grandes empresas foram flagradas pelo Procon ao tentar repassar aumentos para os supermercados. A Nestlé aumentou a lata de leite Ninho em 12%, em URV. A Gessy Lever remarcou em 27% o detergente líquido Minerva Plus. "Não há nada que justifique um aumento desse porte de uma hora para outra", diz Marcelo Sodré, coordenador do Procon em São Paulo. É preciso levar em conta que não há congelamento de preços neste Plano Real e, em tese, quem quiser eleva o preço de sua mercadoria. Acontece que remarcações como as verificadas nos últimos dias são oportunistas e desleais. Comprovada a má-fé do empresário, ele pode ser processado com base na lei da economia popular. Caso venha a ser condenado, verá o sol nascer quadrado por até cinco anos.

AUMENTO PREVENTIVO — No caso dos prefeitos e governadores, deve-se perder as esperanças. Esses aumentos dificilmente serão revogados. Na semana passada, a Secretaria Nacional do Direito Econômico anunciou uma ação judicial contra o governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz, por aumentar as tarifas de ônibus em 16,25% na noite de quinta-feira. Mas é prudente não esperar muito desse processo. O aumento nos produtos de supermercados é diferente. A situação pode ser revertida em muitos casos, por iniciativa dos próprios empresários responsáveis pelas elevações. Entre os que elevaram seus preços em excesso nos últimos momentos do cruzeiro real, há os espertalhões, os que estavam com medo de surpresas



EGBERTO NOGUEIRA

ruins na chegada da nova moeda e os que somam as duas coisas. Com o passar dos dias, se os temores desses empresários não se justificarem, eles poderão puxar os preços para baixo para atrair clientes ou ficar em condições de lutar com a concorrência.

Na semana passada, numa mesma prateleira do Hipermercado Extra, de São Paulo, um pacote de 95 gramas de algodão em flocos da Johnson & Johnson custava 6,70 reais, enquanto o mesmo produto da concorrente York custava 2,95 reais — uma diferença de mais de 100%. Num quadro de

superinflação, isso era até compreensível, mesmo porque cada indústria reajusta seus preços em dias diferentes. Se a inflação continuasse, é possível que num momento seguinte a diferença entre as duas marcas de algodão caísse para um nível razoável. Agora, com os preços estáveis, o consumidor terá uma consciência mais apurada do valor das mercadorias. Ele se tornará, portanto, um comprador mais exigente em matéria de preço. Quem fez aumentos exagerados poderá sentir que passou do limite e voltar atrás. O movimento de recuo nos preços podia ser observado já na estreia da nova moeda. Na sexta-feira, numa lista de 68 produtos pesquisados pelo Procon paulista, 34 tinham preços menores que no dia anterior.

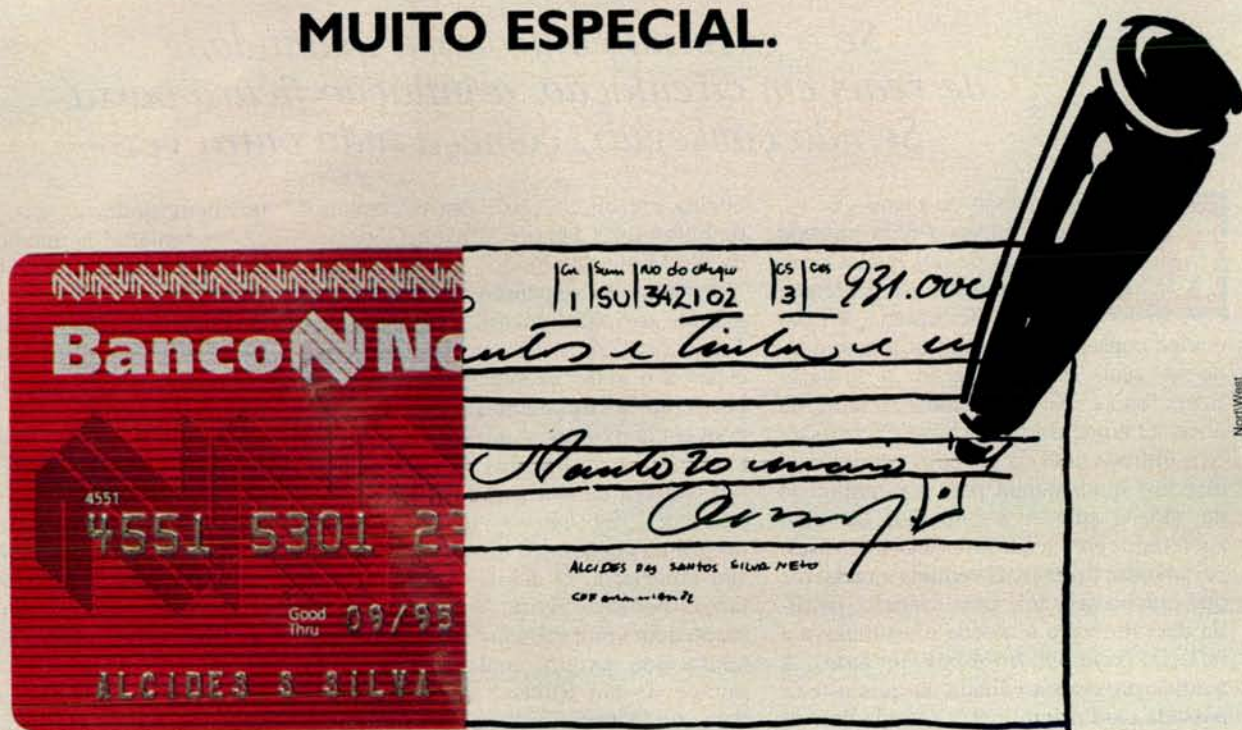
ESTICA-ENCOLHE — O problema das remarcações de última hora é a repercussão que elas terão no índice de inflação de julho. Especialistas e mesmo membros da equipe econômica vinham admitindo uma inflação de cerca de 5% no mês de estreia do real, seguindo-se uma queda mais expressiva em agosto. Com os aumentos acentuados dos últimos dias, a inflação poderá alcançar 6% ou até 7%. Isso seria bastante negativo para o futuro do plano. Uma inflação nesse patamar no primeiro mês do programa de estabilização poderia minar a confiança pública — e isso, como se sabe, produz aceleração inflacionária. Desprezada pelos governos até agora, a credibilidade é a única moeda forte realmente capaz de fazer o plano dar certo.

**César Maia: uma garfada de 10%
além da inflação na passagem**



FEINANDO LEMOS

**CHEQUE ESPECIAL
NOROESTE.
UM AMIGO
MUITO ESPECIAL.**



Experimente usar o Cheque Especial Noroeste.

Ele vai ser tão bem recebido quanto você.

É o cheque que faz de todas as situações
um momento muito especial. Tenha o

Cheque Especial Noroeste sempre à mão.

É uma mão na roda pra você se dar bem.

Banco  Noroeste
O BANCO DA AMIZADE.

A chave é a emissão

Se o governo controlar a quantidade de reais em circulação, a inflação ficará baixa. Se não conseguir, começa tudo outra vez



O sucesso do plano que estreou na sexta-feira passada depende de um fator-chave. Se o ministro da Fazenda, Rubens Ricupero, e sua equipe conseguirem controlar a quantidade de reais em circulação, a inflação ficará baixa. Se não, começa tudo de novo. O nome do fator-chave é: emissão. Nos últimos anos, o governo administrou esse ato fundamental para a estabilidade da moeda que é a emissão, de olho sobretudo em seus próprios interesses. Ao mandar fazer mais cédulas a cada vez que precisava cobrir uma despesa, Brasília desvalorizava a moeda e estimulava a inflação (veja quadro à pág. ao lado). A medida provisória editada na quinta-feira passada para disciplinar a entrada do real em circulação prevê metas rígidas para a emissão de dinheiro. Diz que em setembro próximo estarão circulando no máximo 7,5 bilhões de reais. Em dezembro serão 8,5 bilhões em circulação. Em março próximo, o montante será de 9,5 bilhões de reais.

Na noite de quinta-feira, o Banco Central baixou uma resolução com uma demonstração ainda mais dura da intenção de não afrouxar o controle sobre o dinheiro em circulação. Até a semana passada, os bancos tinham de entregar ao BC 48% do dinheiro depositado nas contas correntes. Os outros 52% eram administrados por eles e rendiam bons lucros na ciranda financeira. A partir de agora, todo o saldo das contas deve ser repassado ao Banco Central no final do expediente. Com essa resolução, os bancos ficarão com menos dinheiro para emprestar, o crédito ficará mais difícil e os juros subirão. "Isso revela um intuito feroz de controlar a quantidade de di-

nheiro em circulação", diz o consultor de empresas Cláudio Adilson Gonzales, da MCM, de São Paulo.

A meta de expansão monetária não garante sozinha o sucesso do plano. Mas é um sinal claro de que a equipe não esperou o avião decolar para se preocupar com a turbulência. Preocupou-se com ela com o jato ainda no chão. Desde a reforma bancária dos ministros Octávio Gouvêa de Bulhões e Roberto Campos, em 1964, não se via no Brasil um programa econômico tão atento à expansão monetária. O desafio maior, no entanto, começa agora: é administrar o plano com competência. Trata-se de uma tarefa que exigirá mais que a fé de monge de um Rubens Ricupero. Além dela, serão necessários algo da obstinação de um Dilson Funaro, outro tanto da coragem de contrariar interesses de um Roberto Campos, uma certa dose do pragmatismo de um Delfim Netto e uma outra da acuidade técnica de um Mario Henrique Simonsen. O roteiro de trabalho está definido na medida provisória de quinta-feira passada.

NOVO CONSELHO — A maioria das decisões tomadas na medida provisória já havia sido anunciada com antecedência. Um real valerá 1 dólar. A Ufir foi congelada como indexador dos tributos federais por um período de 180 dias. Há algumas novidades, e as mais importantes atacam problemas que, no final das contas, dizem respeito ao controle da emissão de dinheiro. Exemplo: a MP impede, durante noventa dias, que o governo libere recursos que não estejam previstos no Orçamento, para qualquer finalidade. Pelo mesmo período, restringe a possibilidade de as empresas esta-

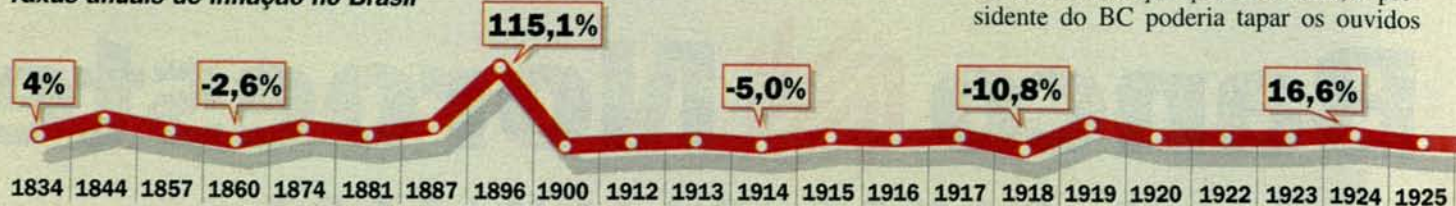
tais contraírem dívidas. De todas as decisões tomadas na medida provisória, há duas que chamam a atenção por não ter sido anunciadas com antecedência. A primeira delas é a alteração no Conselho Monetário Nacional, CMN.

Criado em 1964 para formular a política monetária do país, o conselho perdeu poderes à mesma medida que ganhou integrantes, ao longo de seus trinta anos de existência. Dos onze membros originais, inchou até chegar a vinte. Pela MP, o número de integrantes cai para três. O conselho será o órgão responsável pelo controle da moeda, com poder de tomar decisões sobre a emissão. Sua vantagem é que tornou claros os nomes dos responsáveis pela saúde do dinheiro do país. São eles o ministro da Fazenda, no caso, Rubens Ricupero, o ministro do Planejamento, hoje, Beni Veras, e o presidente do Banco Central, cargo atualmente ocupado por Pedro Malan. O conselho terá um órgão de assessoramento, integrado por membros da equipe econômica, presidente e diretores do Banco Central e pelo presidente da Comissão de Valores Mobiliários.

Ganha o país com a decisão de dar nome e responsabilidades específicas a quem terá a obrigação de cuidar da moeda. Perde ao se constatar que os três integrantes do CMN são pessoas que podem a qualquer momento ser demitidas pelo presidente da República. "O ideal seria um conselho cujos membros tivessem mandato e não dependessem do presidente da República. Além disso, o Banco Central deveria ser independente", diz o deputado Roberto Campos, do PPR do Rio de Janeiro. Na opinião do deputado, a autonomia do Banco Central seria a manifestação mais clara da vontade de não perder o controle sobre a moeda. Independente do governo e não podendo ser demitido a qualquer momento, o presidente do BC poderia tapar os ouvidos

A inflação de Dom Pedro II a Itamar

Taxas anuais de inflação no Brasil



toda vez que o governo pedisse uma remessa extra de dinheiro para cobrir o 13º dos funcionários no final do ano, por exemplo. Sem a mina de sempre, Brasília teria de conseguir a verba gastando melhor o seu dinheiro.

A norma que sempre vigorou no Brasil, no entanto, é de outra natureza. Campos participou, na condição de ministro do Planejamento, da equipe que criou o Conselho Monetário Nacional e o Banco Central, em 1964. Os dois órgãos nasceram independentes. Dos onze integrantes do Conselho Monetário original, apenas três (o ministro da Fazenda, o presidente do Banco do Brasil e o presidente do BNDE, atual BNDES) podiam ser demitidos. Os outros tinham mandato. Os membros do CMN escolhiam, entre eles, o presidente do Banco Central, que também tinha mandato fixo. A independência do BC não resistiu, porém, à primeira sucessão presidencial. Quando assumiu o governo, o presidente Costa e Silva substituiu o presidente do BC, Dênio Nogueira, apesar de este ainda ter um longo mandato pela frente, por Ruy Aguiar de Leme, homem da confiança de seu ministro da Fazenda, Antônio Delfim Netto. "O Banco Central nasceu independente e tornou-se um órgão vasalo do Tesouro. Não é um órgão emissor de moeda, mas um emissário do esgoto monetário do país", diz Campos.

BEM AMARRADO — A outra novidade importante incluída na medida é a criação de um Fundo de Amortização da Dívida Pública. O governo poderá vender ações de suas empresas que não dão direito a voto nas assembleias de acionistas e as que, se forem vendidas, não lhe tiram o controle da companhia. O dinheiro arrecadado por essa via, já vista como uma espécie de programa de privatização paralelo, se destinará ao tal fundo, que, administrado pelo BNDES, terá por objetivo abater a dívida pública. O total desse fundo poderá alcançar, conforme cálculos do consultor Antoninho Marmo Trevisan, 100 bilhões de reais se for levado em



conta o valor de mercado das ações. Isso representa mais do dobro da dívida interna, estimada em 45 bilhões de reais. O governo espera transferir para o fundo 2 bilhões de reais até o final deste ano. Essas medidas revelam a disposição da equipe em acertar. O problema é saber se Ricupero e seus assessores terão forças para levá-las adiante.

O primeiro obstáculo que o plano terá pela frente é essencialmente técnico. O governo precisa equilibrar simultaneamente a quantidade de dinheiro em circulação, a taxa de juros e a cotação do dólar. Sempre que a economia se estabiliza, as pessoas passam a usar mais dinheiro. O governo está prevendo um aumento de 2 bilhões de reais por mês para a parcela da população que ganha pouco e, até a semana passada, não aplicava no Fundão nem tinha conta remunerada para se proteger da inflação. Antes, esses 2 bilhões de dólares eram um ganho rateado entre o governo e os bancos. Agora, o dinheiro será usado para fazer compras, o que pode elevar os preços. O mecanismo de que o governo dispõe para controlar esse movimento é a taxa de juros. Se o uso do dinheiro aumentar muito, o governo poderá puxar

as taxas para níveis elevados nesses primeiros meses. Isso reduziria o volume de negócios na economia e manteria os reais na poupança. Mas há um problema: a medida aumentaria a diferença entre os juros pagos no Brasil e os juros pagos no exterior. É aí que entra o valor do dólar.

Os juros altos poderão atrair dinheiro de estrangeiros interessados em especular no Brasil, e isso pode custar caro. Com a paridade fixa entre 1 dólar e 1 real, cada dólar que entrar significará 1 real a mais em circulação na economia. Ou seja: os juros altos de um lado podem diminuir, mas também de outro podem aumentar a quantidade de dinheiro em circulação. Para contornar esse problema, o BC, no fim da semana passada, recorreu ao estratagema de comprar o dólar a 93 centavos e vendê-lo a 1 real. Explicou-se que a paridade fixa prevista na MP valia apenas para a venda, não para a compra, mas o importante é que, na prática, o BC cobrou um ágio de 7 centavos para cada dólar. Com isso, procurava-se desestimular o ingresso de dinheiro estrangeiro no país.

Um detalhe preocupante, nesta história toda, é que nenhum governo brasileiro conseguiu, nos últimos 25 anos, equi-



A emissão em tempo de estabilidade

Como a emissão de dinheiro mantém os preços estáveis numa economia organizada



1 Se a economia não cresce, a quantidade de dinheiro em circulação continua a mesma



2 Se a produção da indústria e as vendas crescem e o desemprego cal, aumenta também a quantidade de dinheiro na praça



3 O Banco Central independente percebe, através do movimento dos bancos, que as pessoas e as empresas estão usando cada vez mais dinheiro e a quantidade existente não dá para atender todo mundo



4 O BC manda emitir mais dinheiro, numa quantidade proporcional ao aumento da necessidade

librar emissão, juros e câmbio simultaneamente. Detalhe animador é que, justamente por se propor a fazer tudo isso, e ainda por cima não cair na tentação de segurar os preços na marra, esta parece a melhor possibilidade de acabar com a inflação que o Brasil teve nos últimos dez anos. "Esse plano é a melhor coisa que já fizeram para combater a inflação no Brasil. É inteligente e bem amarrado", diz o ex-ministro da Fazenda e deputado Antônio Delfim Netto, do PPR de São Paulo. "O problema será administrá-lo com uma eleição pelo meio", adverte o deputado.

CONDIÇÕES POLÍTICAS — A verdade é que o conjunto de medidas técnicas em que se constitui o plano depende das condições políticas que a equipe terá para levá-lo adiante. O Congresso ainda vai votar a medida provisória e pode incluir algumas armadilhas para o governo, como, por exemplo, o salário mínimo de 100 reais. Se isso acontecer, aumentará os gastos da previdência com aposentadorias e pensões e o governo terá que emitir dinheiro para cobrir as despesas. É preciso lembrar que a equipe trabalha sob as ordens do presidente Itamar Franco, um homem que gosta de dar aumentos, detesta juros altos, mesmo quando são tecnicamente recomendáveis, e acha que o problema dos preços se resolve com pressão sobre os empresários.

Caso a equipe tenha condições de trabalho e autonomia para tomar decisões técnicas, enfrentará um segundo problema político: a campanha eleitoral.

Caso dê certo, supõe-se que o real beneficiará seu idealizador, o ex-ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso, candidato tucano à Presidência da República. Os outros candidatos sabem disso e podem inocular na população a desconfiança de que tudo não passa de uma manobra para enganar o eleitor. Se só a equipe econômica acreditar que o plano dará certo, ele dará errado. De toda forma, o plano tem a virtude de oferecer uma carta de navegação para um período cheio de perigos como o eleitoral. "Sem esse plano, teríamos no Brasil uma transição pior que a do Alfonsín na Argentina", diz o ministro Ricupero. O ex-presidente da Argentina Raúl Alfonsín renunciou e entregou o cargo a Carlos Menem logo depois da eleição, por absoluta falta de condições de administrar o caos econômico em que seu país entrava. Mesmo no Brasil, a transição de José Sarney para Fernando Collor foi marcada por um descontrole que levou a inflação aos 80%.

Um cenário otimista prevê que em dezembro próximo a inflação estará em torno de 1% ou 2%. O próximo presidente, que assume em janeiro de 1995, teria assim tranquilidade para promover as reformas estruturais que o Congresso não fez durante a revisão constitucional. O Brasil poderá, então, aspirar a uma vaga no time dos países de economia estável. O cenário pessimista começa com a hipótese de o Ministério da Fazenda perder o controle sobre o volume de reais na praça. A inflação começará a subir ali pelo mês de setembro até alcan-

çar 15% em dezembro, conforme a estimativa do departamento de economia de um grande banco privado.

ARREPENDIMENTO — A equipe sabe que a batalha será dura e tratou de incluir no pacote algumas válvulas que permitirão segurar a pressão da caldeira caso a temperatura aumente muito. "O plano está cheio de cláusulas de arrependimento", diz o economista Eduardo Giannetti da Fonseca, da Universidade de São Paulo. "Ao primeiro sinal de que alguma coisa está saindo errado, o governo pode retroceder." As principais cláusulas de arrependimento, que na verdade configurariam sinais de fraqueza do governo, são as seguintes:

■ O governo, segundo a MP, pode emitir 20% mais dinheiro do que está estabelecido, caso o Conselho Monetário Nacional julgue necessário e o presidente da República o aprove.

■ 1 real vale 1 dólar enquanto o Conselho Monetário Nacional entender que esse é o preço certo. A qualquer momento, a paridade pode ser modificada.

■ Ninguém pode, como na Argentina, trocar o dinheiro nacional por dólares nos bancos.

■ A Ufir está congelada, mas não foi extinta. Se o plano der errado, o governo pode voltar a corrigi-la e não perderá muito em impostos.

Há um consolo. O Cruzado e o Plano Collor, que não tinham cláusula de arrependimento, tiveram de ir em frente até o desmoronamento total.



2 708,55%



5 Como a moeda nova é proporcional à necessidade de gastos da população, o dinheiro mantém seu valor

1 764,87%

480,17%

62,36%

Fontes: *Andlma e IGP-DI, da Fundação Getúlio Vargas*

1986 1987 1989 1990 1991 1993 1994

ELIO GASPARI

Brava gente

Brava gente, a brasileira. Depois de suportar uma inflação de 50% ao mês e a histeria de remarcações, saiu do primeiro dia de troca da moeda sem incidentes, quase sem reclamações. Alô, alô, Primeiro Mundo: a França levou dez anos planejando a supressão de dois zeros do franco.

Esse povo fantástico faz qualquer negócio para acabar com a inflação. Aceitou o confisco parcial de sua poupança e viveu anos com moeda podre no bolso. Há mais de duas décadas o trabalhador brasileiro reivindica apenas a manutenção do seu emprego e do poder aquisitivo de seu salário. Se é funcionário público, chamam-no de corporativista. Se tem empregador privado, acusam-no de inocente a serviço de radicais. Se não tem dinheiro, é marginal. Se tem e planeja comprar alguma coisa com a moeda estável, ameaça a segurança pública, transformado em agente de uma crise de consumo. Durante os dias dourados do Cruzado, dizia-se que havia aquecimento da demanda porque faltava às fábricas a capacidade de produzir o papel higiênico que o mercado pedia, como se houvesse uma relação entre o metabolismo da moeda e o ciclo digestivo.

Essa brava gente trocou a moeda em paz, refugou aumentos delirantes e vai fazer tudo certo. Se dependesse dela, a inflação nunca teria chegado a 20% (ao ano). Infelizmente, a turma que faz as coisas certas não manda no circo. Há quase vinte anos, num jantar de empresários em São Paulo, um industrial garantia: "A inflação não interessa a ninguém". Num canto estava o banqueiro Olavo Setúbal, que entrou com seu vozeirão: "Se não interessasse a ninguém, já teria acabado, como a varíola".



ILUSTRAÇÃO ELIZABETH TOGNATO

Para o pessoal que gosta de varíola, a euforia dos primeiros meses de qualquer plano econômico tem a ingenuidade das goleadas dos treinos da seleção. Eles já sabem que as estimativas do governo para o pagamento dos juros de sua dívida são produto da ficção eleitoral. Sabem também que o frenesi contra os supermercados é produto da superstição

econômica. Porque dura pouco e porque os supermercados (disfarce de empresas que na realidade vivem da ciranda do dinheiro) são apenas a vitrine de um rendoso negócio comandado pelos andares altos dos edifícios de vidros pretos das grandes corporações financeiras.

A sobrevivência do real depende da capacidade da brava gente de enfrentar a varíola. Pouco adianta que o PT denuncie os prejuízos já causados ao bolso dos trabalhadores pela URV. É preciso que ele e seu candidato assumam uma política antiinflacionária, coisa que não fizeram e parecem não ter disposição para fazer. Pouco adianta também que o senador Fernando Henrique Cardoso insista em se apresentar até o dia da eleição como dono da idéia de uma moeda forte, sabendo que o real poderá chegar ao dia da posse com a saúde de Tancredo Neves.

O que está feito está feito, e a devolução do padrão monetário aos brasileiros depende agora de um tenaz combate ao pessoal da varíola. Eles aparecerão aos poucos. Um furinho aqui, outro ali. Uma ajuda a um banco estadual falido no Sul, um reforço de caixa no Norte. Feito isso, o real se acaba e o povo brasileiro fica com dois problemas. Um, velho, o da moeda imprestável. Outro, novo, o de um presidente sem crédito. Ou será que alguém vai confiar no presidente Lula da Silva, aquele que dizia que estava tudo errado e quando sentou lá em cima não sabia como é que se faz o certo? Ou no professor Cardoso, que sabia tudo o que era certo e, quando sentou na cadeira, tinha dado tudo errado? Faz vinte anos que o brasileiro não confia na moeda. O perigo é ele ter de eleger um presidente que não lhe mereça respeito já no primeiro dia.



Com saudações embandeiradas na rua, o real é lançado por Ricupero e Itamar no Palácio do Planalto: atritos...

Jogo de escaramuças

Na véspera da nova moeda, a equipe econômica choca-se pela enésima vez com o Planalto, Ricupero encena uma demissão, fica, e faz o que Itamar quer



Desde que Itamar Franco chegou ao Palácio do Planalto, as escaramuças do presidente com o ministro da Fazenda são uma constante. O

presidente quer uma coisa, e a equipe econômica, outra. A regra é Itamar dizer o que quer em público, enquanto os economistas procuram jornalistas e políticos para reclamar do presidente. Essa tensão já provocou a troca de quatro ministros da Fazenda e três presidentes do Banco Central. Na madrugada anterior ao lançamento do real, mais uma vez o presidente queria uma coisa e a equipe queria outra. Só que Itamar mudou o seu estilo de atuação, não dizendo em voz alta o que pensava. O ministro

Rubens Ricupero, da Fazenda, foi ao Palácio do Planalto duas vezes para reclamar com Itamar das interferências de seus amigos no conteúdo da medida provisória 542, que introduziu o real. Saiu de lá colocado no seu devido lugar — o de ministro da Fazenda do presidente Itamar Franco. Com um jeito peculiar de dizer sem dizer, de dar a impressão de que tanto faz, o presidente assinou no dia seguinte uma medida provisória escrita nos moldes que achava mais conveniente. Vírgula por vírgula.

MAROTO — Na noite de quarta-feira, véspera do real, o ministro Ricupero participava de uma reunião com o ministro da Justiça, Alexandre Dupeyrat, fa-

zendo os últimos acertos jurídicos na medida provisória 542. A certa altura, Dupeyrat achou que a nova composição do Conselho Monetário Nacional não estava correta. De acordo com a equipe econômica, o CMN teria a participação dos ministros da Fazenda e do Planejamento, de toda a diretoria do Banco Central, do presidente da Comissão de Valores Mobiliários e de dois secretários, o do Tesouro Nacional e o de Política Econômica. "Secretário ter o mesmo poder de voto de ministro é confundir hierarquias", observou Dupeyrat. "Mas são todos autoridades monetárias", contestou Ricupero. "Mas é diferente", insistiu Dupeyrat.



...sobre o Conselho Monetário e a política de privatização das estatais

SERGIO CABRAL

A discussão abalou Ricupero. O ministro fez gestos nervosos, numa encenação canhestra de que perdia a calma. E começou um discurso irritado para os seus auxiliares. “Isso é uma atribuição do ministro da Fazenda, e não da área jurídica. O ministro da Fazenda sou eu. Não estou aqui para ouvir o ministro da Justiça dizer o que devo fazer. Se for dessa forma não vai dar para continuar. Estou fora. Só fico onde tenho autoridade.” Decidido a não ter sua autoridade maculada, pegou o telefone e ligou para o presidente. “O senhor tem quinze minutos?”, perguntou.

Itamar tinha. Recebeu-o em seguida no gabinete e ouviu com atenção suas reclamações. “Preciso de uma demonstração de confiança plena do senhor”, pediu Ricupero. O presidente foi cortês. “Você faz o que quiser e tem minha confiança plena”, garantiu, mas fez um adendo, maroto. “Só acho que essa composição do Conselho Monetário de fato mistura hierarquias.” Como todos devem ter notado, Ricupero não pediu demissão, apesar de ter dito momentos antes “não vai dar para continuar. Estou fora”. Obediente, Ricupero cumpriu a vontade do presiden-

te. O Conselho Monetário ficou com três membros: os ministros da Fazenda e do Planejamento, além do presidente do Banco Central. Para acomodar as “autoridades monetárias” que ficaram de fora, criou o Conselho da Moeda, órgão sem poder decisório.

ESTATAIS — O auxiliar Alexandre Dupeyrat é um velho amigo e aliado do presidente. Como ministro da Justiça, examinou a versão final da medida provisória. Com isso, teve a chance de espiar os detalhes do que a equipe pretendia e palpitar em matéria econômica. Dupeyrat era os ouvidos e a voz de Itamar. Numa reunião que varou a madrugada de quinta-feira, Dupeyrat reclamou de dois artigos, de números 29 e 33, que tratavam das estatais. Não gostou da criação de um fundo de nome quilométrico e recursos duvidosos — o Fundo de Amortização da Dívida Pública Mobiliária Federal. Gerido pelo BNDES, o fundo será constituído com recursos da venda de ações das estatais que não serão privatizadas. O governo, se quiser, poderá vender suas ações de qualquer estatal até o limite de 49%, mantendo o controle acionário.

Desconfiado de que ali se escondia um truque para privatizar megaestatais, Dupeyrat exigiu que o texto fosse mais claro. “Vocês querem abrir espaço para privatizar a Petrobrás? A Vale do Rio Doce? O Banco do Brasil?”, perguntou. “Têm de colocar explicitamente que não se vai vender ações dessas empresas.”

Longe de ser uma provocação, a observação de Dupeyrat fazia sentido. As ações de uma estatal só serão vendidas com autorização do presidente da República e do ministro da Fazenda. Como 100% da equipe econômica acha que o próximo presidente da República será o tucano Fernando Henrique Cardoso, os artigos 29 e 33 estão sob medida. FHC, então, poderá vender ações do Banco do Brasil ou da Petrobrás, sempre até o limite de 49%, sem ter de mexer em nenhuma lei. Foi preciso uma outra conversa de Ricupero com o presidente. As estatais são um eterno ponto de atrito entre o Planalto e a equipe. O pessoal do Ministério da Fazenda sempre quis privatizar a Vale do Rio Doce, um sonho antigo do presidente do BNDES, Pêrsio Arida. Para bombardear essa intenção, o presidente Itamar conta com Dupeyrat e



**O ministro Alexandre Dupeyrat,
voz e ouvidos do presidente:
palpites em matéria econômica**

los públicos passam a ser adquiridos com deságio pelo mercado. Como o presidente tem uma relação toda especial com os juros, exigiu que se ampliasse o limite. Foi atendido. O teto passou de 9 bilhões de reais para 9,5 bilhões e a margem para emissões adicionais, que antes era de 5%, passou para 20%, ou 1,9 bilhão de reais. No final das contas, o Banco Central poderá emitir 11,4 bilhões, em vez dos 9 bilhões iniciais.

Outro ponto de choque de opiniões é o salário mínimo. Na semana passada, Itamar arrancou um aumento, minúsculo, de 8%. Aí se combinam a vontade genuína do presidente de adotar um salário um pouco menos miserável e seu desejo de fazer o sucessor, elegendo Fernando Henrique. O aumento, embora só entre em vigor em setembro, foi divulgado já. O mês de setembro, caso se veja a data por outro ângulo do calendário, termina a três dias do primeiro turno da eleição presidencial, em 3 de outubro. Na sexta-feira, dia 24, o presidente Itamar reuniu a equipe e deu sinais de que queria um mínimo de 100 reais. “Quais as condições de dar um aumento ao mínimo?”, sondou o presidente. “Do ponto de vista da Previdência, nenhuma”, respondeu o ministro da área, Sérgio Cutolo. “Mas é preciso aumentar o salário mínimo. Isso é um ponto de honra do meu governo”, insistiu Itamar. Discutiram-se várias alternativas, e nenhuma resolvia a repercussão catastrófica na caixa da Previdência.

No dia seguinte, o presidente Itamar voltou ao tema em nova reunião. Preocu-

o ex-presidente de Furnas, Marcelo Siqueira. Dentro da equipe econômica impera a certeza de que Siqueira foi quem atravancou o processo de privatização do governo.

IDENTIDADE — Devido às estatais, o Brasil do real amanheceu com duas medidas provisórias. Ricupero achou melhor também redigir uma versão deixando claro que as estatais do coração de Itamar não seriam vendidas. Na manhã de quinta-feira, antes do lançamento da nova moeda, voltou ao Palácio do Planalto. Encontrou um Itamar disposto a optar pela versão que protegia as estatais. “Não é necessário fazer isso assim tão expressamente”, explicou o ministro. “O senhor já terá a garantia de que só serão vendidas ações das estatais que o senhor próprio autorizar.” Itamar examinou as duas versões e decidiu que a forma inicial estava satisfatória. Mesmo porque já deixou claro que não pretende mexer na Petrobrás, na Vale e no BB. As reações de Ricupero na semana passada produziram uma lufada de otimismo nos membros da equipe da Fazenda, que não perceberam o alcance da manobra de Itamar. “Com a ameaça de demissão, o ministro cresceu muito no conceito da equipe. Virou nosso líder. Se ele saísse, todos nós sairíamos”, festeja um auxiliar.

Sintonia perfeita entre o presidente da República e o seu ministro da Fazenda só houve recentemente no Brasil entre Fernando Collor de Mello e Zélia Cardoso de Mello. A identidade começava no sobrenome, apesar de não serem parentes, continuava na ignorância exagerada do que pretendiam fazer com a economia nacional, e prosseguia no gosto em se exibirem e aproveitarem do governo para

se arrumarem. A identidade se rompeu quando Zélia quis aparecer mais que o presidente, namorando o seu colega da Justiça, Bernardo Cabral. Teve de assumir, e assumiu o cargo, o ético Marcílio Marques Moreira, que não fazia nada, ou fazia o que o cangaceiro Lafaiete Coutinho mandava. Na tensão entre a equipe de Fernando Henrique-Ricupero e a República de Juiz de Fora, o presidente tem colhido muitos vitórias.

CORAÇÃO DO PLANO — Na semana passada, Itamar insistiu numa mudança de peso na medida provisória. Alterou o limite da expansão monetária, ou seja, a quantidade de reais que será colocada em circulação. Numa versão inicial, a medida provisória fixara o teto de emissão em 9 bilhões de reais até 31 de março do próximo ano. O Conselho Monetário Nacional poderia, em situações emergenciais, autorizar uma emissão extra de 5% desse valor, ou 450 milhões de reais. A restrição à emissão monetária é o coração do Plano Real. O problema é que, com metas de expansão muito rígidas, as taxas de juros podem chegar a níveis astronômicos. Quando o Banco Central define a quantidade de moeda, ele perde o controle sobre os juros, pois os títu-



Marcelo Siqueira: barricada contra a privatização

pados com a insistência, os membros da equipe acharam melhor pedir socorro a Fernando Henrique. O candidato se reuniu no Planalto com Itamar e Ricupero, ponderou que o salário era uma questão delicada e pediu uma solução ponderada. Decidiu-se então elevar o mínimo de 64,79 reais para 70 reais em setembro, o que fará as despesas do INSS crescerem 430 milhões de reais até o fim do ano. "Dos males, esse é o menor", diz o ministro Cutolo. "Podemos reduzir esse impacto fazendo a captação dos recursos da Previdência no segundo dia do mês, e não no oitavo, e parcelando dívidas que nem sonhávamos mais receber."

O PROPAGANDISTA — Com o plano na rua, apesar da tensão dos últimos dias, o ministro Ricupero ficou bem-humorado. Na quinta-feira, depois do anúncio oficial da medida provisória, conversou uma hora e meia com jornalistas. Ao responder a uma pergunta de um repórter argentino, fez questão de falar em espanhol para lembrar "mi tiempo de Buenos Aires". Desde que assumiu o ministério, Ricupero tem demonstrado um gosto cada vez maior por aparecer na televisão, dar entrevistas e escrever artigos em jornais. Versátil, escreve sobre URV, eleição da Organização dos Estados Americanos ou a morte de Senna. Recebe dúzias de cartas de admiradores, faz questão de responder a elas e gosta de ser reconhecido por onde passa.

Já que não entende de economia, conforme confessou em 1992 ao recusar um primeiro convite para ser ministro, Ricupero virou um propagandista do Real. Na sua caravana pelo país para palestrar sobre o plano, em dois meses, esteve em Fortaleza, Salvador, Porto Alegre, Curitiba, Natal, Aracaju, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. "Não tenho ilusões sobre minha contribuição ao plano", afirma. "Só ajudei a emprestar credibilidade e vender o programa." Ricupero se define como um misto de professor e pregador. Diz que não tem outra ambição além de continuar dando aulas na Universidade de Brasília. Pelo sim, pelo não, encontra-se em outra campanha, além da do Real. Quer ser o primeiro presidente da futura Organização Mundial do Comércio, OMC, que em novembro substituirá o Gatt, em que atuou como embaixador do Brasil por quatro anos.

Tinioso e resolvidor

Gustavo Franco dá uma de Romário

O economista Gustavo Franco, 38 anos, chegou ao Ministério da Fazenda em maio do ano passado com um jeito arrogante, fazendo cara de mau. "Vamos ter um cadáver a cada 24 horas", anunciou logo de saída, prometendo novidades diárias na economia. A afirmação, de um voluntarismo típico de Plano Cruzado, gerou mal-estar no governo e na equipe econômica. Gustavo Franco, afinal, era um dos poucos entre os economistas de Fernando Henrique Cardoso que não participaram da feitura do Cruzado, como é o caso de Pêrsio Arida, Edmar Bacha e André Lara Resende, que depois saiu da equipe. Ainda

Teixeira, do PDT do Rio de Janeiro, que, até por lealdade partidária, não morre de amores pelo Plano Real.

ARTIGO IRÔNICO — Com mestrado na PUC do Rio de Janeiro e doutorado em Harvard, onde defendeu uma tese sobre as causas da hiperinflação na Alemanha, Hungria, Áustria e Polônia, Gustavo Franco, antes de ir para o governo, criticava as idéias econômicas do presidente Itamar Franco. Num dos seus artigos, sob o título irônico "Presidente solteiro procura", satirizou a busca de Itamar por um ministro da Fazenda perfeito, capaz de baixar os juros, acabar com a inflação e gastar mais dinheiro. Apesar dos artigos, Fernando Henrique, que só conhecia o economista de vista, quis contratá-lo. Falou com Itamar e recebeu sinal verde. Na equipe existiam dois grupos: os que tinham idéias, geniais ou delirantes, e os que as transformavam minimamente em leis. Gustavo Franco se destacou no segundo grupo. Para não deixar brechas legais que pudessem comprometer o plano, Franco consultou juristas experientes que analisaram outros pacotes e buscou orientação de especialistas em reforma monetária.



ROBERTO JAYME

O assessor: transformando idéias em leis

assim, como diretor da área externa do Banco Central, Franco se saiu bem na equipe econômica, na qual é hoje uma estrela em ascensão.

Divorciado e pai de dois filhos, Franco arrumou namorada, cultivou o charme de rapagão carioca, trabalhando às vezes com a barba por fazer. Hoje, é encarado como um Romário da equipe: baixo (1,65 metro), tinioso e resolvidor. "Ele cresceu muito com o processo", afirma o tucano José Serra. "Gustavo Franco é um talento intelectual com brilho operacional", costuma dizer o candidato Fernando Henrique Cardoso. "Dos economistas que passaram por Brasília, ele é o mais inteligente, o mais preparado e o mais político", atesta o deputado Miro

Foi Gustavo Franco quem burilou a idéia da média dos índices Fipe, IGPM e IBGE para fixar a URV. Depois, de um indexador, deu ares de moeda à URV, ao mesmo tempo em que evitava a enxurrada de ações judiciais. A lei permite que se mexa nos salários desde que pagos em outra moeda. Para converter o salário sem riscos de balbúrdia jurídica, Franco descobriu que bastava criar um novo padrão monetário. No caso da URV, com uma vantagem adicional: era uma moeda forte. O ministro da Justiça, Alexandre Dupeyrat, consultado por Itamar sobre a eficácia jurídica do plano, deu seu aval. O baixinho cresceu dentro do governo. No início, Itamar tratava-o com uma ponta de hostilidade, chamando-o de "doutor Gustavo". Hoje se dá bem com o assessor.


ARGENTINA


A dolarização estimulou o consumo, deu tranquilidade aos argentinos e banuiu das ruas de Buenos Aires as corridas diárias às casas de câmbio

Busca de identidade

Com o real, o Brasil segue o mesmo caminho de outros países que pediram socorro ao dólar e obtiveram resultados econômicos paradoxais

ANDRÉ PETRY



O que é a pátria? A pátria pode ser tapinha nas costas. A compra da casa própria. O gol de Romário. O desconforto com o frio. A constelação do Cruzeiro do Sul. A preguiça de fazer lição de casa. João Gilberto cantando *Aquarela do Brasil*. O amanhecer em Copacabana. Sob o sol, o cheiro do mar na pele. O sonho de feijão, verdura, ternura e festa. A pátria pode ser muitas coisas. Mas ela é antes de tudo três fatos da História e da cultura: a língua, os símbolos nacionais e a moeda. A língua portuguesa, inculta e bela, viva na boca do povo, vai bem, obrigado, apesar dos acordos normativos dos acadêmicos daqui e d'além-mar. A bandeira

verde-e-amarela e o *Hino Nacional* também são imediatamente reconhecíveis como símbolos nacionais, ainda que ninguém saiba o que significa "o lábaro que ostentas estrelado". Já a moeda brasileira, por obra e graça de uma elite que perpetrou um processo brutal de concentração de renda, de produção e reprodução da pobreza, esvaneceu-se no ar. A moeda, meio de troca de mercadorias, cristalização do trabalho, condensação do valor do esforço individual e nacional, foi transformada num fantasma mutante. Sorria a pátria mãe tão distraída, sem perceber que lhe era subtraída a própria identidade monetária.

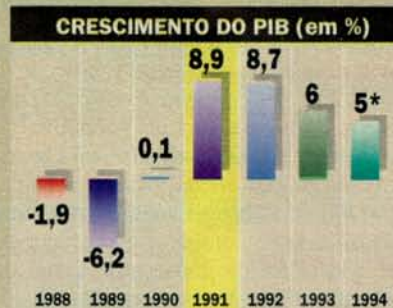
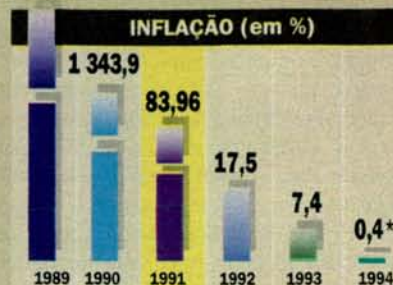
Com o lançamento do real, o Brasil retoma uma das lutas mais encarniçadas e

fascinantes de todos os povos — a de ter uma moeda, aspecto decisivo da existência de uma nação. Na História da humanidade, a moeda já apareceu na forma de pena, couro, sal e até pedra, como nas Ilhas Yap, no Oceano Pacífico. Mais tarde, a moeda teve de ser mais durável e, portanto, de metal — estanho, cobre, prata, ouro. Depois, apareceu na forma que tem até hoje, o papel-moeda. Para que alguém aceitasse carregá-lo no bolso, a moeda tinha um lastro, ou seja, podia ser trocada por determinado bem em qualquer circunstância. No Brasil, o lastro da moeda agora passa a ser outra moeda, o dólar americano. Por tempo indeterminado, 1 real valerá 1 dólar americano. É um processo semelhante

A vitrine dos pampas

Com um plano de dolarização radical, iniciado em abril de 1991, a Argentina domou a inflação mas derrubou sua balança comercial

4 923,7 * Previsão



ao de diversos países de moedas raquíticas que, nas últimas décadas, adotaram a moeda da maior potência econômica como referência.

VINTÉM — Já o dólar surgiu na Alemanha em 1518 — seu nome deriva do de uma mina de prata na região da Boêmia — e foi adotado como moeda americana em 1785, com lastro na prata e no ouro. Em 1873, a prata deixou de ser lastro, mas durante quase trinta anos houve uma grande oposição à adoção do padrão-ouro. Até 1971, para cada maço de 35 dólares que emitia, o governo americano era obrigado a ter 1 onça de ouro em reservas. Naquele ano, o presidente Richard Nixon abole o padrão-ouro. Havia excesso de mercadorias, excesso de crédito e, portanto, necessidade de grande quantidade de moeda para pouco ouro. Lastreada em si mesma, na credibilidade mundial do dólar, a moeda americana torna-se cada vez mais forte, disputando com o iene japonês e o marco alemão a condição de referência para os outros países.

“O lastro no dólar é produto do desespero nacional”, diz o professor Adroaldo Moura da Silva, da Universidade de São Paulo, que foi um crítico ferrenho da idéia, mas acabou entregando os pontos. “Era um passo inevitável para um Estado que usou e abusou da moeda”, acrescenta. “Não havia alternativa, tinha de ir para o dólar mesmo”, concorda o professor João Manuel Cardoso de Mello, da Universidade de Campinas, que não aposta um vintém no sucesso do Plano Real, mas admite que, ao adotar o lastro no dólar, o governo tomou o único caminho que lhe restava. Há quatro grandes modelos de dolarização. Um país pode apenas fixar o câmbio de sua moeda em relação ao dólar. Feito isso, quando o dólar sobe ou desce a moeda local acompanha o movimento. Um passo mais ousado é fixar o câmbio e adotar o dólar como lastro. Nesses casos, um dinheiro novo só pode sair do forno da Casa da Moeda se um dólar novo tiver entrado no cofre do Banco Central. O terceiro modelo é juntar essas duas medidas com a conversibilidade plena. Significa que o governo fica obrigado a trocar a moeda local pelo valor correspondente em dólar. A forma mais radical é fazer como no Panamá, onde a moeda nacional, a balboa, é uma ficção. O que vale é o dólar e ponto.

A Argentina aplicou uma dolarização um degrau abaixo da do Panamá. Em abril de 1991, o ministro da Fazenda, Domingo Cavallo, baixou seu plano implantando uma taxa de câmbio fixa, o lastro no dólar, a conversibilidade plena e um conselho da moeda. O conselho da moeda é uma idéia antiga, inaugurada em 1849 nas Ilhas Mau-

rício, então colônia inglesa no Oceano Índico. Sua função básica é converter a moeda local em moeda-lastro e cuidar para que a quantidade das duas permaneça igual. O conselho foi adotado por cerca de setenta países desde o século passado e deixou de ser usado nos anos 50, no último surto de independência das colônias. Agora, no fim de século, foi reinaugurado em Hong Kong, em 1983. “Um conselho, na verdade, nada mais é do que uma caixa de conversão”, explica o ex-presidente do Banco Central Celso Pastore. “Na Argentina, o papel de caixa de conversão é desempenhado pelo próprio Banco Central, que entrega 1 dólar a quem lhe entregar 1 peso.”

A LUZ VERMELHA — A Argentina conseguiu sucesso estrondoso no que diz respeito à inflação. Em 1990, a inflação passara de 1 300% e dava sinais, no ano seguinte, de que tinha fôlego para voltar. Como o país sempre dera liberdade às casas de câmbio, os argentinos costumavam socorrer-se no dólar. A moeda se corroía com tal velocidade que nem os comerciantes gostavam de recebê-la como pagamento de alguma mercadoria. Pois, só nos minutos que gastariam no deslocamento entre a loja e a casa de câmbio, a moeda perdia valor. Com o Plano Cavallo, a inflação caiu e baniram-se das ruas de Buenos Aires as corridas aos cambistas. Neste ano, estima-se que a inflação não deverá passar de 4%. Outro belo resultado está no PIB, que engordou 25% desde a dolarização.

Com números vistosos, a Argentina ajudou a difundir a mitologia segundo a qual a dolarização é uma receita de sucesso. O processo, na verdade, tem um lado sombrio. O desemprego subiu para 9,3% oficialmente, mas estima-se que é muito maior, pois as estatísticas dão como empregado até o argentino que só tem trabalho num único dia na semana. Outro ponto negativo é o déficit comercial. Com o câmbio fixo, os produtos argentinos ficaram caros no mercado externo e os importados baratearam no mercado interno. Avalia-se que o déficit seja de 6,4 bilhões de dólares neste ano, o mais alto desde a dolarização. “É luz vermelha piscando o tempo todo”, alerta Rubem Almonacid, ex-professor da USP, que deixou a Argentina há duas décadas. O câmbio fixo produz uma alta apenas nos preços domésticos. Ou seja: bens e serviços que não ficam expostos à concorrência internacional — como um corte de cabelo ou o aluguel de um apartamento — tendem a disparar. É um fenômeno que sangra a Argentina, onde o custo de vida é de Primeiro Mundo.

Ainda assim, os argentinos vivem hoje melhor do que em 1991. Seu maior desafio será abandonar as amarras do câmbio fixo, evitando que o peso desabe e promova a volta do furacão inflacionário. Outro desafio será financiar seu crescente déficit na balança comercial. Para isso, o país precisará atrair capital estrangeiro. Em três anos de dolarização, as reservas de dólares quase triplicaram, passando de 6,6 bilhões para 17,3 bilhões, no ano passado. O problema é que mais de 10 bilhões de dólares das reservas foram produto da privatização. Como sessenta empresas já foram vendidas, a fonte secou. Agora, a Argentina terá de achar um meio de atrair capital externo disposto a investir sem a isca da alienação do patrimônio estatal. A volta da General Motors ao país, no ano passado, tem um valor simbólico. Cansada da inflação e dos golpes militares, a montadora deixou o país em 1978. Retor-

nou para montar uma fábrica de 100 milhões de dólares e produzir 25 000 veículos por ano.

NOVO PESO — O México é um exemplo de dolarização suave. Misturou câmbio fixo, sempre por períodos curtos, com desvalorizações graduais da sua moeda, o peso. Em dezembro de 1987, quando começou a colocar em prática o plano econômico, o governo desvalorizou o peso em 22% e congelou o câmbio até fevereiro do ano seguinte. Daí em diante, fez política monetária conforme suas conveniências. Ora desvalorizava num ritmo intenso, ora mais lento. Ora fixava o câmbio, ora o deixava flutuar. Em janeiro do ano passado, coroando um processo cuidadoso de política monetária, o México criou uma nova moeda, o novo peso, cortando três zeros em relação à moeda velha. Com a adoção do plano, em 1987, a inflação, que passara de 100%, despencou e hoje

está em 6% ao ano. O PIB conseguiu reverter a tendência de queda e voltou a crescer, ainda que a passo de lesma.

No plano mexicano, o recurso ao dólar fez parte de toda uma gama de medidas, articuladas pelo PRI, partido governamental de imenso poder. O PRI impôs um pacto social, aplicou uma política forte de privatização e houve controle de preços e revisão periódica dos salários e das tarifas públicas. Com disciplina fiscal rígida, o país venceu o déficit público e desde 1991 tem superávit. Mas sua luta em busca de uma moeda forte tem ainda um longo caminho pela frente. Em março passado, com o assassinato do candidato presidencial Luis Donaldo Colosio, o país sofreu uma sangria de 5 bilhões de dólares. Para segurar o novo peso, Estados Unidos e Canadá emprestaram 6 bilhões de dólares ao México. A maior mácula de sua recuperação econômica está no déficit comercial, que no ano passado voltou a ficar acima dos 20 bilhões de dólares. Para piorar, a indústria ficou menor no ano passado: o PIB industrial caiu 1%.



EDUARDO CARREON/SIPA PRESS

AJUDA DA SORTE — “Quando adota o lastro numa moeda estrangeira, o Estado está renunciando à soberania monetária, que, junto com o monopólio da força e do tributo, é um dos pilares de um Estado nacional”, diz o professor João Manuel Cardoso de Mello. “Nenhum país se dolariza porque quer, mas porque é forçado a fazê-lo.” Em 1983, com a inflação nas alturas, o então ministro da Economia de Israel, Yoram Aridor, sugeriu a adoção do dólar como moeda oficial. Num país cercado por inimigos beligerantes e com uma população que se considera a predileta de Deus, a idéia foi recebida como crime de lesa-pátria. Em questão de horas, Aridor foi demitido.

Dois anos mais tarde, com inflação anual na casa dos 500%, Israel fez uso de recursos da dolarização. Criou uma nova moeda, o shekel novo, fixou a taxa de câmbio durante treze meses e estabeleceu um pacto social.

MÉXICO

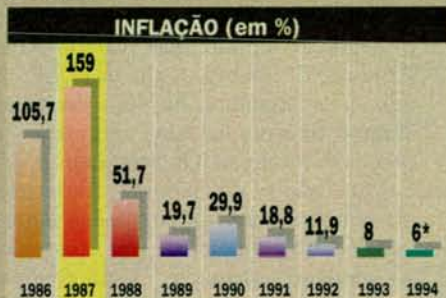


Com um plano cauteloso, a moeda se estabilizou, mas a indústria exporta pouco e diminui de tamanho

Bons resultados sem espetáculo

Na reforma iniciada em 1987, o México estabilizou a economia mas produziu um déficit comercial catastrófico

* Previsão





ISRAEL



Apesar dos protestos contra o plano, o pacto social vingou e a inflação acabou domada

O governo se comprometeu a não aumentar tarifas públicas, os sindicatos concordaram em ter reajuste salarial semestral e os empresários aceitaram o congelamento dos preços. Como cada um cumpriu sua promessa, hoje salários e preços estão liberados, 1 dólar vale 3 shekels e a inflação tem oscilado entre 15% e 20% ao ano. Israel também tem um déficit comercial enorme. Já existia na época do plano e, de lá para cá, só piorou. No ano passado, o déficit foi de 6,7 bilhões de dólares. Para ter sucesso, Israel contou com a ajuda do seu maior aliado, os Estados Unidos.

Durante dois anos, Washington deu uma ajuda de emergência de 1,5 bilhão de dólares, com o objetivo de que Israel continuasse a exercer o papel de defensor dos interesses americanos no Oriente Médio. Além disso, Israel contou com uma feliz coincidência de acasos. Quando fixou a taxa de câmbio, o dólar estava no auge da valorização e, daí em diante, passou a cair até perder toda a gordura que acumulara na primeira

metade da década de 80. Para sorte de Israel, o preço do petróleo bateu no fundo do poço precisamente em 1985. Pode não parecer, mas sorte é um fator decisivo em matéria monetária. O Chile também fixou o câmbio do peso, numa medida idêntica à de Israel, só que o fez em junho de 1979. Pegou a fase de valorização acelerada do dólar e, para piorar, o preço do petróleo mais que duplicou entre 1979 e 1981. Com um cenário externo tão agourento, a saída que deu certo em Israel foi desastrosa no Chile. O governo saiu da paridade cambial com o dólar em 1982 e levou dois anos para se levantar do tombo.

FÚRIA PERDULÁRIA — A credibilidade do dólar é tão difundida no mundo que até um país como a Estônia, ex-república soviética na região do Báltico, pegou carona na moeda americana para estabilizar-se. Como a maior parte de seu comércio externo é com a Europa, onde a moeda forte é o marco alemão, a dolarização não deu certo. Logo em seguida a Estônia teve de substituir o dólar pelo marco — fez uma marquiização. Foi um plano semelhante ao da Argentina, criando até um conselho da moeda. Antes de ser ocupada pela potência soviética em 1948, a Estônia tinha ouro guardado nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Suécia. Depois da II Guerra, os suecos e os ingleses deram o ouro para a União Soviética. Os Estados Unidos, que nunca reconheceram a ocupação, só devolveram o ouro recentemente, quando o país restabeleceu sua independência. Mesmo com esse lastro, a Estônia achou mais prudente criar um conselho da moeda calçado numa moeda estrangeira.

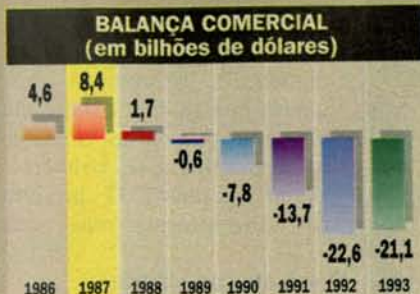
Quem deu as tintas ao plano da Estônia

Meio caminho andado

Desde o plano de 1985, Israel luta contra o déficit comercial e o desemprego crescentes



foi o economista Steve Hanke, da Universidade Johns Hopkins, o mesmo que o ministro Domingo Cavallo ouviu antes de dolarizar a Argentina. Desde 1991, Hanke tem viajado ao Brasil e divulgado, em conversas com políticos e empresários, o conselho da moeda. É um mecanismo eficaz para conter a fúria perdulária do Estado. Essa é, no fundo, a idéia central da dolarização: amarrar as mãos do Estado para que não possa fabricar dinheiro sem critério. Em torno disso, trava-se uma guerra entre economistas e políticos. Para estes, não há melhor paraíso que girar a máquina de fazer dinheiro. Para os economistas, o cenário ideal é impedi-los de meter o nariz na moeda. No Brasil, cada qual com a sua razão, ambos estão em campo para transformar o fantasma mutante num símbolo da pátria. ■



O leão atolado

O vice do PT patrocina emendas suspeitas no Orçamento e fica numa posição que constrange o partido de Lula

A CPI do Orçamento, que revelou ao país a roubalheira promovida por parlamentares aos cofres públicos, teria sido outra sem a participação do senador gaúcho José Paulo Bisol, do PSB. Na CPI, Bisol foi um leão. Elevou a temperatura das investigações e divulgou com estardalhaço, e muitas vezes sem provas, toda e qualquer suspeita contra os acusados. Apontou deputados, senadores e empreiteiras como membros de uma quadrilha formada para saquear o país. Ganhou a imagem de xerife da CPI e virou candidato a vice-presidente na chapa do petista Luís Inácio Lula da Silva com o título de baluarte da moral e dos bons costumes políticos. Na semana passada, o vice Bisol foi apanhado num comportamento que o leão da CPI teria definido como imoral. Bisol apresentou dezoito emendas ao Orçamento da União. Em quatro delas o senador gaúcho destinou 8,3 milhões de dólares para o município de Buritis, em Minas Gerais, onde ele não tem um único eleitor. Em Buritis, o que Bisol tem é uma fazenda, a Sinos d'Água, de 1 000 hectares. O mais grave: as emendas estavam superfaturadas.

Foi um espanto geral e um constrangimento para Bisol. O relatório final da CPI, que ele ajudou a redigir em seus tempos de leão, recomendou a substituição das emendas individuais por emendas de bancadas e de partidos. Assim, poderia evitar-se que um parlamentar trabalhasse em causa própria. Pois todas as emendas apresentadas por Bisol são individuais. O senador explicou que apresentou as emendas de Buritis atendendo a um pedido do prefeito da cidade, Pedro Taborda, do PFL. "Como a região não tem um parlamentar que defenda seus interesses, ele me procurou para ajudá-lo", diz Bisol. No começo do ano, o prefeito apareceu no gabinete do senador, em Brasília, com onze emendas. "Eu

disse que assinaria apenas aquelas que não sugerissem benefício pessoal. Ele separou quatro e me entregou", lembra Bisol.

"DE CORAÇÃO" — Distraído, para dizer o mínimo, o senador teria assinado as emendas sem checar os números e os valores nelas previstos. Estranho para um leão. No dia 24 de maio, Bisol protocolou a emenda 01235-1, de 1,7 milhão de dólares, para a canalização de um córrego em Buritis. No mesmo dia apresentou a emenda 1236-0, que reservava 1,4 milhão de dólares para a aquisição de dois tratores. Seriam, certamente, as máquinas mais caras do mundo. O próprio prefeito Taborda calcula que poderia comprá-las por apenas 80 000 dólares. No dia seguinte, Bisol apresentou mais duas emendas superfaturadas. No total, elas previam 5,2 milhões de dólares para a construção de duas pontes na região. Pelos cálculos do prefeito, as obras não custariam mais do que 300 000 dólares.

"Foi erro de datilografia", defendeu-se Bisol diante das emendas superfaturadas. Mais tarde, descobriu outra explicação. "Fui vítima de uma armação." As emen-



MOREIRA MARIZ

das assinadas por ele foram preparadas por mãos misteriosas antes de chegar à mesa de seu gabinete. O senador acabou mergulhado no esquema podre que ajudou a denunciar na CPI, em que escritórios de lobby, em conluio com prefeitos e empreiteiras, preparam emendas superfaturadas e dividem o dinheiro extra depois. "Fui ingênuo", diz Bisol. "Fiz isso de bom coração."

O prefeito Taborda, de Buritis, admite que Bisol foi enganado e conta uma história esquisita em que também aparece como vítima. Ele diz que perambulava pelo Congresso com o rascunho de suas emendas quando foi abordado por um sujeito "magro, de bigode, com uns 35 anos", que ele nunca tinha visto na vida. O homem se ofereceu para preencher os formulários das emendas. "Como não entendo nada disso, aceitei", diz Taborda. Os dois entraram "numa salinha" e o magro de bigode fez o serviço. "Perguntei por quanto sairia e ele me disse que, se as emendas fossem aprovadas, conversaríamos depois". O prefeito não sabe informar mais nada



FOTUS ROBERTO JAVNE

O senador se explica no Congresso: "Fui vítima de uma armação"



A fazenda de Bisol (à esquerda) e o córrego sobre o qual seria construída uma ponte: caminho mais curto

sobre o sujeito. “Perdi até seu cartão”, jura. Bisol suspeita que o prefeito esteja mentindo. “Não se pode esquecer que ele é do PFL”, diz. História muito estranha. Sobretudo para um leão de CPI.

Pelo menos uma das obras que Bisol tentou arrancar dos cofres públicos pode beneficiá-lo diretamente. É a construção da ponte sobre o Córrego Capoeira, a 22 quilômetros de sua fazenda. A construção encurtaria o caminho entre a propriedade do senador e o município de Buritis. Com a ponte, a distância, hoje de 92 quilômetros, cairia para 45. Bisol garante que isso não lhe traria vantagens pessoais. “Toda a minha produção de soja, arroz, feijão e milho é destinada à cidade de Formosa, em Goiás, que fica do lado oposto às pontes.” De fato, o caminho mais curto para Buritis não ajudaria Bisol a comercializar seus grãos. A cidade não tem entreposto de compra de soja e milho em grande escala. Mesmo com a nova ponte, o melhor destino para a produção continuaria sendo a cidade de Formosa, a 82 quilômetros da fazenda Sinos d’Água.

É verdade também que, para encurtar o caminho até Buritis, o ideal seria a construção de três pontes, e não apenas da que está prevista na emenda do senador. Daí a dizer que a obra não o favorece vai uma distância. A construção da ponte valorizaria as terras da região, entre elas a propriedade de Bisol. “As fazendas ficariam mais caras porque es-

tariam mais próximas de Buritis”, concorda João Batista dos Santos, diretor do sindicato rural da cidade. A ponte facilitaria também a vida do filho de Bisol, Ricardo, que administra a fazenda. Ele levaria menos tempo para ir até Buritis, sede municipal a que a propriedade está ligada.

As atividades orçamentárias de Bisol não podem ser confundidas com as dos dezoito parlamentares denunciadas pela CPI do Orçamento. Não surgiram indícios de que ele tenha apresentado as emendas em troca de propinas. Nem seu patrimônio pessoal cresceu de maneira estrondosa de alguns anos para cá. De mais a mais, outros vices, como Darcy Ribeiro, da chapa de Leonel Brizola, e Guilherme Palmeira, vice de Fernando Henrique, também apresentaram emendas. O problema, em se tratando de Bisol, é de coerência. Ninguém como ele berrou tanto contra os vícios na elaboração do Orçamento. Ficou muito mal envolver-se neles, ainda que por ingenuidade, como alega. Preocupado com a imagem, Bisol retirou as emendas, autorizou a quebra de seu sigilo bancário e fiscal e pediu à Polícia Federal que investigasse o episódio.

DEZ HONESTOS — As acusações terminaram por embaraçar também o candidato a presidente do PT, Luís Inácio Lula da Silva, que partiu para a defesa de seu vice. “Se tiver dez pessoas honestas no

Brasil, o Bisol é uma delas”, disse Lula. O candidato petista gosta de definir honestidade com cifras. Já disse que o Congresso “tem 300 picaretas”. Agora, sugere que a população brasileira inteira é desonesta, menos dez pessoas, entre elas o senador José Paulo Bisol. Sobram mais nove honestos entre os habitantes do Brasil, e nesse grupo não cabe nem a direção do PT, que tem mais de dez pessoas.

Outros políticos petistas foram menos benevolentes que Lula na avaliação do caso Bisol. O deputado Paulo Delgado, de Minas, chegou a pedir que o senador renunciasse à candidatura. “Ele foi indicado sem que o partido tivesse conhecimento de sua negligência no trato com a coisa pública”, disse Delgado. “Ele se meteu em um rolo enorme e a coligação que apóia Lula não pode pagar por isso. O PT não apresentou emendas.” Bisol ficou irritado. “Sempre fui um cara feliz e não preciso de uma Vice-Presidência para continuar feliz.”

A fazenda Sinos d’Água já causou problemas a Bisol em campanhas passadas. Na eleição presidencial de 1989, Leonel Brizola o acusou de usar sua influência como senador para contrair empréstimos no Banco do Brasil para usar na propriedade. Bisol, que era igualmente candidato a vice, na chapa de Lula, usou o empréstimo do BB para comprar máquinas pesadas e construir um galpão. Para apoiar Lula no segundo turno, Brizola exigiu que Bisol ficasse longe dos palanques. Constrangedor, principalmente para um leão de palanques. Nesta semana, o senador participa de uma reunião da coordenação da campanha com o PT. Nesse encontro, será convidado a explicar direitinho a confusão das emendas superfaturadas. Terá de ser muito convincente para não perder a juba. ■

Esta é a melhor televisão do mundo, sem dúvida.

Com dúvida.

A Philips não tem dúvida nenhuma de que esta é a melhor televisão 29" do mundo. Agora nós queremos que você tenha a mesma certeza que a gente. Tire as suas dúvidas.

- A melhor imagem: tela superflat, tubo superblack, 800 linhas de resolução horizontal, Inteligência Artificial (AI) e SMART controls para cores intensas, suaves, naturais e pessoal.
- O melhor conjunto de som: Symphobass Plus Stereo Sound System com 3 amplificadores, 5 alto-falantes,



surround sound (caixas opcionais), 30W RMS e SMART controls para música, auditório, voz e pessoal.



- PIP - Picture in Picture com congelamento de imagem.
- 3 entradas de áudio e vídeo com Super VHS.
- Sintonizador para 181 canais, inclusive TV a cabo.
- Recebe sinais PAL-M, NTSC e PAL-N.
- Controle remoto com cursor e menu na tela em português, inglês e espanhol, à sua escolha.

MATCH  **LINE**



29 SX8674



PHILIPS

Are you ready for Philips Matchline?



Augusto Franco (à esq.), irmão de Itamar, e os médicos: bate-boca

RIO DE JANEIRO

Hora do barulho

O irmão do presidente causa um entrevero

Ourologista Augusto Franco, irmão do presidente Itamar Franco, tomou uma decisão intempestiva na terça-feira passada. Nomeado fraternalmente coordenador do escritório do Inamps no Rio de Janeiro, resolveu demitir pessoalmente o diretor do Hospital Geral de Jacarepaguá, HGJ, José Maria Manso. O que seria um ato administrativo corriqueiro acabou em confusão. Assim que colocou os pés no hospital, Franco encontrou um grupo de médicos contrários à demissão. Deu-se um entrevero. Depois de vinte minutos de bate-boca, o irmão do presidente saiu do hospital sob vaias e gritos de "ladrão, ladrão". Os funcionários do HGJ acusam-no de ter promovido compras ilegais de medicamentos. No dia seguinte, o Ministério da Saúde, atraído pelo alarde, abriu uma auditoria. Acuado, Franco pediu afastamento do cargo.

O salseiro da semana passada é produto de uma das primeiras decisões de Augusto Franco como chefe do Inamps no Rio. Há um ano e meio, ao tomar posse, o primeiro-irmão resolveu retirar a autonomia financeira dos hospitais do Estado. Proibida de fazer suas compras por conta própria, a direção do HGJ encaminhou à coordenadoria do Inamps, em meados de junho, um pedido de emergência: 360 000 dólares em remédios. A cúpula do Inamps resolveu que as compras seriam feitas por carta-

convite, sem concorrência pública. Esse sistema, no entanto, só pode ser utilizado para compras de até 17 000 dólares. Mesmo assim, a transação foi autorizada. "Era irregular, mas, diante do desabastecimento do hospital, determinei que o caso fosse examinado", admite Augusto Franco, movido pela nobre intenção de aliviar o sofrimento dos doentes e de evitar que morressem por falta de remédio. Na sexta-feira passada, a emergência do HGJ fechou por falta de medicamentos e deixou 600 doentes sem atendimento. Quando chegou ao hospital, a remessa de remédios foi recusada pelo diretor Maria Manso. "Pedimos os remédios, não que se cometesse uma irregularidade", diz ele. Indignado, Augusto Franco tentou demiti-lo.

HONESTO — Caseiro, dedicado à família, Augusto Franco, 66 anos, há menos de um mês perdeu o filho Ariosto, vítima de um enfarte na Colômbia. Como o irmão, tem fama de honesto e irritadiço. Com a morte do filho, sua sensibilidade aumentou ainda mais, segundo os amigos. Para os que o conhecem, a acusação de que teria promovido uma negociata é infundada. "Augusto é incapaz de cometer um ato desonesto. Mas é ingênuo o suficiente para ser enganado pelos que o rodeiam", testemunha um amigo. No caso do HGJ, Franco pode mesmo ter-se metido num espinheiro. Há três meses, ele indicara um diretor para o hospital. Um mês e meio atrás, o diretor foi trocado, à sua revelia. Entrou no lugar José Maria Manso, apadrinhado do ministro da Saúde, Henrique Santillo. Na sexta-feira, Manso foi afastado pelo tempo que durar a auditoria. ■

ACIDENTE

Fogo nas ruas

Incêndio pára a capital do Espírito Santo

Um incêndio cinematográfico parou a capital do Espírito Santo, Vitória, quando uma loja de fogos de artifício explodiu no centro da cidade, na sexta-feira passada. No começo, parecia um espetáculo barulhento e iluminado, com fogos pipocando como num réveillon em Copacabana. Pouco tempo depois, com a sucessão de explosões de barris de pólvora estocados na loja, a paisagem mudou de figura. "Parecia um cogumelo de bomba atômica, de uns 20 metros de altura", relata o major Asdrubal Bremen Kamp, do Corpo de Bombeiros, que por coincidência passava de carro pelo centro e acionou sua corporação. O incêndio começou pouco depois do meio-dia, durou três horas e meia e feriu 35 pessoas, quatro gravemente. As labaredas eram tão altas que podiam ser vistas de vários bairros da cidade. Oito carros foram totalmente queimados e o trânsito no centro de Vitória ficou interrompido até a noite. Os bombeiros tiveram grande dificuldade para conter o fogo. Os hidrantes não tinham pressão e carros-pipa particulares foram convocados para ajudar.

JOGO DE EMPURRA — A loja de fogos, Casa dos Milagres, funcionava ilegalmente no mercado popular da Vila Rubim, o mais movimentado de Vitória, por onde passam diariamente 50 000 pessoas. O mercado, formado por um casario do século passado conjugado a galpões de teto metálico, teve um terço das 300 lojas destruídas. O fogo não encontrou obstáculos para se propagar nos precários boxes de 8 metros quadrados, em que funcionavam mercearias, açougues e lojinhas de artesanato. A Casa dos Milagres era uma das maiores lojas do local e tinha uma vizinha do mesmo ramo, também ilegal, que logo foi para os ares quando as chamas atingiram seu estoque. Centenas de pessoas que faziam compras no mercado fugiram, desesperadas.

A explosão de depósitos clandestinos de fogos de artifício é um daqueles dramas rotineiros no país. Misturam-se aí a irresponsabilidade de governos e a de comerciantes. Na semana passada, em Vitória, depois do fogo apagado e dos feridos hospitalizados, começou o jogo de empurra. A prefeitura informou que não tem ingerência sobre a área do mercado, e o governo lembrou que em 1982 fez um convênio com os comerciantes e transferiu para eles a responsabilidade pela administração. ■

Descobriu? Se não descobriu, tudo bem, a gente conta. Um dos motivos que faz de um Kildare um calçado ultra-confortável é o sistema stitch-out de construção, que são as costuras externas que você vê. Como as bordas do couro ficam para o lado de fora, o sapato é que se amolda ao pé e não o pé ao sapato. Uma solução simples, não é? Tão simples quanto as grandes idéias.

KILDARE®

CALÇADO COMEÇA COM K.



Basta olhar para um Kildare pra descobrir porque ele é tão confortável!

ANCELMO GOIS

Igreja conservadora no ar

A ala conservadora da Igreja vai controlar a TV Vida — a televisão do Instituto Brasileiro de Comunicação Católica, que irá ao ar em abril de 1995. Ligado à TFP e à UDR, o bispo de Botucatu, dom Antônio Mucciolo, preside o instituto. A emissora já levantou 4 milhões de dólares para a compra de equipamentos. O Bamerindus adiantou 1 milhão de dólares em publicidade.

Nde Eko Poran?

Nde Eko Poran? Alguém sabe o que é isso? Os estudantes cariocas vão poder pronunciar em autêntico tupi-guarani essa frase a partir do próximo semestre letivo. Essa idéia de índio é do Conselho Estadual de Educação, que aprovou a proposta do presidente da entidade, Bayard Boiteaux, de incluir a língua indígena como matéria optativa no currículo do 2º grau. Em tempo: "Nde Eko Poran?" significa "Você está bem?"

Maurílio paga a conta de luz

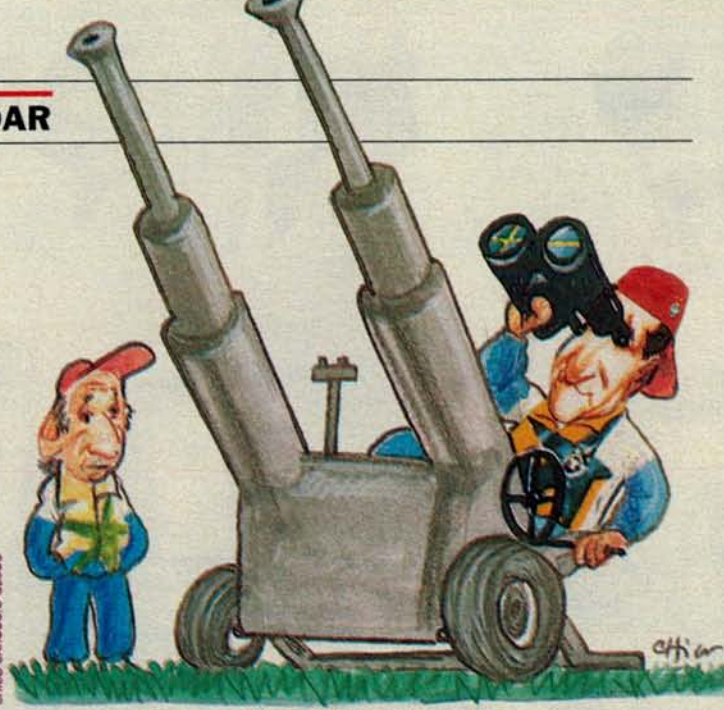
Do ponto de vista pessoal, quem mais sairá perdendo, caso o real naufrague, é o pitoresco deputado Maurílio Ferreira Lima. Candidato tucano ao Senado, Maurílio tem garantido nos comícios pelo interior de Pernambuco que até dezembro não haverá nenhum aumento na conta da luz. Se houver, ele paga a diferença do próprio bolso.

A poluição do real

A Feema — o órgão do meio ambiente no Rio — está de olho na Casa da Moeda. Com a produção do real, aumentou a poluição com cromo, níquel e estanho no Rio da Guarda, que passa próximo à Casa da Moeda. Os metais fazem parte da composição das tintas usadas nas novas cédulas.

Com medo da concorrência

O armador Fragozo Pires, que comprou a Companhia Nacional de Álcalis, pede ao governo uma alíquota de 25% para a barrilha americana. Deseja, assim, evitar a concorrência do produto estrangeiro, 20% mais barato do que o similar nacional. Se era para fazer reserva de mercado, era melhor a Álcalis continuar estatal.



— Preocupado com o jogo aéreo, Parreira?

Leão perdeu IPI nos automóveis

Nem sempre é verdade a idéia de que a arrecadação de impostos aumenta com a redução da alíquota para os carros e o conseqüente aumento da produção. Em abril, por exemplo, o leão abocanhou de IPI dos automóveis 29,08% menos que em abril do ano passado, embora a produção tenha crescido 34,04% no primeiro trimestre.

Razões da descrença

Cerca de 11% dos eleitores, ou seja, 11 milhões de brasileiros, ameaçam anular o voto na eleição presidencial. O Ibope foi saber as razões do desencanto

Não acredito mais nos políticos/suas promessas	43%
São todos corruptos/ladrões/sem moral	19%
Nenhum deles resolveria nossos problemas	10%
Nenhum deles me agrada	5%
Só há interesse próprio e não pela nação	5%
Ninguém é competente para o cargo	5%
São sempre os mesmos/nada fazem	4%
Nenhum deles tem um bom plano de governo	3%
Não me arrependo depois/não merecem meu voto	3%
Não sabe/não opinou/outros	14%

Cada pesquisado pôde indicar mais de uma alternativa. O Ibope ouviu 2 000 pessoas em todo o país de 2 a 6 de junho

Unimar é do Garantia

A rede de supermercados Unimar, da Bahia, vai ficar mesmo com o Banco Garantia, em parceria com a americana Wal-Mart. O negócio, estimado em 150 milhões de dólares, estava sendo disputado também pelos bancos Icatu e Pactual.

Parque de obras inacabadas

O Brasil está virando um cemitério de obras públicas paradas. São mais de sessenta, das quais vinte hidrelétricas. Nessa conta, só entra obra superior a 50 milhões de dólares. As pequenas estão fora.

Curtas

■ O governador Nilo Batista está sufocando financeiramente o procurador Antônio Carlos Biscaia. A estatal TurisRio cortou as passagens para os procuradores. Biscaia denunciou o envolvimento de políticos, inclusive Nilo, com o bicho.

■ Pesquisas no Rio Grande do Sul e no Paraná dão conta da situação de calamidade para Quércia. No Rio Grande, ele é rejeitado por 75% do eleitorado. No Paraná, por 70%.

■ Estrategistas da campanha de FHC planejam distribuir cofrinhos de moeda como brinde aos eleitores — caso a inflação baixe mesmo.



Soldados nas ruas de Caracas e a fila para receber a poupança surrupiada na quebra dos bancos: Caldera (à dir.) intervém no mercado financeiro, congela os preços e autoriza prisões sem ordem judicial

INTERNACIONAL

O efeito Bacardi

Pacotação na Venezuela mostra o que pode acontecer quando tudo falha: economia de guerra e suspensão dos direitos constitucionais

Na semana em que trocou de moeda e cruzou os dedos numa nova aposta de esperança, o Brasil recebeu, de um vizinho em apuros, uma inquietante advertência sobre o tipo de cenário que se poderia formar no horizonte caso o Plano Real se revele mais um tiro n'água. Com a moeda nacional em queda livre, os preços em disparada, tumultos pipocando pelo país e a população, em pânico, correndo para comprar dólares, o presidente venezuelano, Rafael Caldera, foi à televisão na segunda-feira dia 27 para desembulhar um pacote como há muito tempo não se via na América do Sul. Entre outras medidas extraordinárias, Caldera congelou os preços, fechou as casas de câmbio por uma semana e suspendeu garantias constitucionais, como o direito de propriedade — o tipo de arbítrio que, em

países onde a democracia é mais do que uma palavra escrita no papel, só se concebe em caso de guerra total. O governo agora pode prender pessoas sem acusação formal e confiscar propriedades por decreto. Na quinta-feira, os bancos foram também colocados sob intervenção governamental. "Tivemos de buscar outros caminhos porque os atuais não serviam mais", justificou Caldera. "Não podemos permitir que se esgotem as divisas do país."

Não se trata de um plano antiinflacionário, no estilo do Cruzado ou da dolarização argentina, nem de um golpe de Estado, como o desferido há dois anos pelo presidente peruano, Alberto Fujimori. Caldera agiu movido pelo desespero, sem alternativa diante da pior crise monetária da História do país. Desde fevereiro, quando tomou posse,

a moeda venezuelana, o bolívar, perdeu 80% de seu valor em relação ao dólar. As reservas cambiais, necessárias para pagar as importações e os juros da dívida externa, caíram de 12 bilhões de dólares para 8 bilhões em apenas cinco meses. A inflação, a mais alta do continente depois da brasileira, deverá chegar neste ano aos 70%, segundo as projeções mais otimistas. O resultado, numa economia sem indexação, são as depredações de ônibus e os saques a supermercados, reavivando o temor de uma revolta popular como a de fevereiro de 1989, em que morreram 300 pessoas.

DÓLARES NA MALA — A crise venezuelana não é nova. Remonta à década de 80, quando a queda dos preços do petróleo pôs fim a uma era de fartura sem igual. O



FOTOS BERTRAND PARIÉS/AFIP



CARLOS ÁNGEL GIMNIA

Ao abrir a caixa-preta do Banco Latino, as autoridades comprovaram o que todos já desconfiavam: corrupção, e da grossa. O banco, fundado no início da década passada, tornou-se um gigante financeiro sob a proteção de Carlos Andrés Pérez, o presidente que deixou o palácio através de um impeachment, em maio do ano passado, e atualmente acompanha o desenrolar da crise da penitenciária de El Junquito, em Caracas, onde está hospedado como corrupto. A intimidade do banco falido com o governo era tamanha que um de seus presidentes, Pedro Tinoco, chegou a ser colocado por Pérez no comando do Banco Central. A receita do sucesso: juros de 8% a 12% acima do mercado, um verdadeiro ímã para as poupanças da classe média. Para manter a fiscalização longe de seus escritórios, o banco emitia cartões de crédito para deputados e senadores, sem jamais enviar-lhes a cobrança.

BOMBA-RELÓGIO — Na segunda metade do ano passado, quando pintou a recessão e os depósitos minguraram, os acionistas e executivos do Banco Latino começaram a deixar o país. Alguns deles carregavam as malas abarrotadas de dinheiro. Milhões de dólares evaporaram em poucos meses. O principal suspeito é o ex-presidente do banco Gustavo Gomes López, uma espécie de PC Farias venezuelano. Homem mais odiado do país, López está aparentemente na Europa, foragido. Tinoco morreu em 1992. A juíza que investigou o caso mandou prender outras 82 pessoas, acusadas de fraude, mas apenas seis foram encontradas pela polícia. Entre os figurões com prisão decretada estão membros da fina flor da elite venezuelana, como os irmãos Ricardo e Gustavo Cisneros, donos de supermercados em vários países e grandes acionistas da Univision, a maior rede de televisão em língua espanhola dos Estados Unidos.

Para muitos venezuelanos, a gatuagem de colarinho branco foi o insulto final, depois de anos seguidos apertando os cintos em nome da austeridade econômica. Desde o início da política de ajuste neoliberal, em 1989, os salários perderam um terço do poder de compra, a classe média ficou 20% menor e a pobreza crônica

aumentou, atingindo hoje 45% da população. “As pessoas estão revoltadas”, constata o deputado opositor Gustavo Briceño, presidente da Comissão de Finanças da Câmara. “Elas tomam conhecimento de que o governo teve de esvaziar os cofres por causa de um punhado de corruptos, enquanto falta dinheiro para as escolas e os hospitais.”

A quebradeira atingiu o presidente Rafael Caldera como uma bomba-relógio que, deixada por Carlos Andrés Pérez, explodiu quando o novo governo, eleito à base das críticas à experiência neoliberal, mal ensaiava outra guinada, desta vez populista. Caldera, que já governou a Venezuela no final da década de 60, voltou à Presidência aos 78 anos, numa situação política precária. Recebeu apenas 30% dos votos e está em minoria no Congresso, onde conta apenas com o apoio de dois partidos: o Movimento para o Socialismo, de centro-esquerda, e a Convergência Nacional, formada por dissidentes democrata-cristãos. Antes do pacote, tinha 54% de rejeição popular e enfrentava o fogo cerrado do Congresso, que discutia um voto de desconfiança contra seu ministro da Fazenda, Julio Sosa Rodríguez. Em resumo, estava na situação mais desconfortável para um chefe de Estado, aquela em que já não se pode escolher caminhos, mas apenas reagir à catástrofe.

FISCAIS DO CALDERA — O pacote de Caldera lhe garantiu, ao menos, um breve período de respiro. “O presidente desfruta uma segunda lua-de-mel com a opinião pública”, avalia o economista José Antonio Gil Yepes. Como um termômetro do estado de espírito dos venezuelanos, os programas de rádio mais populares levaram ao ar centenas de telefonemas de

pacote da semana passada — ou “calderaço”, como já foi apelidado — tem como estopim um fato bem mais recente: a falência espetacular, em janeiro deste ano, do Banco Latino, o maior do país em depósitos, arrastando junto oito outros bancos privados e deixando sem dinheiro 1,2 milhão de venezuelanos (10% da população adulta). A lista de vítimas inclui os fundos de pensão das Forças Armadas, centenas de prefeituras e até a Embaixada dos Estados Unidos, que teve de trazer dólares do México para pagar seus funcionários. A bomba estourou nas mãos do governo, que, para segurar a quebradeira, emitiu até agora 6,1 bilhões de dólares — uma montanha de dinheiro, equivalente a 10% do produto interno bruto do país e 75% do orçamento estatal para 1994. De cada 4 dólares que o governo venezuelano pretendia gastar neste ano, 3 já foram tragados pelo maremoto financeiro.



Um país em ebulição

apoio ao presidente. O voto de desconfiança, agora, dificilmente será aprovado, e até a oposição de esquerda — concentrada na Causa Radical, um partido de base sindicalista muito semelhante ao PT — admite apoiar o pacote, só reclamando da demora em sua decretação. A tendência da maioria da população, em qualquer parte, é aplaudir o congelamento de preços, que no caso venezuelano inclui desde os alimentos essenciais até os serviços fúnebres e os ingressos de cinema. Como no Brasil do Plano Cruzado, alguns comerciantes serviram de boi de piranha, presos sob a acusação de esconder mercadorias, e já há casos de donas de casa repetindo o comportamento dos fiscais do Sarney — no caso, fiscais do Caldera. O problema é como sair do congelamento na hora, inevitável, em que os produtos sumirem das prateleiras.

Nos meios empresariais, o “calderazo” foi recebido com uma tempestade de críticas. O presidente da Associação Nacional das Indústrias, Carlos Angel Arango, qualificou as medidas como “incompatíveis com a economia de mercado”, e houve quem comparasse Caldera a seu colega peruano, Fujimori. Para a maioria dos críticos, o pacote não passa de um curativo superficial que pode estancar a hemorragia por algum tempo mas nada faz para curar o ferimento. “Os controles não resolvem o problema básico do país, que consome mais do que produz, nem o do Estado, que gasta mais do que arrecada”, afirma o deputado democrata-cristão Ramón Guillermo Avelledo. Poucos discordam do diagnóstico; difícil é aplicar a terapia. Para atacar a crise pela raiz — o gigantesco déficit público, que, agravado pelo socorro aos bancos quebrados, deverá atingir neste ano assombrosos 15% do PIB —, o governo teria, antes de tudo, que aumentar os preços do petróleo, o motor da economia do país. A gasolina venezuelana é a mais

■ **Fevereiro de 1989:** aumento de 100% nos preços dos transportes provoca três dias de saques e quebra-quebras. A repressão ao “caracazo” deixa mais de 300 mortos.

■ **Fevereiro de 1992:** oficiais liderados pelo tenente-coronel Hugo Chávez tentam depor o presidente Carlos Andrés Pérez, numa quartelada em que morrem 36 militares.

■ **Novembro de 1992:** Pérez sufoca nova tentativa de golpe de Estado. Morrem mais de cinquenta pessoas.

■ **Maiο de 1993:** Pérez é afastado da Presidência, acu-

sado de malversação de verbas. Em agosto, o Congresso aprova o impeachment do presidente.

■ **Janeiro de 1994:** falência do Banco Latino, no maior escândalo financeiro da História do país, deixa sem dinheiro 1,2 milhão de venezuelanos.

■ **Maiο de 1994:** a Suprema Corte ordena a prisão de Pérez, que é processado por corrupção.

■ **Junho de 1994:** o presidente Rafael Caldera congela os preços, intervém nos bancos e suspende as garantias constitucionais.



O “caracazo”: explosão de revolta com a alta dos preços



Chávez: golpismo



Pérez: do palácio à prisão

barata do mundo (5 centavos de dólar o litro), mas corrigir esse preço é mexer num vespeiro. Em janeiro, um pequeno aumento nos combustíveis provocou quebra-quebras no país inteiro.

DE ORLOFF A BACARDI — Outra questão-chave são os impostos. A evasão fiscal no país é calculada em 70% da arrecadação potencial. Caldera decretou impostos adi-

cionais sobre artigos de luxo e uma versão local do nosso IPMF, o imposto sobre os débitos bancários, no valor de 0,75% de cada cheque. Os próprios economistas oficiais, no entanto, reconhecem que as iniciativas são insuficientes, num país onde a confiança no sistema financeiro, que já era pequena, caiu agora para bem abaixo de zero. Quem pode manda o dinheiro para fora. Calcula-se em 50 bilhões de dólares os depósitos de venezuelanos no exterior, contra 12,7 bilhões existentes no país. O controle draconiano pode impedir que boa parte desse dinheiro bata asas, mas não há como trazer de volta o que já se foi.

Outrora invejada pelos vizinhos latino-americanos, a Venezuela se tornou o país mais instável da região. “Comparada ao Brasil, a Venezuela está muito pior”, dizia na semana passada o escritor Arturo Usllar-Pietri, um dos mais respeitados intelectuais do país. A crise, explicou, não é só econômica, mas também política, agravada pela indecisão do governo. O golpismo militar é um perigo real, que tem o rosto do ex-tenente-coronel Hugo Chávez, líder de uma quartelada em 1992, inspirador de outra e — anistiado por Caldera — venerado por muitos venezuelanos como herói. Para os brasileiros, que durante anos acompanharam a experiência da Argentina como uma amostra do que iria acontecer por aqui, a tragédia da Venezuela evoca um novo fantasma. Falava-se, em relação à Argentina, no “efeito Orloff”, referência a um anúncio de vodca com o mote de “eu sou você amanhã”. O Real, na trilha do Plano Cavallo, reafirma a idéia do exemplo portenho. Se o plano não der certo, a imagem do Orloff pode dar lugar à de outras bebidas — o pisco peruano de Fujimori ou o rum, a bebida nacional da Venezuela. Um pesadelo brasileiro com novo nome: efeito Bacardi. ■

Nos braços do povo

Arafat visita territórios autônomos palestinos, numa viagem histórica e emocionante

O autogoverno palestino nos territórios de Gaza e Jericó existe oficialmente há dois meses, desde que o Exército israelense entregou o controle das duas regiões à polícia palestina e bateu em retirada. Mas o momento mágico da autonomia, aquele instante simbólico que pode ser reduzido numa única imagem, quando quase 1 milhão de palestinos se sentiram de fato donos de seu destino, só ocorreu na sexta-feira passada, quando Yasser Arafat pisou em solo pátrio. Arafat, o líder histórico da luta nacional palestina, o Velho, Abu Ammar (seu nome de guerra), estava lá. Sob um calor escaldante, cruzou a pé a fronteira com o Egito e entrou em Gaza. Ajoelhou-se e beijou o chão. Quando ergueu o rosto, chorava.

A caravana de carros que percorreu os 25 quilômetros de poeira até a cidade de Gaza — com Arafat aboletado no teto solar de um Mercedes blindado acenando para o povo — foi o ponto de partida da louca festa popular numa dimensão que as etapas do acordo de paz com Israel ainda não tinham sido capazes de provocar. “É um grande dia”, maravilhou-se a dona de casa Intisar Abdel Karim, 36 anos, no meio da multidão que recepcionou o líder palestino. “Abu Ammar voltou para casa.” Arafat não punha os pés em Gaza desde o final dos anos 60, quando andou secreta-

mente pela região recrutando guerrilheiros.

Desta vez, ele viajou sob a proteção cerrada do Exército israelense, que montou sua maior operação para garantir a segurança de um único homem desde a visita a Israel do presidente egípcio Anuar Sadat, em 1977. No discurso em praça pública, diante de dezenas de milhares de palestinos em festa, Arafat mostrou-se conciliador. No coração de Gaza, fortaleza de seu rival Hamas, o grupo islâmico radical que se opõe aos acordos com Israel, Arafat pediu por seu fundador, Ahmed Yassim, condenado à prisão perpétua pelos israelenses. Prometeu que a autonomia palestina avançará de cidade em cidade até atingir Jerusalém. “De Gaza iremos a Hebron e Nablus e Tulkarm e Beit Jalla e Beit Sahour e, finalmente, a Jerusalém”, anunciou.

PEDAÇO DE DESERTO — A declaração não é daquelas que causam sucesso entre os israelenses — no mês passado, quando Arafat exortou à guerra santa para libertar Jerusalém, Israel entrou em surto. Desde



Arafat chega a Gaza: “Ele voltou para casa”

então, ele tem feito tudo o que pode para acalmar as tensões que cercam o futuro da parte árabe de Jerusalém, uma monumental encenação cuja discussão ficou para o fim do período de cinco anos de autonomia. Enquanto esse dia não chega, Arafat precisa provar que a OLP é capaz de administrar as duas áreas autônomas — Jericó, um enclave com 25 000 habitantes, e a Faixa de Gaza, um pedaço de deserto à beira-mar apinhado de favelas.

Trata-se do embrião do Estado palestino e de um osso duro de roer. Gaza é um dos rincões mais pobres do Oriente Médio, com renda per capita de 800 dólares. Cinquenta por cento da população ativa está desempregada, e cerca de 340 000 pessoas vivem em acampamentos para refugiados. Jericó, onde a OLP instalará sua sede administrativa, é pouco mais que uma aldeia. Como Arafat apoiou o Iraque na Guerra do Golfo, seus patrocinadores sauditas fecharam as torneiras e a organização palestina está de caixa baixo. Na sexta-feira, graças à chegada de ajuda americana e norueguesa, os palestinos tinham 60 milhões de dólares — dinheiro suficiente para sustentar o governo autônomo por quatro meses.

Um abacaxi completo? Problemas sempre foram o forte da região. A viagem de Arafat dimensiona o tamanho do avanço na solução do conflito israelense-palestino. Os inimigos do acordo — radicais dos dois lados — bem que tentaram estragar a festa com protestos e atentados. Mas o fato é que os dois povos já descobriram que é possível conviver. ■



Recepção de herói em praça pública: radicais não impedem o processo de paz

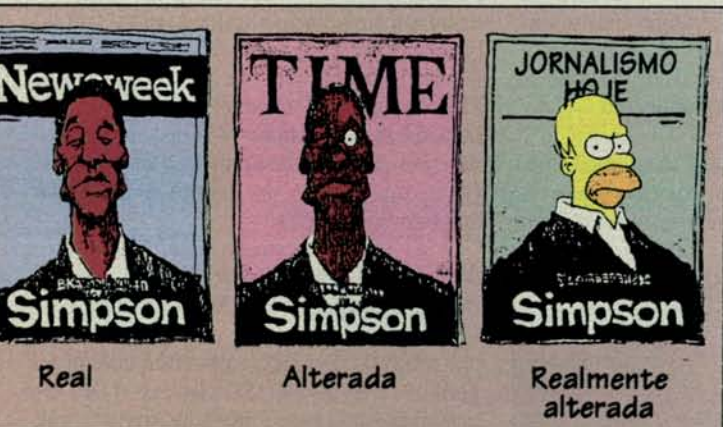


Kimberly Bergalis: revelações no leito de morte

A lenda da falsa virgem

Até morrer devastada pela Aids, em 1991, aos 23 anos, a americana Kimberly Bergalis usufruiu a compaixão devida às vítimas de uma tragédia. Sua história: adolescente virgem, fora contaminada durante tratamento dentário por um dentista aidético. Primeiro caso do gênero, Kimberly ficou célebre e ganhou altas indenizações. Na semana passada, a TV mostrou uma história diferente — de tom pseudomoralizador. Num vídeo feito por uma seguradora, Kimberly, em seu leito de morte, relata suas experiências sexuais com um namorado. O objetivo da seguradora: provar que Kimberly foi uma farsa.

ROBERT YOIRK/SIPA PRESS



Real

Alterada

Realmente alterada

JIM BORGANKING FEATURES SYNDICATE

Imagem para uso comercial

Atenção candidatos: não usem em vão a imagem de Nelson Mandela — isso pode custar um dinheirão. Ele é o primeiro presidente a licenciar seu nome, assinatura e retrato para fins comerciais. "Mandela era explorado em toda a sorte de mercadorias", justifica a tesoureira do Congresso Nacional africano, Dawn Zain. O dinheiro servirá para saldar dívidas do partido. Mandela não é o único, fora do esporte e do show business, a colocar sua imagem à venda. O papa João Paulo II fez o mesmo há dez anos, para financiar uma viagem pela Europa.



Nelson Mandela: dinheiro para dívidas de campanha

GAMMA

Vale tudo para aparecer

O ex-presidente americano Ronald Reagan obviamente detestou a notícia. Ele morreu de Aids, dizia um obituário na *Colors*, revista da Benetton, em mais uma de suas campanhas de mau gosto. Reagan aparece numa foto manipulada com um câncer de pele comum em portadores do HIV. "A Benetton parece acreditar que venderá seus produtos com ofensas", reagiu um porta-voz do ex-presidente.



AGOSTINI/GAMMA LIAISON

O falso Reagan: com Aids

O que eles disseram

"Não tenho nada contra (Silvio) Berlusconi, que faz seu trabalho, nem contra os fascistas, que fazem seu trabalho, mas tenho muita coisa contra os italianos que votaram neles. Neste momento me sinto antiitaliano."

Umberto Eco, escritor italiano

Conchavos de dinossauros

Desde a II Guerra, os dois partidos eram inimigos jurados de morte. Na semana passada, o conservador e corrupto Liberal Democrático, que governou durante 38 anos, e o Socialista (linha soviética) aliam-se para formar o novo governo do Japão — a maioria dos ministérios ficará com o PLD. O novo primeiro-ministro, Tomiichi Murayama, é um veterano socialista com fama de conciliador. Ninguém aposta no futuro dessa bizarra aliança.



Murayama

AFP

Merenda politicamente correta

O governo americano implicou com a merenda escolar, rica em gorduras, e baixou um novo cardápio, a ser debatido pelas escolas. Tudo muito saudável — e muito sem graça, do jeito que a garotada odeia. Veja as novidades:



Saem:
Batatas fritas
Cachorros-quentes
Frango frito
Refrigerantes

Entram:
Frutas e vegetais
Grãos
Salsicha de peru
Hambúrguer de peru

NORTON

FAÇA SEU SONHO REAL

e descanse feliz no seu novo quarto escolhido entre inúmeras opções



De segunda a sábado, das 9:30 às 22h. Domingos e feriados, das 9 às 19h.

SHOWROOM TECIDOS: Rua Teodoro Sampaio, 1779 - Tel. (011) 883-0442

Agora com estacionamento na
Rua Fradique Coutinho, 324



ATLANTICA
MÓVEIS E DECORAÇÕES

Rua Fradique Coutinho, 500 - Tel. (011) 813-8056
Rua Teodoro Sampaio, 1860 - Tel. (011) 813-5000
Rua Teodoro Sampaio, 1749 e 1755 - Tel. (011) 883-5076
Rua Fradique Coutinho, 352 - Tel. (011) 852-1114
Rua Teodoro Sampaio, 1455 - Tel. (011) 280-0720 - Pinheiros - São Paulo
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 1022 - Tel. (011) 64-6796 - Jardins - São Paulo

Quem garante que a Elgin, uma empresa
pode produzir uma linha completa de i

A alta te

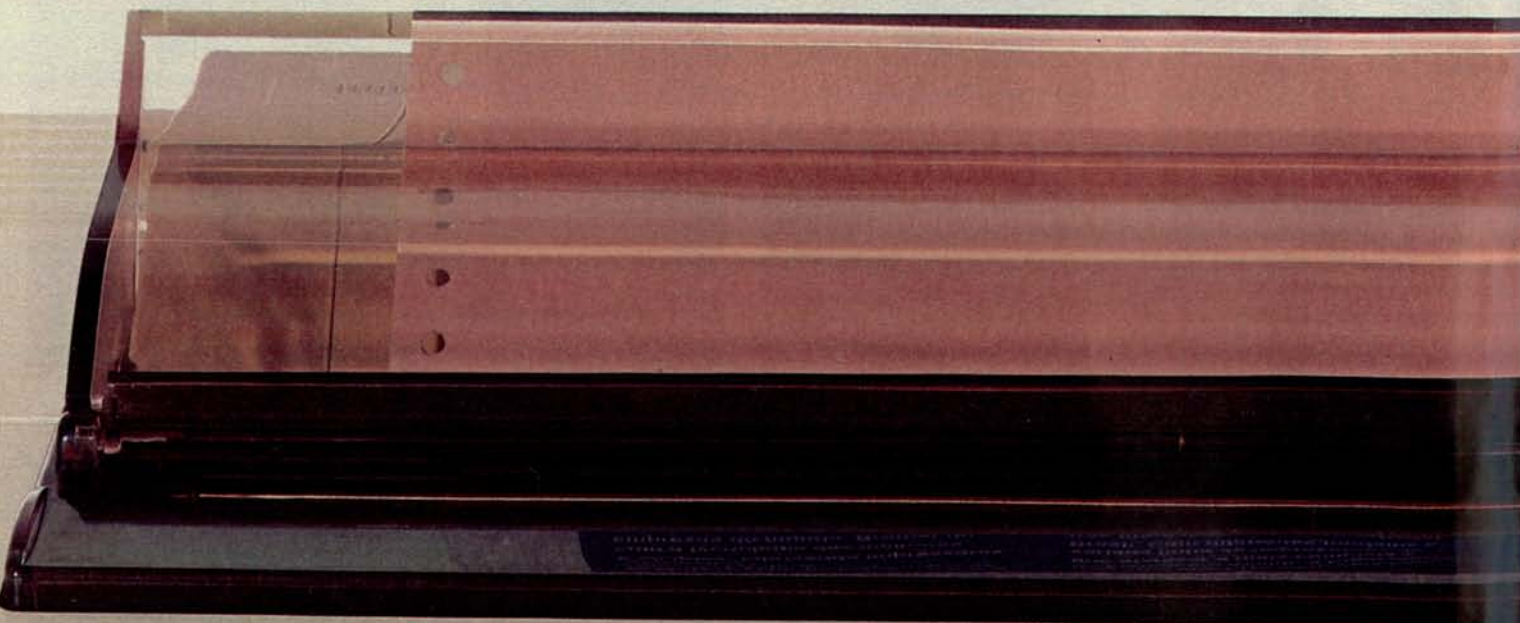
brother®

MANNESMANN
TALLY®

Você deve estar pensando: o que a Elgin está fazendo no mercado de informática?

É simples: fabricando impressoras com a tecnologia das melhores empresas do mundo. Brother do Japão, Samsung da Coreia,

Genicom dos EUA e Mannesmann da Alemanha. Assim, a Elgin consegue oferecer a mais completa e variada linha de impressoras do Brasil. Com diferentes modelos e três tipos de impressão: matricial, linear e laser. É a mais avançada



a tradicional em máquinas de costura,
mpressoras de alta tecnologia?

cnologia.

GENICOM

SAMSUNG

tecnologia em impressoras com a
garantia do nome Elgin.
E se até hoje, quando você ouvia
falar em Elgin, pensava em máquina
de costura, agora Elgin também vai
virar sinônimo de impressoras de
alta tecnologia.

ELGIN
PRINTERS

A Linha Completa



Os gêmeos Matías e Gonzalo: "Longe da mãe biológica e da mãe real"



Juan e Maria Rosa: desaparecidos



Miara e Beatriz: seqüestro e afeto

JUSTIÇA

Filhos da guerra suja

O drama dos gêmeos Reggiardo, que preferem viver com o policial acusado de matar seus pais verdadeiros

Na literatura clássica, Édipo, que desconhece suas origens, mata o pai para se casar com a própria mãe. Quando sabe a verdade, enlouquece. Isso é uma tragédia grega. Os gêmeos Matías e Gonzalo Reggiardo Tolosa são protagonistas de uma tragédia moderna, tipicamente argentina: roubados, recém-nascidos, da prisão na qual seus pais "desapareceram" para sempre em 1977, brigam na Justiça pelo direito de continuar vivendo com o seqüestrador. Com a difícil escolha entre o delito comprovado e a vontade dos meninos, a Justiça empurra o processo, adiando o veredicto polêmico.

O primeiro ato do drama ocorreu há dezessete anos, quando os dois nasceram na prisão, filhos dos presos políticos María Rosa Tolosa e Juan Enrique Reggiardo. Os recém-nascidos foram levados pelo policial Samuel Miara, que os registrou como seus filhos. Durante dez anos, a família Miara viveu a ilusão de que o passado estava enterrado. Em meados da década de 80, foram localizados pelas Avós da Praça de Maio, um ramo das célebres Mães da Praça de Maio, com a agravante de terem perdido netos além dos filhos durante a

guerra suja dos anos 70. Desde 1984, a Argentina dispõe de um Banco de Genética para identificar filhos de desaparecidos. Há mais de 320 amostras doadas por parentes de desaparecidos, e um promotor especial averigua casos suspeitos. Quando as investigações chegaram à sua porta, Miara fugiu com a mulher, Beatriz, e os gêmeos para o Paraguai. Em 1990, um ano após a queda da ditadura de Alfredo Stroessner, foi extraditado.

BESTA-FERA — Somente então Matías e Gonzalo souberam da verdade — mas o que significa "pais verdadeiros" para crianças que vivem bem com o pai e a mãe adotivos? Miara, que conhecidos descrevem como pai amoroso, era uma besta-fera nos calabouços do regime militar, famoso por estuprar presas. Na cadeia desde 1991 por ter seqüestrado as crianças e forjado suas certidões de nascimento, ele se diz um policial comum que jamais fez isso ou matou alguém.

Os gêmeos integram um grupo estimado em pouco mais de 200 crianças que vieram ao mundo em circunstâncias idênticas e depois sumiram. Até hoje, apenas 55 foram

localizadas — trinta delas já foram restituídas a seus familiares, mas treze recusaram-se a deixar os pais adotivos. O que torna os irmãos Reggiardo um legado particularmente chocante da guerra suja é o fato de terem sido seqüestrados e criados por um homem que não apenas é um algoz identificado por suas vítimas, mas também suspeito de ter matado seus pais verdadeiros. Há sete meses, a Justiça os entregou ao tio Eduardo Tolosa, irmão da mãe. No mês passado, numa reviravolta que escancarou as feridas deixadas pela guerra suja, na qual morreram mais de 10 000 pessoas, os gêmeos anunciaram que querem voltar a viver com os pais adotivos. "Se ao nascer nos separaram de nossa mãe biológica, agora nos afastaram de nossa mãe real", protesta Gonzalo, que só se diferencia do irmão pelos cabelos compridos. Nenhum deles acredita que o pai adotivo tenha sido um torturador.

A Justiça, num reflexo da perplexidade e angústia do país diante dos horrores de seu passado recente, não sabe o que fazer. Menores de 21 anos, segundo a lei argentina, não podem decidir com quem vão morar. Provisoriamente, por determinação do juiz que cuida do caso, eles estão com uma família substituta. Há poucos dias, o juiz permitiu que visitassem Miara na cadeia, arrancando protestos das entidades de direitos humanos. "Miara fez uma lavagem cerebral nas crianças e continua a influenciá-las", reclama o tio Eduardo. Segundo uma pesquisa, 80% dos argentinos acham que a decisão deve ser deixada aos adolescentes. O veredicto da Justiça, quando vier, será de um tipo que não fará a felicidade de ninguém. ■

As duas únicas concessões da Rolls-Royce e Bentley ao Brasil:

De volta às aulas

Uma pequena cidade de Minas Gerais acaba com a evasão escolar e ganha elogios da Unicef

Campos Altos, cidade de 15 000 habitantes no interior de Minas Gerais, não aparece sequer nos mapas do Brasil, mas deveria. O município tem recebido elogios da Unicef, a agência das Nações Unidas para a infância e a adolescência, porque resolveu um de seus problemas mais graves — a evasão escolar na época da colheita de café. Até o ano passado, três em cada dez alunos das escolas de Campos Altos abandonavam a sala de aula no começo de safra para ajudar os pais na roça e nunca mais voltavam a estudar. Como resultado disso, o município era um dos últimos no ranking de escolaridade em Minas Gerais.

Neste ano, tudo mudou. O problema foi resolvido em forma de mutirão pelos moradores de Campos Altos. A primeira medida, tomada pela prefeitura, foi despachar grupos de recenseadores para percorrer cada casa do município e descobrir quantas crianças havia fora da escola na época da safra. Descobriu-se que, além da necessidade de reforço da mão-de-obra familiar na lavoura, havia outra razão para a fuga das crianças da escola: durante a colheita, as mães também iam para a roça e os filhos não tinham com quem ficar em casa depois da aula. Assim, as mães levavam as crianças logo de manhã para o cafezal.

Disso tudo resultaram três providên-

cias. Agora, as crianças de Campos Altos podem ficar na escola o dia inteiro, em vez de apenas um período de manhã ou à tarde. Também recebem duas refeições da merenda escolar, em vez de uma. Esse reforço na merenda, feito com alimentos doados por comerciantes e fazendeiros, representa grande economia nas despesas domésticas dos agricultores, o que compensa a perda da mão-de-obra infantil na colheita. Para as crianças maiores de 10 anos, que ficam só um período na escola, a prefeitura criou frentes de obras nas ruas da cidade, em que elas ganham meio salário mínimo para trabalhar depois da aula. É outra boa ajuda no orçamento doméstico numa região em que a renda média familiar é inferior a um salário mínimo mensal.

A evasão escolar no meio rural é um dos problemas sérios da educação brasileira. Segundo o IBGE, a maior parte da mão-de-obra de 2 milhões de crianças entre 10 e 13 anos está concentrada no campo. Esse contingente infantil chega a 116 000 na agricultura de Minas Gerais. Entre 10% e 15% da mão-de-obra na

produção de café do Estado é constituída de crianças. As estatísticas também mostram que, de cada 1 000 crianças que começam a estudar, só 392 terminam o 1º grau, sendo que, dessas, apenas 24 fazem o curso completo sem repetir o ano. “A experiência de Campos Altos é um exemplo a ser seguido”, comenta Mário Ferrari, representante da Unicef em Brasília. “É um erro imaginar que a ausência das crianças na escola é culpa dos pais. O problema é que as escolas não estão preparadas para abrigar esses alunos.” ■

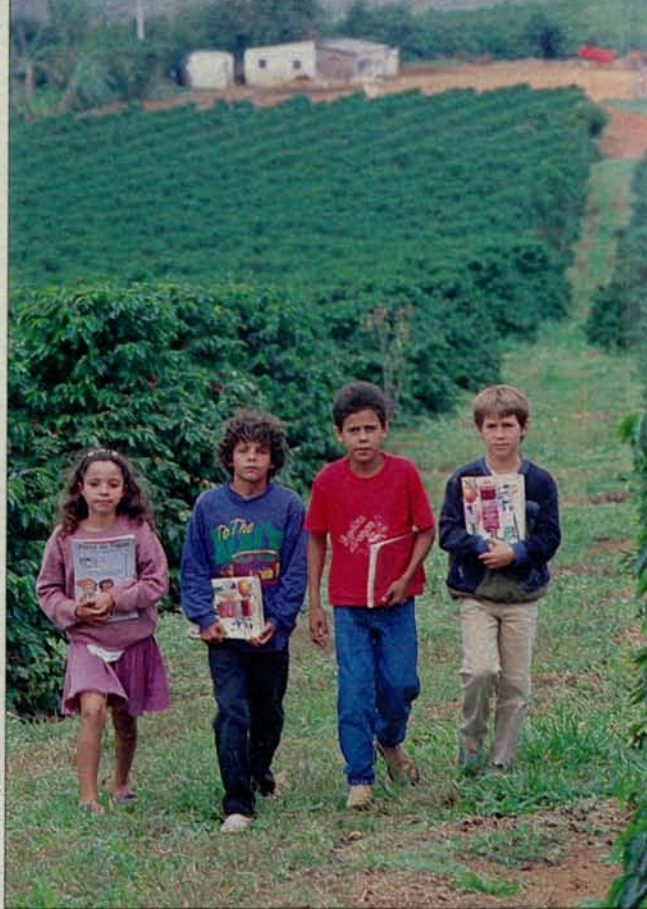
As escolas adotivas

Em Pernambuco, outra parceria pouco comum está melhorando a educação de milhares de crianças nos bairros da periferia do Recife. É um programa do governo pelo qual grandes empresas e escolas ricas adotam escolas pobres nas favelas. Ao fazer isso, a empresa ou o colégio rico se compromete a treinar os professores da escola pobre, dar uma contribuição mensal em dinheiro para

sua manutenção e fornecer material escolar e merenda para as crianças que nela estudam. Em troca, tem direito a um abatimento nos impostos que deve ao governo estadual. Os resultados até agora são animadores: seis empresas e dois colégios de classe média alta adotaram oito escolas nos bairros pobres nas quais estudam 9 300 crianças carentes. Outras três escolas devem ser adotadas até o final do ano.

Na lista das empresas estão a Xerox, a Brahma, a construtora Encol e a companhia estadual de energia elétrica. A primeira escola rica a adotar uma escola pobre foi o Colégio Recanto, um dos mais caros do Recife, onde estudam os filhos do prefeito Jarbas Vasconcelos e os do deputado federal Roberto Freire. Desde o ano passado, o colégio se responsabiliza pela escola comunitária da favela de Vila Aritana, em que estudam 250 crianças pobres. Como parte do programa, os alunos e pro-

fessores das duas escolas se visitam periodicamente. “É importante que uns conheçam a realidade dos outros”, diz Fátima Moraes, diretora do colégio. A adoção de escolas no Recife é um bom exemplo de como a comunidade pode enfrentar seus próprios desafios e solucioná-los com um pouco de boa vontade e certa dose de imaginação. Basta que os governos locais se interessem pela providência e que as comunidades se mobilizem.



Crianças a caminho da escola: bom exemplo

A Via Reggio Veículos.

Férias semi-radicais

Disposição é o que se exige de aventureiros iniciantes, mesmo sem preparo físico

Célia Diceri nunca imaginou, na sua tranqüila rotina de professora de 1º grau, viajar 370 quilômetros para entrar numa caverna escura, repleta de morcegos, aranhas e centopéias. Muito menos rastejar na lama e mergulhar numa água de aparência suspeita. Célia, de 28 anos, não sabe nadar, não é dada a aventuras e nunca praticou nenhum esporte. Nem sinuca. Mas seu marido é louco por aventuras, esportes radicais, e lá foi ela acompanhá-lo. Suja de barro, arranhada, ela maldizia o dia em que nasceu até que o guia da excursão fez brilhar um pouco mais a chama da lamparina que carregava. A professora pôde ver na caverna formações rochosas deslumbrantes e uma piscina natural. “Parecia um sonho, nunca vi nada igual”, conta Célia, ao lembrar seu passeio ao Parque Estadual do Alto Ribeira, no interior de São Paulo.

Exploração de cavernas, descer uma correnteza num bote de borracha no Rio Juquiá, em São Paulo, alpinismo na Bahia e cami-

nhadas em trilhas peruanas — todas essas modalidades de esportes radicais podem não ser tão radicais assim. Várias agências de turismo estão oferecendo pacotes com versões facilitadas de excursões ecológico-esportivo-aventureiras. “Só é preciso um pouco de coragem e disposição”, diz João Ricardo Marincek, um dos sócios da agência Venturas e Aventuras, de São Paulo, que organiza excursões à Chapada Diamantina, no sertão baiano, para quem quer aprender — por 440 reais — a escalar montanhas e iniciar-se na arte das longas caminhadas. Não há limite de idade nem de preparo físico para passar férias com uma pitada de adrenalina.

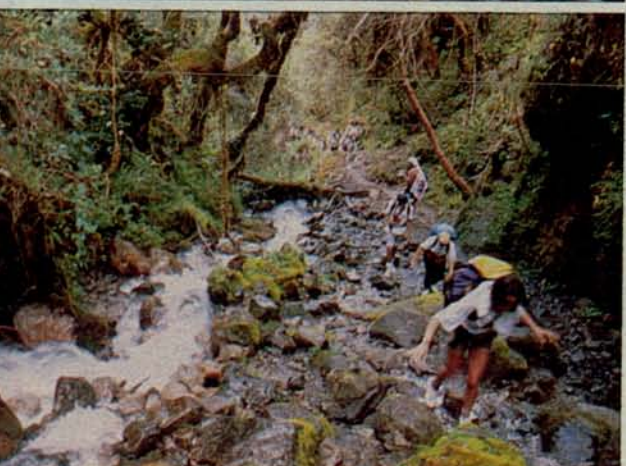
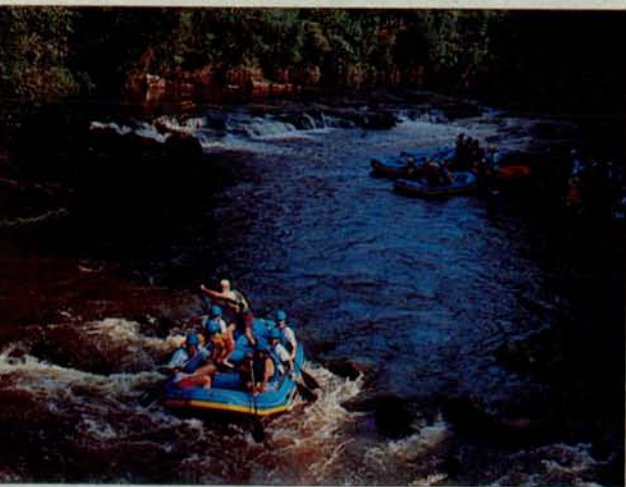
Até mesmo crianças podem participar dos roteiros para principiantes oferecidos pelas agências. “Meus filhos aproveitaram mais do que qualquer um do grupo”, diz a dona de casa Liamara Santos, 32 anos, que viajou com suas três crianças para a Chapada Diamantina. Eles se hospedaram em Lençóis, uma cidade colonial, onde só dormiam. Logo de manhã, saíram para as longas caminhadas. Numa delas, atingiram a Cachoeira da Fumaça, a segunda mais alta do país, com 400 metros. Ela é tão alta e tão quente que, no calor, a água evapora antes de tocar o solo. Até o filho de 8 anos de Liamara participou do passeio, que durou onze dias.

JACARÉS — Na Chapada Diamantina, os turistas chegam a caminhar cerca de 12 quilômetros por dia. Muití-

Aventuras de todo tamanho: dos botes no Rio Juquiá (acima) às caminhadas no Peru



Cachoeira da Fumaça: evapora antes dos 400 metros



simo para quem não está acostumado. Pouco para os profissionais do ramo. “Para uma caminhada ser considerada longa tem de ter mais de 18 quilômetros de distância”, diz o fotógrafo Esdras Martins, da agência Trilhabrazil, de São Paulo. A sua empresa organiza viagens pelas trilhas incas, o caminho que liga a cidade peruana de Cuzco às ruínas de Machu Picchu. É uma das viagens mais longas e mais caras — 1 850 dólares por dezesseis dias, com todas as despesas incluídas. A maior parte da excursão é feita a pé, num frio de deixar um esquimó nauseado.

O cenário de novelas também pode ser roteiro de férias para turistas radicais aprendizes. A Chapada dos Guimarães, a 70 quilômetros de Cuiabá, onde foi filmada a abertura da novela *Fera Fervida*, é uma das opções. A Ipá Ti-Uá Vivência Ambiental oferece um pacote de sete dias, por 430 dólares, que começa na Chapada e termina no Pantanal Mato-Grossense. A agência carioca CCTour, também na rota do Pantanal, organizou uma viagem de onze dias. A maior parte dela é feita numa chalana — precário barco de dois andares. Quase todas as excursões pela região costumam organizar caminhadas noturnas para contemplar jacarés. Há gostos, desde que se queira um mínimo de aventura. O único requisito é não esperar as regalias de um hotel cinco estrelas, e sim a adrenalina e o suor dos esportes quase radicais. ■



E a direção do lado esquerdo.



Simone e a filha, Stefanie: em busca de praticidade

LALO DE ALMEIDA

ses A e B são criadas à base de importados. O mercado cresce. Em 1990, a Baby Dreams era uma loja carioca de importados para crianças. Atualmente, é uma rede de franquias com 36 lojas, cada uma com cerca de 1 600 produtos. Outra rede, a Today's Baby, foi criada há três anos e já conta com 28 franqueadas. A paulista Bebê Chic abriu quatro filiais em menos de dois anos.

INVENÇIONICES — “Grande parte desses produtos é inócua, pura filigrana”, diz o pediatra Mauro Fisberg, chefe de nutrição da Escola Paulista de Medicina. Ele dá um exemplo: “O esterilizador de microondas tem o mesmo efeito de ferver uma mamadeira. A diferença é que é muito mais caro”. O pediatra Mario Taralli, neonatologista de São Paulo, acrescenta que há alguns produtos bastante úteis. “Os bicos ortodônticos são importantes porque não forçam o palato da criança e favorecem uma dentição mais perfeita”, diz. Ele considera positiva a concorrência dos importados porque força a melhoria dos nacionais. “Até pouco tempo atrás, não havia chupeta ortodôntica brasileira”, conta. Outro produto que considera um bom achado é o bico de mamadeira que simula o mamilo. “Não existe uma mamadeira nacional com o bico que apresente a mesma dificuldade que a sucção do seio”, explica Taralli, “e por isso a criança costuma largar o peito assim que começa a usar mamadeira.” No mais, Taralli considera que estão importando muitas invenções sem nenhum efeito prático. “Aquelas mamadeiras com válvula que não deixam o bebê engolir ar até funcionam, mas é mais fácil a mãe posicionar qualquer outra mamadeira comum da maneira correta”, diz o pediatra.

Se os importados não ganham a unanimidade dos pediatras, pode-se garantir que têm a preferência das mães mais abonadas. “Começamos a comprar importados por exigência das clientes”, diz Jacira de Carvalho, gerente da loja Primeira Idade. “Há seis meses, deixamos de comprar carrinhos nacionais porque as mães só queriam importados, mesmo que sejam cerca de 50% mais caros.” Outro fator que impulsiona o mercado a abrir cada vez mais lojas é o atrativo do inusitado. Objetos visualmente intrigantes costumam instigar o instinto consumista materno. É o caso de uma tiara inflável, parecida com uma bóia, que impede o xampu de cair no olho da criança, ou de um abajur musical que projeta imagens coloridas no teto. ■

CONSUMO

Chupeta esplêndida

As lojas de importados crescem com produtos úteis e várias bugigangas supérfluas para o mercado de recém-nascidos

É hora da mamada. A mãe pega a mamadeira esterilizada no microondas e põe o leite. Percebe que a mamadeira ficou roxa, sinal de que o leite está frio. Esquenta mais um pouco e o plástico se torna cor-de-rosa. O bebê suga o bico de silicone que imita um mamilo e tem uma válvula de escape que impede a criança de engolir ar. Bem alimentado, o bebê recebe a chupeta, é colocado num balanço que vai niná-lo sem o esforço materno — é movido a pilha — e contempla imagens projetadas por um abajur no teto. Para apreensão da mãe, a chupeta indica que o bebê está febril. A bolinha termotática ficou preta. Rápida, ela estica um termômetro digital sobre a testa do filho. Em quinze segundos, a temperatura exata aparece em números vermelhos. Com a visita a uma única loja de produtos para bebê de alguma capital brasileira, é possível adquirir todos os utensílios para protagonizar uma cena como essa. “Não pretendo ter babá por muito tempo. Quero trabalhar e preciso de praticidade”, diz a decoradora Simone Ser-

son, 29 anos, mãe de Stefanie, de 15 dias. Simone comprou um esterilizador e pratinhos para microondas, babá eletrônica (aparelho que transmite os sons do bebê para outro ambiente), mamadeiras e chupetas — tudo importado.

O enxoval de eletrodomésticos de Simone seria inimaginável há alguns anos, quando as mães brasileiras contavam apenas com os produtos da indústria nacional de puericultura. Hoje, as crianças das clas-



Práticos e inúteis: projetor de imagens sonífero, mamadeira que informa se o leite está quente, chupeta indicadora de febre, babá eletrônica para o sossego da mãe e tiara antixampu

FOTOS LUIZ GOMES



V I A R E G G I O

IMPORTADOR EXCLUSIVO PARA O BRASIL



SE VOCÊ PENSA QUE ELE ESTÁ FELIZ

A C E R

Se você é daqueles que pronunciam o nome Acer tal como se escreve, errou. Acer se pronuncia assim: "Eicer". Em compensação, se você pensa que a Acer é uma das líderes mundiais em tecnologia de informática, está presente em mais de 100 países e que, no Brasil, já é uma das líderes em vendas de computadores, acertou em cheio. Acertou também se pensar que a Acer tem uma linha completa de equipamentos - desde um notebook para uso pessoal até o mais rápido superservidor para grandes empresas. E para a sua tranquilidade a Acer tem um compromisso com você: a garantia AcerCare de 3 anos. A melhor e mais completa do mercado, com assistência técnica gratuita em todo o território nacional. Acerte na marca do seu computador o mais rápido possível. Fale com a gente e descubra o que é ser um feliz usuário Acer.

Ligue para a ACBR, distribuidor exclusivo Acer no Brasil: 0800-11-9444 (ligação gratuita).

Acer



RESPOSTAS PARA UMA NOVA ERA.

PORQUE COMPROU UM ACER

TOU





A top model da Suécia.

Bonita, ágil e cheia de disposição. Assim é a top model da Husqvarna. Criada por uma família tradicional de motosserras, para servir homens decididos, que não gostam de fazer muito esforço. Ela **corta madeiras mais duras e faz trabalhos florestais pesados** com a maior facilidade. E sem reclamar. É inteligente, e sabe quando deve parar. Pois possui um **sistema de freio automático**, que é acionado em qualquer situação de perigo, travando a corrente numa fração de segundos em caso de rebote. Tem um **sistema anti-vibratório através de amortecedores**, que reduz as vibrações do motor, proporcionando mais prazer e segurança, além de diminuir os riscos de doenças de trabalho. E os demais itens de segurança



Sistema Air Injection

que são incorporados de série. Mas isso não é tudo. A **Husqvarna 257** também é muito equilibrada. Seu centro de gravidade fica próximo do operador, tornando-a mais fácil de carregar e usar. Possui **válvula descompressora**, que permite arranques suaves. E tem o exclusivo **sistema Air Injection**, que mantém o filtro de ar limpo até **10 vezes mais** que qualquer outro sistema. Este dispositivo prolonga a vida útil do motor e proporciona maior economia de combustível. E sabe o que mais? A Husqvarna 257 ainda tem outras 9 irmãs. Todas bonitas, inteligentes e adequadas para cada necessidade. Enfim, é uma família de causar inveja.



UMA EMPRESA DO GRUPO Electrolux

A Editora Abril instalou suas Centrais de Atendimento em nove capitais do país, para você ter uma linha direta de comunicação na hora de obter todas as informações de que precisar. Alterações de endereços, pedidos de novas assinaturas e muitos outros serviços estão sempre à sua disposição. As centrais são equipadas com a mais moderna tecnologia e o atendimento é feito por uma equipe especialmente treinada. Ao ligar, você terá uma resposta muito mais rápida, utilizando seu Código de Assinante, que se encontra na etiqueta da sua revista e no cartão de assinante, na última capa do carnê. Alguma dúvida? É só ligar. Na Central de Atendimento ao Assinante, você está sempre em primeiro lugar.



**CENTRAL
DE ATENDIMENTO
AO ASSINANTE**

Ligue das **8h às 18h** para:

Belo Horizonte . (031) 261-7070
 Brasília (061) 321-8855
 Curitiba (041) 252-5566
 Florianópolis (0482) 24-7598
 Porto Alegre (051) 229-4177
 Recife (081) 424-1655
 Rio de Janeiro . (021) 295-5544
 Salvador (071) 371-5577
 São Paulo (011) 823-9222

Ou escreva para:

Editora Abril

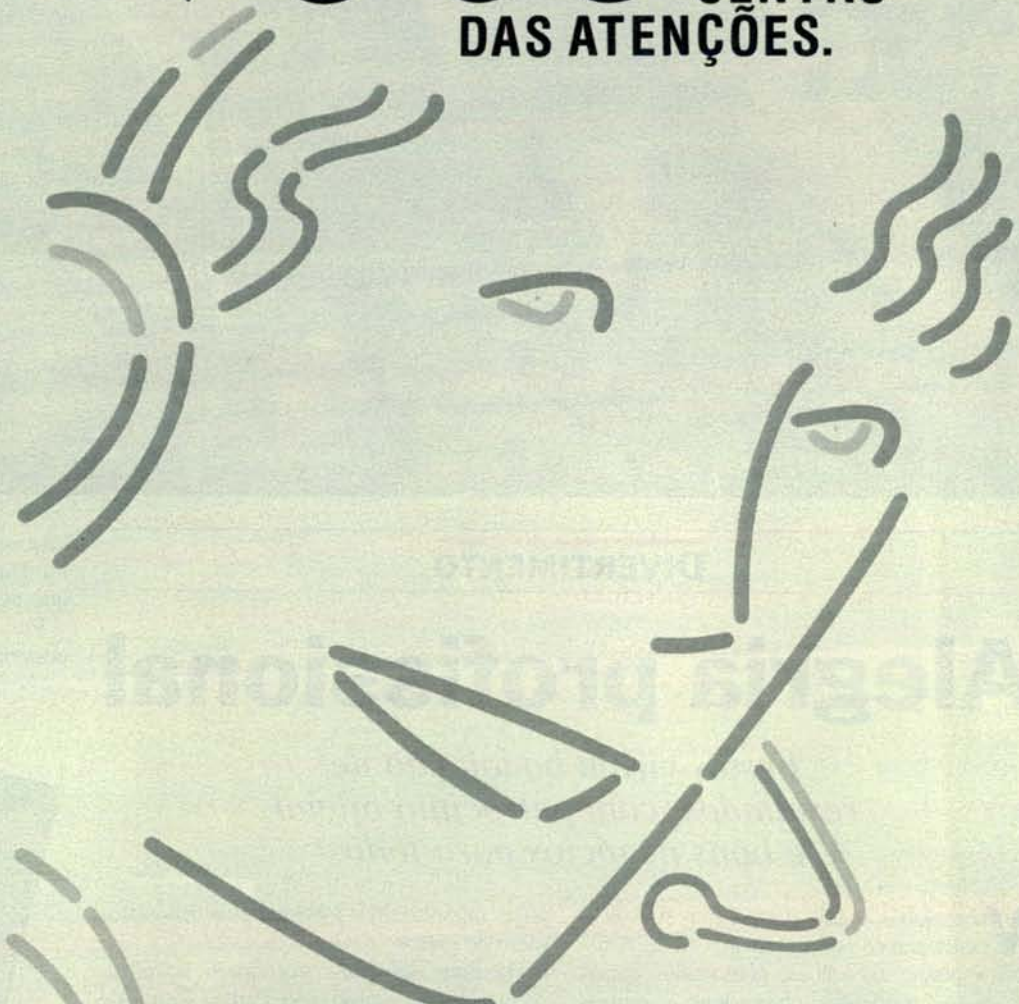
Assinaturas

Rua do Curtume, 769

CEP 05066-900 - São Paulo - SP

VOCÊ

**NO CENTRO
DAS ATENÇÕES.**



Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones ao lado ou envie este cupom. Preencha este Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você altera o endereço de recebimento de sua revista. Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço de 3 a 4 semanas após recebermos o seu pedido.

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

VE-1347

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior e preencha os dados abaixo:

Código de Assinante

Nome

CEP antigo

Atenção: você encontra seu Código de Assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas ou na contracapa do carnê.

Novo endereço

Bairro CEP

Cidade Estado Tel.



EGBERTO NOGUEIRA



Silvia, Madureira, Ana Maria e Mariutti (à esq.): animação nos salões. Liège e Lalá (acima): tudo por um convidado

15 000 dólares e contou com o precioso patrocínio de uma confecção, uma empresa de cosméticos e uma marca de uísque importado. "A festa estava cheia, mas ótima", diz a atriz e modelo Petê Marchetti, uma das beldades que agitavam a pista de dança.

Por trás desse novo tipo de festa, que poderia ser classificado como badalação

DIVERTIMENTO

Alegria profissional

Festas viram badalação de resultados, com patrocínio oficial e bons negócios para todos

Vista sob o ângulo das colunas sociais, a vida parece realmente uma festa. Anfítrões abrem os salões, convidados capricham nos modelitos, champanhe e ânimos borbulham, combinam-se negócios, conhece-se gente interessante. Nessas horas, quem há de pensar na conta? Ocorre que, sim, a conta pesa. Promover uma boca-livre custa caro e está cada vez mais distante a época em que os socialites, artistas e figuras badaladas em geral só precisavam lustrar a prataria e reforçar a criadagem para receber convidados. Com o caviar pela hora da morte, as festas mais disputadas se transformaram hoje em promoções — um negócio muito sério para ser deixado nas mãos de festeiros amadores. São pagas por patrocinadores e organizadas por especialistas. Caso se consiga uma boa causa para transformar a festa em evento beneficente, então, melhor ainda. Nesse caso, os convidados podem até

pagar ingresso, mas a bebida e os tira-gostos saem de graça.

Há duas semanas, um típico acontecimento desses agitou São Paulo. Cerca de 600 pessoas acorreram ao Royal Clube, um casarão do século passado no bairro da Barra Funda, e pagaram 15 URVs por cabeça para participar da Grande Festa do Chapéu. A folia, dirigida à ala jovem, foi em benefício dos Águias das Cadeiras de Rodas, time de basquete de paraplégicos. Custou

Animação na base da fantasia

Para a turma mais jovem, a moda em matéria de diversão noturna é a velha festa a fantasia. Essa "novidade" surgiu entre os adeptos do role playing game, RPG, o jogo em que cada participante desempenha



ANTONIO MILENA

Andrea e Daniela: bebês

teatralmente um personagem. Para dar mais realismo às histórias, os jogadores começaram a se fantasiar de verdade



OSCAR CABRAL

profissional, existe algo mais do que noites alegres: trata-se de um ótimo negócio para quem as promove e para quem as patrocina. "Faz parte da estratégia de marketing da empresa dar uísque para eventos frequentados por formadores de opinião", diz o gerente de produto do scotch J&B, José Roberto Crosera, que no ano passado reservou 8 400 garrafas só para molhar a garganta de convidados de festas badaladas, que não desembolsaram um tostão pelas doses. Para quem organiza as festas, o retorno vem em forma de promoção do próprio nome ou imagem. "Cada ocasião dessas se transforma num cartão de visita para mim", diz o ator Cacá Ribeiro, um dos organizadores da Festa do Chapéu, que não esconde a pretensão de em breve se tornar empresário da noite.

Para que promotores e patrocinadores tenham o retorno esperado, é preciso, naturalmente, que as pessoas certas estejam no salão — só assim no dia seguinte haverá comentários nas colunas sociais, com fotos,

e a prosseguir na brincadeira mesmo depois de terminada a partida. "A festa vira um verdadeiro exercício de imaginação", comenta o carioca Bruno Mac Cord, 21 anos, que já organizou vários eventos desse tipo em boates. As festas a fantasia ganharam vida independente dos adeptos do RPG. Há três semanas, a paulista Giovana Capobianco deu sua festa de 15 anos num

bar badalado e mandou todos os amigos irem fantasiados. Ela vestiu-se de princesa. Suas amigas Andrea Dama, 16 anos, e Daniela Levy, 15, foram de bebê. Tinha gente vestida de freira, de enforcado e de viking. "Eu queria algo diferente", comemorou Giovana, "e só três convidados vieram com roupas normais."



ANA OTTONI/FOLHA IMAGEM

Peté, na Festa do Chapéu: ingresso pago

de preferência. Quem ler vai achar que está perdendo alguma coisa na vida. Poucos suspeitarão da natureza comercial daquele brilhareco todo. Conseguir a presença de um colunável, como o paulista Chiquinho Scarpa, numa festa não exige muito trabalho de persuasão. Em certos casos, ele aceita comparecer em troca de um cachê. Chiquinho cobra de 2 000 a 5 000 dólares para aparecer numa festa — e afirma doar essa renda extra para os pobres. As outras pessoas vão de graça, mas é preciso convencê-las. Entra aí um personagem fundamental na organização das novas festas: o promotor. Basicamente, o promotor é alguém muito bem relacionado nos diversos setores da sociedade, capaz de fazer um convite ser aceito tanto por um

banqueiro como por um cantor de rock. Naturalmente, ele cobra por seus serviços, e cobra caro.

"Escolho meus convidados um a um, percorrendo uma agenda de 12 000 nomes, e as pessoas prestigiam o evento em atenção a mim", diz a paulista Alice Carta, que há sete anos mantém essa atividade, cobrando de 20 000 a 100 000 dólares para organizar uma festa. Na lista de Alice, cada nome aparece acompanhado de um número de 0 a 3, escala que define desde os convidados potenciais mais ilustres até aqueles que só recebem convites se eles estiverem sobrando. A promoter carioca Ana Maria Tornaghi garante que escolhe um a um seus convidados numa lista de 100 000 nomes, que inclui celebridades como as atrizes Liza Minnelli, Candice Bergen e Ursula Andress. "A verdade é que as pessoas vão às festas pela oportunidade de realizar contatos", diz Liège Monteiro, outra badalada fazedora de festas no Rio de Janeiro. "Hoje elas são armadas em função da troca, do lobby; frequentá-las é uma atividade essencialmente política", completa sua colega Lalá Guimarães.

RECEITA — Nas festas de antigamente, combinar com criatividade os convidados era uma tarefa do anfitrião, com base no princípio de reunir pessoas que tivessem o que conversar entre si. Nas atuais, essa alquimia mudou. Deve-se estar atento ao que cada convidado pode oferecer ao outro. O empresário paulista José Victor Oliva, dono da boate The Gallery, onde uma festa padrão sai por volta de 40 000 dólares, tem uma fórmula própria. Sua receita de festa perfeita inclui 20% de poderosos (empresários e banqueiros), 20% de borbulhantes (atrizes de TV, jogadores de futebol), 20% de gente bonita (modelos, rapagões atraentes), 20% de gente inteligente (que excepcionalmente pode ser bonita ou feia, rica ou pobre) e um lastro de 20% de gente que não se pode deixar de convidar.

Essa última categoria realiza os sonhos dos profissionais da badalação de resultados: são pessoas que estão em todas as listas de convidados e não precisam de ajuda para encher a própria festa de gente famosa. É o caso do editor Pedro Paulo de Sena Madureira, que nos últimos dois anos se tornou um símbolo do mundanismo chique no eixo Rio—São Paulo. "Nas minhas festas, as atrações são os convidados", diz o editor, que confraterniza com intelectuais da estirpe da escritora Lygia Fagundes Telles e com socialites, como os paulistas Sílvia Kowarick e Germano Mariutti. Sem gente como Madureira, ensinam os promotores, não há caviar — nem investimento — que faça de uma festa um sucesso. ■

A BESTA.



Este veículo da Kia Motors é o utilitário mais vendido do país, o único da sua categoria que pode transportar mais de 1 tonelada, 18 crianças ou um time de futebol.

Mas tem gente que não consegue ver isto.

Seu nível de ruído é baixíssimo, o motor é diesel e ele tem ar condicionado e direção hidráulica.

Mas tem gente que não consegue ver isto.

Graças às três portas, é ideal para carregar grandes volumes. Os bancos podem se transformar em camas, e se virarmos o banco central, o veículo ganha um salão de jogos

O BURRO.



para os adultos ou um playground para as crianças nas viagens.

Mas tem gente que não consegue ver isto.

Ele tem apoio em todo o país dos 36 revendedores Kia Motors, uma das maiores redes entre os importados. E o cartão **KIA BEST SERVICE** garante assistência técnica 24 horas em qualquer ponto do território nacional.

Mas tem gente que não consegue ver isto.

A Kia Motors chamou um veículo tão inteligente como este de Besta.

E você: que nome daria para quem não consegue ver nada disto?



LIGAÇÃO GRATUITA 0800-169-169

Algumas mulheres ainda estão



na fase de aumentar a idade.

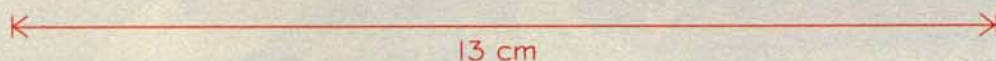


Infantil
é quem
não usa.

PUC

NUNCA 13 CM FIZERAM TANTA DIFERENÇA NUM REFRIGERADOR.

PROSDÓCIMO 



Inovação, pioneirismo e liderança sempre fizeram parte da história da Prosdócimo. Tudo começou em 1961, quando ela criou o primeiro freezer brasileiro. Depois, ela fez o freezer vertical mais vendido do país e lançou o conceito system de produtos casados. Agora, a Prosdócimo está completando sua linha com mais um grande lança-

mento: novo refrigerador Prosdócimo. Freezer em cima, refrigerador embaixo. Igualzinho a muitos outros que você já viu por aí, mas com uma peça que faz a grande diferença: a marca Prosdócimo na porta. Pode confiar.

CONFIANÇA TEM NOME.

PROSDÓCIMO®



O monge sai da sombra no Vietnã

Italo Zappa abandona a aposentadoria no Leblon para ser embaixador em Hanói

SILVIO FERRAZ

A volta de Zappa. Parece até título de filme mexicano. Mas não é. O que se sussurrava nos corredores do Itamaraty virou realidade. Aos 68 anos, o legendário embaixador Italo Zappa interrompe a aposentadoria e regressa à trincheira da política exterior brasileira. Convocado pelo chanceler Celso Amorim para ocupar a embaixada de Hanói, a capital do Vietnã, Zappa aguarda o *agrément* — aprovação — do governo vietnamita e a autorização do Senado brasileiro para fazer as malas. No caso, duas malas.

Numa, arruma dois ternos escuros cortados pelo alfaiate carioca Alberto Marques — que corta também os zeros da conta de seu freguês de trinta anos. Junta uma dúzia de camisas brancas *made in Hong Kong*, cinco gravatas, dois pares de mocassins italianos, cinco camisas esporte, sempre azuis, e duas calças Levi's compradas na loja Western, da Wisconsin Avenue, em Washington, há exatos dezoito anos. Na outra, arruma livros inseparáveis, um sobretudo, duas tábuas de esticar as mais diversas massas italianas e sua máquina de café expresso, que ele carrega há outros trinta anos. E o garboso fardão, aquele com chapéu de plumas, que os diplomatas usam de vez em quando? Roubado, o fardão de Zappa acabou flagrado como destaque no bloco carnavalesco Unidos da Muqueca, nas ruas de Barra do Piraí, no Rio de Janeiro, onde o embaixador nasceu.

Zappa é um monge. Um monge magérrimo, de gestos suaves, mais enrugado que um pergaminho. Presentes, o diplomata os doa ao patrimônio das embaixadas em que serve. Mordomias são dizimadas. Em Pequim, onde foi embaixador entre 1982 e 1986, vendeu as três Mercedes negras da embaixada e comprou um reluzente microônibus Nissan. "Era mais prático, mais econômico, cabia mais gente e punha um ponto final naquela ciumeira entre os visitantes que queriam ir no carro do embaixador", explica, com falsa candura, dedos amarelecidos pela fumaça dos cigarros japoneses Mild Seven, dos quais não se separa.

Com todas as suas esquisitices, Zappa é profissionalíssimo. Ao se formar no Instituto Rio Branco, Zappa confrontou-se com uma realidade extraordinária. Constatou que o Itamaraty deveria chamar-se Ministério das Não Relações Exteriores. "O Brasil não tinha relações com mais da metade do mundo", desolava-se. União Soviética, China, África e Ásia, com exceção do Japão, eram tão desconhecidas para a diplomacia

nacional quanto o outro lado da Lua. Filho de um imigrante italiano da cidade de Paola, uma das mais feias da Calábria, o jovem Zappa consolou-se: "Se não havia relações com o mundo, eu teria toda uma vida para trabalhar por elas". E, turrão como todo calabrês, assim fez. Em sucessivos governos, Zappa colaborou, de maneira aberta ou com manobras sibilinas, para que o Brasil tivesse relações com toda a comunidade internacional. Com a deposição de João Goulart, o pano caiu na cena de Zappa. O então chanceler Vasco Leitão da Cunha confinou-o na divisão de orçamento do Itamaraty. Imaginava afogá-lo em números. Enganou-se. O diplomata cortou zeros de um lado e de outro. Proibiu o uso de carros oficiais, racionalizou remoções e acabou com recepções inúteis. "Foi um dos períodos mais felizes da minha vida profissional", festeja, envolto em fumaça.

Paradoxalmente, foi durante o regime militar que Italo Zappa encontrou o apoio para ampliar as fronteiras diplomáticas brasileiras. Em agosto de 1974, Golbery do Couto e Silva, chefe da Casa Civil do presidente Ernesto Geisel, concluiu a coreografia que levaria o Brasil a estabelecer relações diplomáticas com o colosso chinês. Sempre jogando à sombra, Zappa insiste: "Fui apenas figurante". Qual nada. Seus memorandos secretos voavam da mesa do chanceler Azeredo da Silveira para o gabinete de Geisel. O próximo alvo estava marcado: o império colonial português.

Zappa detectara a manobra cosmética do governo português depois da Revolução dos Cravos. Num golpe semântico, os portugueses queriam perpetuar a presença na África transformando os então Territórios Ultramarinos em Estados Associados. Em julho de 1974, dentro da política do pragmatismo responsável, o governo Geisel reconhecia a independência de Guiné-Bissau. Em Angola e Moçambique, com guerrilheiros lutando contra tropas portuguesas, o trabalho de gabinete não bastava. Em dezembro de 1974, em missão secreta, Zappa embrenhou-se na savana africana para se encontrar com o líder de Angola, Agostinho Neto, e o de Moçambique, Samora Machel. O diplomata garantiu aos dois chefes rebeldes, em encontros separados, o apoio brasileiro. A ambos chamou de presidente. Não se enganaria. Passados seis meses, Samora Machel assumia o poder em Moçambique. Pouco depois, Agostinho Neto estava à frente do governo angolano.

Cumprida a missão, Azeredo da Silveira o chamou: "O leque está aberto. Para onde você quer ir?" "Maputo", respondeu Zappa. Silveira levou o assunto a Geisel, que deixou passar duas semanas até encontrar Zappa e perguntar se ele queria mesmo ir para Moçambique. "É uma questão de coerência, presidente", respondeu. Em Moçambique, os refugiados políticos brasileiros se inquietavam. Pela primeira vez aportaria um embaixador de verdade. Com ele viriam agentes do SNI? Que faria esse tal de Zappa?, indagavam. A primeira providência do "tal de Zappa" foi convocá-los à embaixada. Um convescote? Não, uma festa de

O diplomata dizima mordomias. Em Pequim, vendeu as três Mercedes e comprou um microônibus. "Era mais econômico, cabia mais gente e punha um ponto final na ciumeira dos visitantes que queriam ir no carro do embaixador", diz



cidadania. Zappa entregava passaportes, sacramentava casamentos, registrava os filhos dos brasileiros asilados. "Nada mais fiz do que cumprir a Constituição", pondera. Quatro anos depois, Zappa deixa Maputo e se apresenta ao chanceler Saraiva Guerreiro. Repete-se o diálogo. "Para onde quer ir?", perguntou Guerreiro. "Manágua", respondeu Zappa. Guerreiro reagiu: "Não. Aí mesmo é que vão dizer que você é comunista".

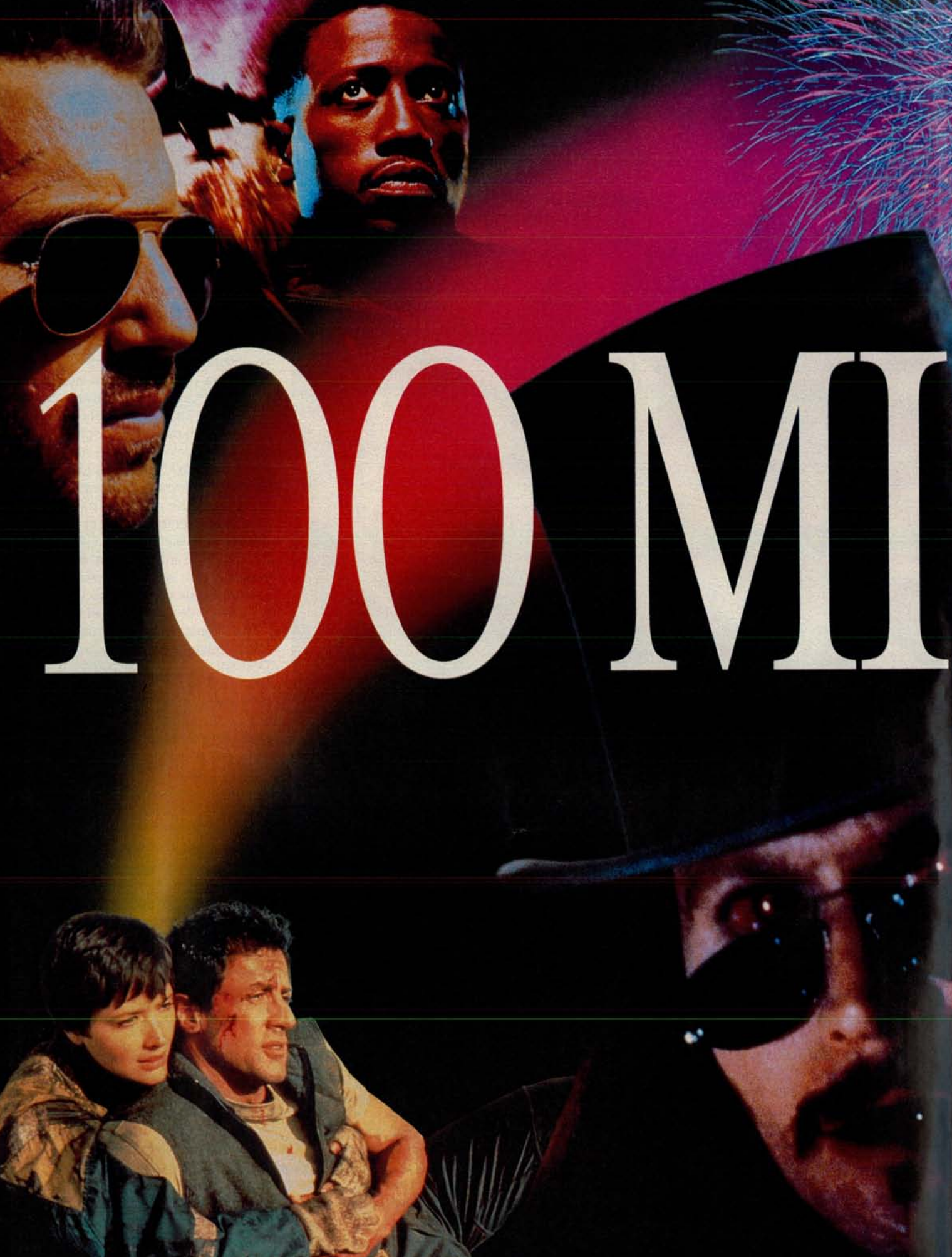
Zappa saiu do gabinete e entrou em hibernação no desprezado DEC, o Departamento de Escadas e Corredores, como os diplomatas chamam o limbo em que pairam as almas penadas dos diplomatas sem posto. Zappa foi para o Baixo Leblon, região boêmia e folclórica do Rio de Janeiro, onde moram duas

de seus quatro filhos. Lá se dedicou à pizza, para alegria de seus netos e desespero dos amigos íntimos. Em Brasília, Guerreiro se contorcia. Ter um diplomata do calibre de Zappa como pizzaiolo é pesadelo para qualquer chanceler. Dez meses depois, manda um emissário oferecer Pequim e ele aceita.

O "quente" à época, entre os diplomatas, era o Consulado do Brasil em Hong Kong. "Impressionante como o país anda na contramão. Apostam em Hong Kong, com a Inglaterra já tendo acertado sua devolução à China", comentava o nacionalista Zappa. Aproveita para fustigar os neoliberais. "Um país não se constrói com as sobras do desenvolvimento alheio. É fundamental a construção de um modelo próprio", defende. Isolacionismo? "Não", garante Zappa. "Simplesmente a constatação de que é um blefe essa história de que os grandes centros irradiam prosperidade. Se assim fosse, a América Central, o Caribe seriam paraísos. Nunca houve nenhuma restrição ao capital americano, e o que vemos é um quadro de miséria desolador."

Mais quatro anos se passam e Zappa novamente arruma as malas. Destino: Havana. Sua bagagem ganha o cachorro "Tu" (terra, em chinês), que salvou da panela do cozinheiro da embaixada. Uma verdadeira fera que, uma noite, quase consegue o que a CIA gastou anos tentando: atacar Fidel Castro. No dia seguinte, o chefe do Estado-Maior do Exército levou a Zappa uma cadela cocker spaniel, "Shima", presente de Fidel. Tu foi levado para um campo de reeducação canina. Shima lhe trouxe problemas no Brasil. O prédio onde morava, em Niterói, não aceitava cachorros. Zappa mudou-se para o Leblon para poder ficar com Shima.

Hanói, para a maioria dos diplomatas condenação ao desterro e às chamas do inferno, para Zappa é o coroamento de um trabalho diplomático paciente e meticuloso. O estabelecimento de relações com o Vietnã começou anos antes, quando Zappa devolveu ao então Vietnã do Norte os bens da abandonada Embaixada do Vietnã do Sul em Brasília: poltronas velhas, mesas e uma caminhonete. Era o primeiro gesto em direção ao reconhecimento. Havana seria palco para o segundo ato. Zappa e o embaixador do Vietnã apertaram formalmente os laços entre os dois países. "Só falta reatar com a Coreia do Norte, mas o momento agora não é o apropriado", reconhece Zappa. Seus olhos brilham com mais intensidade. Para quem o conhece, não há dúvidas. O demolidor de mitos já escolheu seu próximo alvo. ■



100 MI



LHÕES

Em todo o mundo, 100 milhões de pessoas já estão vivendo um novo padrão mundial de televisão. A partir de 1º de julho, a história da sua televisão também vai mudar.

HBO[®]

SIMPLESMENTE O MELHOR

Consulte o operador de TV por assinatura da sua cidade.

© 1994 Home Box Office, a division of Time Warner Entertainment Company, L.P. All rights reserved. ® Service marks of Time Warner Entertainment Company, L.P.

CAL ITAÚ

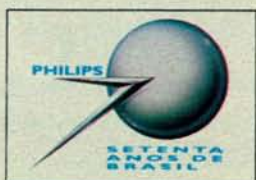
Excelência

DA CAL



A certificação ISO 9002 enche as Empresas Itaú de orgulho. A Companhia Cimento Portland Itaú de São José da Lapa - MG, uma de suas nove unidades, tornou-se a primeira produtora brasileira de cal a receber a ISO 9002. Através deste certificado, a Itaú supera seus mais rigorosos conceitos de qualidade em instalação, controle de processo e atendimento ao cliente, equiparando-se, assim, a Japão, Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra e Espanha - países integrantes da Organização Internacional de Normalização. A cal produzida pela Companhia Cimento Portland Itaú atende aos mais importantes setores produtivos do país: siderurgia, papel e celulose, açúcar e álcool, tratamento de água, indústrias químicas, fabricação de alumínio, construção civil e agricultura. A certificação da Cal Itaú só se tornou uma realidade graças à sua política de modernização, que faz pesados investimentos em tecnologia e aperfeiçoamento dos recursos humanos sem descuidar da preservação ambiental. Isto é qualidade. Isto é excelência. Isto faz da Itaú uma empresa modelo até para o primeiro mundo.

**SE A SUA CENTRAL TELEFÔNICA ESTÁ MAIS
ATRASADA DO QUE TREM DA CENTRAL,
MUDE PARA O SOPHO iS 3000 DA PHILIPS.
A NOVA FORÇA DE EXPRESSÃO
DA SUA EMPRESA.**



0800 111 728
INFORMAÇÕES E SERVIÇOS AO
CONSUMIDOR • Ligação gratuita



GRACIOTTI

SOPHO iS 3000. ESTE É PHILIPS. ESTE CONTÉM FUTURO.

SOPHO iS 3000. Toda a tecnologia de ponta da Philips, contida nas mais avançadas centrais telefônicas. Lançamento mundial simultâneo, que sua empresa pode ter agora. **SOPHO iS 3000.** O sistema de telefonia perfeito para empresas de todos os tamanhos. Com a experiência mundial da Philips.

Philips
Telecomunicações



PHILIPS

A onda gelada

O inverno chega com neve, recordes de temperaturas negativas e frio até na região amazônica

Uma massa de ar polar vinda do Oceano Pacífico cruzou o norte da Argentina e o Paraguai e avançou sobre a Região Sul do Brasil. Essa notícia, rotineira para qualquer ouvinte de boletins meteorológicos, tornou-se na semana passada um fenômeno surpreendente. A tal massa de ar polar era diferente das outras que costumam invadir o país nesta época do ano. Era extraordinariamente gelada e fez tiritar de frio uma região que vai do extremo sul brasileiro à Amazônia. Em Porto Velho, capital da calorenta Rondônia, o termômetro marcou 11,8 graus centígrados no domingo. Os cariocas vestiram casacos por conta dos 6,7 graus, temperatura inédita desde 1933. Houve recordes de temperaturas abaixo de zero em vários pontos do país. Na turística Poços de Caldas, em Minas Gerais, o mercúrio baixou para 7,2 graus negativos. A cidade mineira registrou um frio mais intenso que a tradicionalmente gélida São Joaquim, em Santa Catarina, onde nevou. Na pequena cidade gaúcha de São José dos Ausentes, a neve chegou em plena hora do almoço e caiu durante três horas. O gelo formou uma camada de 15 centímetros sobre os gramados. Os 2 000 habitantes ergueram bonecos de neve e brincaram com bolas de gelo, como se estivessem nos Alpes suíços.

A onda de frio produziu duas perguntas na cabeça dos brasileiros. Como é possível temperaturas tão baixas menos de uma semana depois do início oficial do inverno? O clima desses dias significa que o inverno deste ano vai ser mais rigoroso que o normal? Os únicos brasileiros que não se preocuparam com o assunto foram os estudiosos das ciências atmosféricas. Para eles, é tudo muito comum. O que aconteceu na semana passada ocorre

em todo inverno, é uma das características da estação. O problema desta vez foi a intensidade, exagerada. "Foram algumas coincidências que tornaram essa massa de ar polar mais forte que as outras", diz o meteorologista paulista Carlos Magno. "Ela entrou totalmente pela área continental, sem se dissipar pelo oceano, era muito fria e seca e chegou no período do ano em que as noites são mais longas, portanto, quando há menos sol para amenizar o frio", explica. No mais, trata-se de um fenômeno atmosférico recorrente.

EMPURRA-EMPURRA — Tentar entender o clima é uma atividade tão antiga quanto a própria existência do homem na Terra. É do comportamento do clima que dependem as colheitas no campo, o conforto e a sobrevivência da vida no planeta. De alguns anos para cá, porém, a discussão ganhou um tom panfletário. Na década de 80, tornou-se moda entre os ecologistas denunciar o que chamavam de efeito estufa, o aquecimento global do planeta provocado pela poluição ambiental. Estudos mais recentes de cientistas americanos e dinamarqueses chegaram a uma conclusão oposta: a Terra estaria entrando num de seus ciclos milenares de resfriamento gerado por uma queda na atividade solar. Isso explicaria os invernos rigorosíssimos no Hemisfério Norte e as inundações nas regiões tropicais durante o verão. Como se vê, até hoje não se pode afirmar se o clima está esquentando ou esfriando.

A única certeza é de que frio e calor se alternam de maneira regular nos diversos pontos do planeta obedecendo à mudança das estações. Isso é resultado de dois fenômenos simultâneos. O primeiro é produzido pela inclinação do



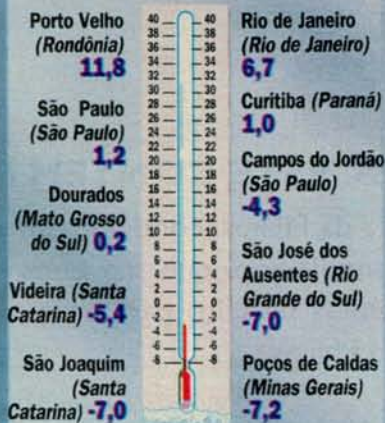
eixo da Terra em relação ao plano da órbita que ela percorre em torno do Sol. Essa inclinação faz com que os raios atinjam o planeta de maneira desigual. Se o eixo fosse perpendicular à órbita, não haveria estações. Esse fenômeno é acompanhado por outro, dentro da própria atmosfera terrestre: o deslocamento de massas de ar frio e quente. Ele segue uma lei da física, segundo a qual uma massa de ar frio tende a ocupar o espaço de uma de ar quente, por ter pressão maior.

Esse movimento de empurra-empurra de massas quentes e frias muda as temperaturas, produz chuvas e ventos. Quando é inverno no Hemisfério Sul, os raios solares aquecem menos essa região do planeta e permitem que as massas de ar frio avancem com maior liberdade até as zonas mais próximas do Equador. Isso explica a chegada do frio da semana passada até o sul da região amazônica. "Até o momento, a ciência não consegue determinar quando uma massa de ar vai-se deslocar, com que intensidade ou velocidade", afirma o professor Paulo Marques dos Santos, chefe do departamento de ciências atmosféricas da Universidade de São Paulo.

O fenômeno corriqueiro mas excepcionalmente frio da semana passada provocou a morte de treze pessoas, cinco no Rio Grande do Sul e oito em São Paulo. O

O Brasil no freezer

As temperaturas mínimas em várias regiões do país na semana passada (em graus centígrados)





Crianças num lago congelado em São Joaquim, Santa Catarina: mínima de 7 graus negativos

tiva dos cafeicultores da cidade, estima que terá uma queda de 50% em sua produção deste ano. Há quarenta anos na região, Sueli diz que nunca viu uma geadas tão forte e que causasse tanto prejuízo. Segundo os produtores de café, há dezenove anos não ocorria uma geadas pesada como a da semana passada. Já contabilizando uma redução da safra, as cotações do café dispararam nos mercados interno e internacional. A alta vai ser ainda mais sentida porque os preços já vinham subindo há algum tempo.

“HOMEM DO FRIO” — Talvez o único lugar do Brasil em que o frio recebeu comemoração foi na pequena São José dos Ausentes, a 280 quilômetros de Porto Alegre. O secretário da prefeitura, Carlos Burigo, ganhou o apelido de “Homem do Frio” depois que passou a cuidar da estação meteorológica da cidade. Ela foi montada para provar uma antiga tese dos moradores, que acreditavam ser ali o lugar mais frio do país. A convicção era forte, mas não era levada a sério. O problema é que seus números nunca foram considerados por serem aferidos por termômetros caseiros. Interessada em atrair turistas para a Pousada dos Ausentes e a pensão de São José, a prefeitura providenciou a estação. O grande teste foi na semana passada. Os termômetros oficializados de São José dos Ausentes registraram 7 graus negativos. Coincidiu com a temperatura da famosa São Joaquim. Mas ficou 0,2 grau acima da mineira Poços de Caldas, que nunca pensou em ostentar o título. ■

meteorologista Rogério Rezende, do 8º Distrito de Meteorologia do Ministério da Agricultura, em Porto Alegre, acredita que a mudança brusca da temperatura fez com que as pessoas sentissem com mais força o choque térmico. Em algumas localidades gaúchas, a temperatura caiu mais de 20 graus em 24 horas. O frio pegou desprevenidos também os agricultores.

Em Poços de Caldas, situada a 1 186

metros de altitude, uma fina camada de gelo cobriu os campos ao amanhecer da segunda-feira. É provável que os moradores nunca tenham visto um cenário igual. Desde 1961, quando foi instalado um posto de coleta de dados na cidade, a menor temperatura colhida era a do dia 1º de junho de 1979: 4,1 graus negativos. A paisagem inédita trouxe prejuízos. Sueli Evandro Amarante, fundador da coopera-



Uma família agasalhada faz cooper na Praia do Leblon, no Rio de Janeiro: a temperatura mais baixa em sessenta anos

O último tango de Maradona

Exame revela que jogador usou dose dez vezes maior que a normal no dia do jogo para se dopar

CARLOS MARANHÃO, de Dallas, e **EURÍPEDES ALCÂNTARA**, de Los Angeles



A porta do elevador privativo se abriu e o passageiro vestido de bermuda, camiseta e tênis saiu em passos rápidos, com a cabeça baixa, na direção de uma sala. "Diego! Diego!", gritaram várias das cerca de 100 pessoas, entre torcedores e jornalistas, acotoveladas no saguão do hotel Sheraton Park Center, em Dallas. Com o rosto crispado, Diego Armando Maradona vivia na noite de quinta-feira passada o último tango de sua espetacular, emocionante e trágica carreira futebolística.

Nos quinze minutos seguintes, numa entrevista coletiva improvisada, ele tentou defender-se da acusação de ter jogado sob efeito de estimulantes na partida em que a seleção argentina venceu a da Nigéria por 2 a 1, no sábado anterior, 25 de junho, em Boston. Foi apenas uma triste despedida. "Me tiraram a felicidade — não só a minha como a de muitas pessoas que me querem bem", disse com voz firme. "Juro pelas minhas filhas que não me droguei para jogar." Algumas horas antes, ele fora mais dramático ao falar para uma emissora de TV argentina, sempre invocando os nomes de Dalma Nerea, 7 anos, e Giannina Dinorah, 5. "Nunca treinei tão duro na minha vida, juro isso pelas minhas filhas", afirmou o maior craque que passou pelos gramados depois de Pelé. Ele empenhou-se com todas as forças para disputar nos Estados Unidos sua quarta e derradeira Copa do Mundo. Estava alcançando o objetivo. Levava a Argentina a duas vitórias e era,

até ali, o maior jogador da competição. Vinha ganhando de todos — de gregos, de nigerianos, de marcadores desleais, dos que o davam como liquidado, da obesidade e, sobretudo, de si mesmo, na maior e mais comovente das muitas voltas por cima que deu no destino e nas suas próprias fraquezas. Como no tango



O laudo que condenou Maradona: alteração do desempenho físico





Maradona dá adeus à Copa: "Minha alma está partida"

de Discepolo, porém, Dieguito, El Pibe de Oro, o herói argentino, rei do futebol e estrela número 1 da Copa, rolou *cuesta abajo con sus ilusiones pasadas*. "Cortaram minhas pernas", rendeu-se. "Minha alma está partida."

LUVAS NOS PÉS — Na fascinante cronologia de sua carreira, o 30 de junho de 1994 seria uma data gloriosa. Nesse dia, ele alcançaria uma marca destinada a ficar na memória do futebol. Ele, o pequeno, atarracado, incontrolável, imprevisível e genial Diego Armando Maradona, que parecia ter mãos nas chuteiras e luvas nos pés, tal a destreza com que domava a bola, iria bater o recorde de participações em jogos na Copa. Contra a Bulgária, no estádio Cotton Bowl, participaria de sua 22ª partida em quatro Mundiais, superando o alemão Uwe Seeler e o polonês Zmuda. Para Maradona, a façanha trazia um prazer adicional para o qual se vinha preparando há duas semanas com crescente excitação: provar que, aos 33 anos, ainda podia perfeitamente derrotar os adversários e seus demônios internos. "Ele está gordo como um porco, já não domina as pernas e tudo o que faz é ficar parado no meio do campo, dando passes longos", tripudiou o antigo atacante argentino José Sanfilippo, meses antes de Maradona perder 12 quilos numa dieta e de voltar à forma. "Vou calar a boca dessa gente", prometeu Maradona, ferido no fundo de seus brios.

Mas Maradona perdeu. O 30 de junho virou, assim, mais um dia de desgraça, certamente o maior de todos em sua trajetória. Na véspera, a Fifa havia anunciado a descoberta de "um possível caso" de doping, algo que não acontecia numa Copa do Mundo desde 1978. No momento do anúncio, a delegação argentina voava para Dallas vinda de Boston. Sua chefia já estava informada e despachara para Los Angeles o advogado Agricol Bianchetti, que deveria acompanhar o exame da contraprova, uma segunda amostra de urina do jogador que seria analisada num laboratório da Universidade da Califórnia para confirmar o primeiro resultado. À noite, o presidente da Federação Argentina, AFA, Julio Grondona, confirmou a notícia e avisou Maradona. "Ele passou a noite chorando", disse Grondona a VEJA.

De Dallas, o secretário-geral da Fifa, Joseph Blatter, ligou pelo celular para o presidente João Havelange, que estava em Washington, a caminho de um jantar na Embaixada do Brasil. "Não façam nada antes de eu chegar aí", ordenou Havelange, que cancelou o jantar e foi para o

O jogo da droga

O processo de doping contra Maradona foi baseado em um exame químico conhecido como cromatografia gasosa. Duas amostras de urina colhidas do jogador depois da partida contra a Nigéria foram analisadas no laboratório da Universidade da Califórnia em Los Angeles, Ucla, o mais conceituado núcleo de medicina esportiva dos Estados Unidos. A amostra A, marcada apenas com um número, acusou a presença do estimulante efedrina no organismo do atleta numa quantidade excessiva, não compatível com o uso normal do medicamento, um descongestionante nasal e dilata-dor dos brônquios. A amostra B, a contraprova, já identificada com o nome de Maradona, foi submetida à cromatografia na presença do médico e do chefe da delegação argentina. Os resultados foram idênticos aos obtidos com a amostra A.

Os exames constataram a presença de efedrina natural e mais quatro derivados sintéticos: norefedrina, pseudo-efedrina, norpseudo-efedrina e metaefedrina. Essas substâncias agem sobre o sistema nervoso central e o circulatório, com o efeito de melhorar os reflexos, aumentar a oxigenação do sangue e diminuir a sensação de fadiga. Em resumo, aumentam o rendimento do trabalho muscular. Mas provocam hipertensão, insônia e psicose, além de criar dependência química. Em cada esporte costuma-se recorrer a um tipo de droga. A efedrina é o estimulante mais usado nos casos de doping no futebol. Dos 10 000 exames de doping feitos no ano passado no mundo inteiro, apenas 0,4% resultou positivo. Destes, 60% se referem a estimulantes e a efedrina é a substância com maior incidência.

O craque diz não às drogas: reincidência



aeroporto, embarcando no jatinho *Gulf Stream*, com doze lugares, em que se desloca pelas sedes da Copa. Às 8 da manhã, no hotel Four Seasons, um imponente resort nos arredores de Dallas onde a Fifa instalou seu QG. Havelange, Blatter e o mexicano Guillermo Cañedo, presidente do comitê organizador da Copa, ouviram o relato técnico do médico belga Michel D'Hooghe, membro do comitê executivo da Fifa. D'Hooghe foi claro: haviam sido encontradas efedrina e outras quatro substâncias consideradas estimulantes na urina de Maradona colhida depois do jogo com a Nigéria.

"COQUETEL" — Segundo o médico da seleção argentina, Ernesto Ugalde, Maradona lhe confirmou posteriormente que havia tomado dois remédios comprados em Buenos Aires, Decidex e Nastizol, para combater uma alergia. "Se ele me tivesse informado antes, não teria jogado contra a Nigéria", garante. Mas nenhuma marca conhecida de medicamento reúne as cinco substâncias simultaneamente. "Foi um caso clássico de doping com o objetivo de aumentar o desempenho atlético por meios ilícitos", disse D'Hooghe. Para chegar à conclusão demolidora, a Fifa precisou obter três respostas médicas. A primeira foi dada pela própria delegação argentina. As drogas encontradas na amostra de urina de Maradona não constam da lista de medicamentos ministrados oficialmente ao jogador pelo médico da seleção argentina. Ou seja, Maradona se automedicou. As duas outras respostas vieram da Ucla. O laboratório da universidade esclareceu à Fifa que Maradona tomou os estimulantes numa dosagem entre cinco e dez vezes mais alta do que o uso normal da substância como descongestionante. Informou também que as drogas foram ingeridas no dia do jogo.

Não existem provas de que Maradona tenha fabricado seu "coquetel", mas a Fifa promete continuar investigando o caso. A entidade descartou com convicção a hipótese de o exame de Maradona ter dado positivo como consequência do tratamento para emagrecer que



fez antes de embarcar para a Copa do Mundo. Os médicos e toxicologistas que estudaram o caso garantiram que o perfil químico traçado pelo resultado dos exames sugere uma tentativa ilícita de potencializar a capacidade atlética.

Terminado o relato de D'Hooghe, Have-

Zinhosite e Rainite!

Seleção também está com nariz entupido!

TUTTY VASQUES*

O teste antidoping de Maradona diagnosticou um paciente terminal: o futebol está com o nariz entupido! O meio-de-campo de todo o mundo anda congestionado, fanho, espirrando bola para todo lado. Não é só o Brasil que sofre de zinhosite, não. O alemão Klinsmann pega a bola, dá uma voltinha em torno de si e cai, sintomas evidentes de zinhosite crônica. O italiano Roberto Baggio, coitado, pegou



Com a taça de campeão do mundo em 1986 e preso por posse de cocaína em 1991: momentos extremos na trajetória de um herói popular com destino trágico

lance mandou que chamassem Julio Grondona. Ele apanhou uma limusine preta e vinte minutos depois estava no Four Seasons diante dos quatro homens da Fifa. "Grondona, não queremos tomar uma decisão drástica", anunciou Havelange, que indicou uma solução política para o caso: a AFA, através de uma carta, comunicaria à comissão organizadora que retiraria Maradona da Copa e o jogador, suspenso pre-

uma rainite, aquela aflição nasal que deixa o atleta com a moleza corporal do Raí. O Mauro Silva, bem, o Mauro Silva não tem nariz de craque. Não é, portanto, um bom exemplo no caso que há duas semanas intrigava a equipe americana de otorrinolaringologistas da Clínica Mayo: como pode o Maradona respirar com tanta facilidade dentro de campo?

O mistério saiu na urina. Maradona, flagrado no teste antidoping, desentupia o nariz antes dos jogos com generosas gotas do descongestionante Nastizol, rico em efedrina, enquanto craques como Paulo Sérgio — o Zinho não tem remédio que dê jeito — se tratam, ao que parece, com florais de Bach e medicina ortomolecular. A diferença, todos viram no campo. Um jogava sob o efeito de bola, comia a bola. O outro não via a bola. O Parreira — estimulante natural

ventivamente, só seria julgado depois de encerrada a competição. Grondona concordou: "Eu faço a carta". O texto foi redigido, digitado e assinado ali mesmo. Em Buenos Aires a notícia explodiu em escândalo. Incrédulos, os torcedores saíram às ruas para ovacionar o ídolo. Indignados, distribuía acusações à Fifa de ter armado um complô contra a Argentina na Copa, aos dirigentes argentinos de não

do sistema nervoso central do torcedor brasileiro — tinha razão: a diferença entre Dunga e Maradona está na maior habilidade do argentino em acertar o conta-gotas no nariz. Comenta-se que Dunga escapou da punição antidoping porque antes da partida com a Suécia errou a pontaria e descarregou um tubo de Sorine no ouvido. O Raí usou a droga como colírio e o Mauro Silva, bem, melhor não comentar o que Mauro Silva fez com o estimulante. Doente, o futebol acaba de perder Maradona e as primeiras páginas dos jornais para o escrete de descongestionantes, que lideram a Copa dos EUA com Afrin, Nastizol, Sinustrat, Adnax e Desecon; Aturgyl, Sorine e Rinosoro; Nasofil, Adnasal e Naridrin. É uma droga!

*Tutty Vasques é cronista da Veja-RJ

terem defendido o jogador convenientemente e ao dietista particular de Maradona, Daniel Cerrini, de lhe ter ministrado drogas irresponsavelmente. Uma pesquisa feita pelo jornal *Página 12* mostrou que apenas 13% dos argentinos acreditavam que Maradona havia cometido uma falta grave. A indignação argentina aumentou na noite de quinta-feira, quando sem Maradona a seleção sofreu sua primeira derrota na Copa ao perder de 2 a 0 para a Bulgária.

BEN JOHNSON — Há apenas um caso comparável a esse. Nos Jogos Olímpicos de 1988, em Seul, Ben Johnson perdeu a medalha de ouro e o recorde mundial que havia obtido na prova dos 100 metros rasos de atletismo ao se comprovar que ele corra dopado. A diferença é que a fraude de Ben Johnson dizia respeito sobretudo a ele mesmo. Na Olimpíada, o atleta competiu individualmente, a vitória ou a derrota é dele, muito mais do

que de seu clube ou de seu país. Quantas pessoas associam hoje seu nome ao do Canadá? Copa do Mundo é outra coisa. Cada jogador representa sua seleção, sua nação, seu país — enfim, sua pátria, e tudo o que esse conceito abstrato envolve em termos de orgulho nacional. Os dois precedentes anteriores na Copa do Mundo nem de longe podem ser comparados. Em 1974, descobriu-se que um jogador do Haiti se dopara. Não houve maior repercussão, porque também no futebol os haitianos estão no quarto mundo. Do mesmo modo, o caso do escocês Johnston, que se dopou em 1978, caiu no esquecimento. O doping de Maradona assume outra dimensão, como um dos acontecimentos mais dramáticos dos 64 anos de existência da Copa do Mundo, por duas razões. Uma diz respeito ao futebol. O envolvido é um jogador que era, simultaneamente, o supercraque, a estrela e o capitão de uma seleção duas vezes campeã mundial e duas vezes vice-que, graças à sua presença em campo e ao seu desempenho nas duas primeiras partidas, estava entre os principais favoritos para a conquista do título.

A segunda razão entra num campo mais complexo e fascinante — a condição humana. Que estranha força levou Dieguito Maradona, muito antes do escândalo do 30 de junho, a mergulhar *cuesta abajo* quando ele parecia tão próximo de alcançar novamente o pico da glória? Como Evita Perón



Bulgária 2, Argentina 0: sem Maradona, a primeira derrota na Copa

e Carlos Gardel, os dois gigantescos mitos argentinos, Maradona tornou-se um herói popular com destino trágico. Os paralelos terminam aí. Se a mãe dos descamisados foi derrotada pelo câncer no apogeu do seu poder e beleza e o rei do tango saiu de cena no auge do prestígio em um desastre aéreo, em confrontos sem chances contra a fatalidade, Maradona estava tentando superar a decadência e a morte esportiva. Esteve perto de conseguir. Com vontade de voltar ao gramado numa Copa, derrotou a obesidade em poucas semanas e recuperou o fôlego e a agilidade com exercícios rigorosos. Também tomou remédios. "O que aconteceu com ele me dói demais, porque vi o quanto havia se empenhado para jogar esta Copa", diz o médico Ernesto Ugalde.

GARRINCHA — Muitos jogadores famosos despencaram nos gramados e na vida. Heleno de Freitas, que foi um rei dos estádios cariocas na década de 40, terminou seus dias na tenebrosa solidão de um manicômio. O incomparável Garrincha, a "Alegria do Povo", ficou pobre e morreu devastado pelo álcool. Alguns craques souberam superar a adversidade. Pelé, considerado em fim de carreira e sob insinuações de que teria problemas visuais, encontrou motivação para exibir no México, em 1970, o esplendor de seu futebol.

Maradona passou por todos os extremos. Quinto dos oito filhos de um operá-

rio, teve uma infância pobre no bairro proletário de Villa Fiorito, em Buenos Aires. Quando enriqueceu, tratou de compensar todas as privações que passou. Chegou a ter, ao mesmo tempo, os modelos mais caros da BMW, da Porsche e da Ferrari. Na festa de seu casamento com Claudia, mãe das duas filhas em nome das quais faz seus juramentos, torrou 1 milhão de dólares. "Já ganhei dinheiro suficiente para que elas comam caviar todo dia, pelo resto da vida", costuma gabar-se. Sua ascensão ao estrelato do futebol foi fulminante. Dez dias antes de completar 16 anos, em 1976, estreou como profissional no Argentinos Juniors. No ano seguinte, estava na seleção. Em 1978, quando a Argentina ganharia em casa a primeira Copa do Mundo, sua convocação era dada como certa. O técnico Cesar Menotti, por entender que ele ainda era imaturo, nos seus 17 anos — idade de Ronaldo agora e de Pelé na Copa de 1958 —, deixou-o de fora. "Foi o dia mais triste da minha vida", recorda-se. "Prometi que me vingaria."

Em sua obsessão pela vingança, estava certo de que se consagraria na Copa de 1982, na Espanha. Deu-se mal e saiu do Mundial de cabeça baixa, expulso de campo por uma entrada desleal no meio-campista brasileiro Batista. A sensação que deixou foi a de que era um jogador superdotado, mas sem preparo para ser um campeão e galgar o estrelato. Essa má



A torcida nas ruas de Buenos Aires:...

impressão se confirmou logo após a Copa, quando se transferiu, por 8 milhões de dólares, para o Barcelona, em que cumpriu duas temporadas apagadas. Jogou 36 vezes e marcou 22 gols.

O Maradona supercraque, supercampeão, superastro, supermito explodiu, brilhou e morreu em Nápoles. Nessa cidade com uma maioria de população pobre, fortemente influenciada pela Camorra, a Máfia local, ele virou um deus. Quase literalmente. Depois que deu ao time os dois únicos títulos de campeão nacional, em 1986-1987 e 1989-1990, suas iniciais, para os torcedores, passaram a significar D de Deus e M de Maradona. Ainda hoje, decorridos três anos de sua saída, permanece intacta uma frase escrita com spray na fachada da Igreja de Santo Antonio a Posillipo: "Dio non c'è — C'è Maradona" (Deus não existe — Existe Maradona). Deus e diabo aos pés do Vesúvio, entrou no clube, em 1984, descendo de um helicóptero que pousou no centro do gramado do Estádio San Paolo.

Ele subiu aos céus em 1986, ao ganhar a Copa do Mundo para a Argentina. Não é força de expressão. Nunca um jogador havia feito isso praticamente sozinho, com seu talento individual, seus passes e seus gols. Algo parecido só se havia visto em 1962, no Chile, quando os dribles e as jogadas de Garrincha compensaram a ausência de Pelé na seleção brasileira. A Argentina de 1986 era uma equipe caute-



...protesto contra a punição imposta pela Fifa ao ídolo do país

losa, que compensava a falta de brilho jogando em estilo europeu, com um líbero atrás dos zagueiros. Mas tinha Maradona. Ele já não era o garoto imberbe cortado da seleção de 1978 ou o jovem descontrolado que tentava auto-afirmar-se em 1982. A droga e a obesidade ainda não atormentavam sua vida.

MÃO DE DEUS — No dia seguinte àquele em que o Brasil foi eliminado pela França na decisão por pênaltis, ele teve a mais marcante das 509 partidas que disputou em dezessete anos de carreira. O jogo eliminatório das quartas-de-final, no Estádio Azteca, na Cidade do México, era contra a Inglaterra. No futebol, as duas seleções se odiavam desde a Copa de 66, quando disputaram um jogo selvagem em Londres. Ao ser expulso de campo, o argentino Rattin chutou e arrancou uma das bandeirinhas de escanteio do Estádio de Wembley, tido como sagrado pelos ingleses. "Eles são animais!", bradou o técnico Alf Ramsey. Em 1982, às vésperas de outra Copa, a animosidade se transferiu para o campo de batalha propriamente dito, com a humilhante derrota da ditadura

militar argentina na Guerra das Malvinas. No Estádio Azteca, então, Maradona lavou a alma nacional com as mãos, a cabeça e os pés. "Com a mão de Deus", segundo sua frase famosa, fez o primeiro gol, em condições que levaram o árbitro a pensar que ele estivesse cabeceando. Com os pés, três minutos depois, fez o segundo, superando cinco adversários. Na Copa de 90, na Itália, à frente de um time defensivo, voltou a arrebentar. Deu



Argentinos unidos: convencidos da inocência de Maradona

um passe magistral para Caniggia eliminar o Brasil, e a Argentina terminou sendo vice-campeã.

Quando Maradona saiu do Napoli, em abril de 1991, embarcando às pressas para Buenos Aires, tudo mudara. Acabara de ser suspenso pela Fifa por um ano e três meses por terem sido encontradas, no exame antidoping a que se submeteu ao final de um jogo contra o Bari, provas de que consumira cocaína. Por faltar a treinos e cometer atos de indisciplina, acumulava multas de 50 000 dólares no clube. Respondia a um processo de paternidade (foi condenado a pagar uma pensão mensal de 3 800 dólares à ex-namorada Cristiana Sinagra, mãe de Dieguito Junior, hoje com 8 anos) e era acusado pelo Fisco italiano de dever 3,8 milhões de dólares em impostos. Um mês mais tarde, gordo e deprimido, foi preso na Argentina por posse e consumo de cocaína.

Seu caminho no futebol parecia ter chegado ao fim. De fracasso em fracasso, teve passagens pelo Sevilla da Espanha (22 jogos e quatro gols na temporada 1992-1993) e pelo Newells Old Boys de Rosário, Argentina (cinco jogos, nenhum gol em 1993). No ano passado, o técnico Alfio Basile nem o chamou para as eliminatórias da Copa do Mundo. Maradona anunciou que iria aposentar-se. A Argentina se deu mal, foi goleada pela Colômbia por 5 a 0 e ele voltou. Barrigudo, fora de forma, ajudou a seleção na repescagem contra a Austrália. Apesar disso, nem ele sabia se queria e podia jogar a Copa. Há dois meses, decidiu que iria. "Minha condição atlética não é a mesma, a idade pesa", reconheceu. "Mas quero me despedir com glórias", sonhou. Levou para Boston a mulher, as filhas, o bando de parentes e amigos, o empresário, dois preparadores físicos, um nutricionista e as esperanças argentinas. Não esqueceu os remédios. "Maradona nunca pôde livrar-se das drogas", disse a VEJA um dirigente do futebol internacional. "Ele está numa fase em que toma calmantes e estimulantes, um para cortar o efeito do outro."

Desta Copa, Diego Armando Maradona deixa uma imagem definitiva: com a camisa azul número 10, olhos saltados, a boca escancarada para soltar o grito há tanto tempo reprimido, ele corre em direção à câmara de TV para comemorar seu golaço contra a Grécia. Foi o 273º que marcou em jogos oficiais. Infelizmente para quem ama o futebol, deve ter sido o último.

Para captar imagem e som...

... A QUALQUER DISTÂNCIA.

SUPER VHS **M9000**

MICROFONE ESTÉREO ZOOM

- Na posição "Zoom", o microfone se ajusta automaticamente para atrair o som e as imagens simultaneamente, criando uma atmosfera excepcional.
- No modo "Tele", o microfone capta com clareza os sons de objetos distantes.
- No modo "Wide", a gravação de áudio é de forma estereofônica, complementando o efeito tridimensional de espaço e profundidade.

SUPER VHS

- Resolução horizontal de mais de 400 linhas. Todo o realismo da cena original é captado com detalhes.
- Foco Automático Digital com Inteligência Artificial (AI)
- Zoom digital de velocidade variável 100x
- Congelamento de imagem digital
- Cortina (wipe) digital

VHS **M3000**

MAGIC 1 (100X DIGITAL ZOOM)

Graças à tecnologia digital Panasonic, você pode aproximar suas tomadas em até 100 vezes.

MAGIC 2 (1 LUX)

Com este recurso, você obtém imagens claras e nítidas, mesmo gravando em ambientes com baixa luminosidade.

MAGIC 3 (DIGITAL MIX)

Esta função permite a mixagem entre imagens congeladas memorizadas e imagens em movimento.

- Digital tracer (efeito rastro)
- Cortina (wipe) digital
- Auto gravação temporizada
- Lente grande angular



Panasonic

Antecipa o futuro



Raí tropeça na bola: a torcida quer vê-lo fora do time

O caminho está livre

O Brasil pode se beneficiar com o afastamento de Maradona, mas se atrapalha com seus próprios defeitos

FÁBIO ALTMAN, de Los Gatos



Com o afastamento de Maradona da Copa, o Brasil teve suavizada sua escalada ao título de tetracampeão do mundo. Com Maradona, a Argentina era, ao lado do Brasil, o único entre os times pré-qualificados como favoritos que vinha tendo um bom desempenho nos gramados americanos. Sem Maradona, a seleção argentina foi inapelavelmente abatida pela Bulgária na última quinta-feira e classificou-se em um modesto terceiro lugar em seu grupo. A torcida brasileira só não está mais feliz porque na terça-feira passada levou um susto com a medíocre apresentação da seleção no empate de 1 a 1 com a Suécia em Detroit. O resultado, que não afetou a classificação do time, serviu para minar sua autoconfiança. Uma partida contra os Estados Unidos, o adversário brasileiro das oitavas-de-final nesta segunda-feira, no estádio de Stanford, nunca deveria ser mais do que um passeio para a seleção. Mas Zagalo, o coordenador técnico da seleção, está à beira do pânico. "O time americano é perigoso, muito perigoso. Eles vão colocar todo mundo lá atrás para nos segurar, até o presidente Bill Clinton vai jogar na defesa deles."

A torcida, a imprensa e até uma parte dos jogadores estão insatisfeitas tanto com a

escalação quanto com a maneira de jogar da seleção. As reclamações se concentram sobretudo na insistência do técnico Carlos Alberto Parreira em manter em campo jogadores como Zinho e Raí. Suas atuações têm sido desastrosas. Sente-se ainda que não há inspiração entre os jogadores. "A magia e o sonho acabaram no futebol", divaga Parreira. "O que interessa hoje é a técnica e a eficiência." Para reforçar suas idéias, Parreira aponta os resultados. Juntamente com a Alemanha, o Brasil foi o único time a somar 7 pontos na primeira fase da competição.

Mas o país acha pouco e pede mudanças. Parreira tem opções. Ronaldo, aos 17 anos, o mais jovem jogador da Copa, está na reserva. Viola, Cafu e Mazinho também. Esse é o melhor banco de reservas do mundo. Curiosamente, Parreira reluta em mudar a escalação. "Tenho me saído bem nos treinos e quando entro nos jogos, mas não fico no time", lamenta o meia Mazinho. Em 1958, Pelé e Garrincha só entraram no time que conquistaria a primeira Copa para o Brasil no terceiro jogo, depois que os outros jogadores exigiram a escalação de ambos ao técnico Vicente Feola. Os jogadores de hoje têm outras preocupações. Na semana passada decidiram que o jogador que der entrevistas fora do horário e local estipulado pagará multa de 50 dólares. ■

O racional e o irracional

"A torcida é irracional. Já nós temos de pensar para não errar." (Parreira)



"Que outro atacante, que nada. O negócio era garantir lá atrás." (Zagalo)



"Assim não se ganha jogo de Copa do Mundo. Temos de ter gente para atacar." (Gilmar, bicampeão do mundo)



"Acho que joguei muito bem. Participei até do lance do gol." (Zinho)



"Zinho parece um peru perdido dando voltas e mais voltas até perder a bola." (Vavá, bicampeão do mundo)



"O empate foi um bom resultado." (Bebeto)



"Bastou a seleção enfrentar um adversário um pouco mais organizado que ninguém sabia o que fazer." (Gérson, campeão do mundo)



"Não coloquei o Paulo Sérgio para mudar o jogo, mas para manter o empate, que era bom negócio para a seleção." (Parreira)



"Escalar o Paulo Sérgio e deixar o Müller e o Ronaldo no banco? Isso é uma falta de respeito ao povo brasileiro." (Didi, bicampeão do mundo)



"Fomos bem, dentro daquilo que o Parreira quis." (Romário)



"Foi um dos piores jogos da Copa." (Zico, ex-jogador da seleção)



"Precisávamos de um ponto para ficar em primeiro e conseguimos." (Jorginho)



"O Brasil está precisando de coragem." (Pelé, tricampeão do mundo)

A festa ficou pela metade

O casamento foi uma sensação, mas noite de núpcias, que é bom, só daqui a algumas semanas. Torcedores fanáticos do Botafogo do Rio de Janeiro, o empresário **Ricardo Simões**, 29 anos, e a estudante **Sylvia Oliveira**, 27, comemoraram seu casamento em clima de Copa do Mundo no dia do jogo do Brasil com a Suécia. Decoraram os salões de um hotel na Praia de Copacabana de verde e amarelo, pediram aos convidados que usassem roupas com as mesmas cores e nem o vestido da noiva escapou do clima canarinho. Acontece que a cerimônia civil não pôde ser realizada na mesma ocasião, porque Ricardo deu entrada na papelada tarde demais. Resultado: terminado o casório, Ricardo e Sylvia foram cada um para sua casa. "A família dela é muito tradicional e não permitiu lua-de-mel antes do casamento para valer", lamenta o noivo. "Mas, como já havíamos contratado o hotel e o bufê, mantivemos a festa."

ARTHUR CAVALERIANI/ O GLOBO



Sylvia e Ricardo: papelada atrasa noite de núpcias

A atração entre os opostos

Vai ser um encontro entre os opostos: o atacante russo **Oleg Salenko**, 24 anos, o assombro que marcou cinco dos seis gols com os quais seu time massacrôu Camarões, será treinado por ninguém menos que Carlos Alberto Parreira. O homem do futebol racional está de contrato assinado com o clube espanhol Valencia, em que Salenko joga. Modesto, o russo que se tornou o recordista de gols numa única partida de Copa do Mundo prefere filosofar a estufar o peito para explicar o próprio sucesso. "Sem essa de super-homem", ele descarta. "Meu bom desempenho é resultado de uma

PATRICK HERTZOG/AF



Salenko: "Quando estamos tensos, não conseguimos nada"

característica russa: quando estamos tensos, não conseguimos fazer nada. Se estamos relaxados, tudo corre bem." Resta ver se seu futuro técnico vai mantê-lo relax.

Milagre na auto-estrada

Os milagres proliferam em clima de Copa. O delegado de polícia **Mauro Marcelo de Lima e Silva**, um dos brasileiros escolhidos pelo FBI para ajudar



Lima e Silva: o policial que ganhou aplausos da torcida



FOTOS MARCOS ROSA

Kelly: folga com o paizão...

na segurança das partidas do Brasil na Copa do Mundo, levou o maior susto quando foi aplaudido por um grupo de brasileiros que identificaram seu automóvel em plena auto-estrada 101, na Califórnia. Lima havia colocado um adesivo do Deic no carro. "É uma prova de que o ambiente da torcida brasileira aqui nos Estados Unidos é excelente", diz o delegado. No jogo com a Suécia, em Detroit, ele estava preocupado com a proximidade da arquibancada com o banco de reservas da seleção brasileira. Sugeriu aos americanos que colocassem três policiais armados de cada lado dos bancos. O delegado só não conseguiu mesmo impedir que Carlos Alberto Parreira escutasse a torcida gritando em peso: "Burro! Burro!"



...e estréia com Genet

De Detroit para Edimburgo

Formada em dramaturgia pela badalada escola de Lee Strasberg, em Nova York, **Kelly Cristina**, 27 anos, a filha mais velha de Pelé, tem tanta intimidade com a bola quanto seu pai com o palco. Mesmo assim, num dos raros dias de folga de sua trupe teatral (ela ensaia cinco noites por semana), Kelly aproveitou para acompanhar Pelé até Detroit na semana passada. Ela assegura que ter pai famoso não atrapalha sua carreira. "Não fico dizendo que sou filha do Pelé, mas, se perguntam, não minto", conta Kelly, que se prepara para estreiar em Edimburgo, na Escócia, uma montagem da peça *As Criadas*, de Jean Genet.

ROSSANA GOBBI

MARCO ANTONIO CAVALCANTI



Young, da Coreia: demissão no intervalo da partida

Ataque da câmara indiscreta

Galvão Bueno, 43 anos, e **Pelé**, 53, respectivamente locutor e comentarista dos jogos da Copa na Rede Globo, são as mais novas vítimas da brincadeira da câmara indiscreta — só que por um escorregão técnico da emissora. Logo depois do jogo com a Suécia, uma parte das antenas parabólicas de São Paulo captou cenas de bastidores dos estúdios da Globo em Detroit. Bueno conversava pelo microfone com Fernando Guimarães e Ciro José, diretores do núcleo de

esportes da Globo. Ambos reclamavam que os comentários de Pelé durante os jogos são excessivamente longos. "O que eu posso fazer? Eu fecho o microfone dele e ele abre de novo", respondia Bueno, resignado. "Só se eu matar o cara." Não houve intenção de Bueno de ofender Pelé — comentários como esses são comuns numa equipe que trabalha em ritmo acelerado. Mas o resultado, para os privilegiados telespectadores, foi impagável. "Não critiquei Pelé, que é meu amigo fraternal", diz o locutor. "Eu mesmo estava ouvindo o que ele dizia", completa Pelé.

Bueno e Pelé: cenas de bastidores que não deveriam ir ao ar

Goleiro diz que é ruim de bola

O goleiro do time da Coreia do Sul, **Choi In-young**, 32 anos, não esperou o fim da partida em que seu time perdeu para a Alemanha por 3 a 2 para fazer autocrítica. No intervalo, pediu demissão do cargo para o técnico Kim Ho, admitindo que frangou dois dos três gols que a Alemanha já fizera àquela altura. A demissão foi aceita na hora, e o goleiro reserva assumiu o posto no segundo tempo. "Não me sinto mais confortável como goleiro da seleção. Esses gols vão me assombrar pelo resto da vida", comentou Young. Num gesto ainda mais corajoso, ele anunciou que deverá devolver o prêmio de 50 000 dólares que os jogadores da Coreia receberam por ter chegado à Copa. Se a moda pega...

Os artilheiros da grossura

Em matéria de falta de educação, a Copa já tem sua dupla imbatível: o apoiador da Alemanha **Stefan Effenberg**, 25 anos, e o técnico da Irlanda, **Jack Charlton**, 59. O primeiro, na vitória diante da Coreia, não gostou das vaias que recebeu da torcida após ser substituído e respondeu com gestos obscenos em direção às arquibancadas. No dia seguinte, foi desligado da equipe pelo técnico Berti Vogts, que decretou: "Enquanto eu estiver no cargo, ele não joga mais na seleção". Já Charlton, durante o jogo em que seu time foi derrotado pelo México, detonou uma saraivada de palavrões contra os dirigentes da Fifa, reclamando da demora do juiz em autorizar a substituição de um de seus jogadores e do controle sobre a distribuição de água para os atletas. Foi suspenso por uma partida e, no jogo contra a Noruega, teve de dar ordens aos jogadores via telefone celular, instalado nas arquibancadas.



Effenberg: gestos

PAUL BUCK/AFP



Charlton: insultos

SHAUN BOTTERILL/ALLSPORT

O favorito dos bandidos

Manuel Lavouras sofre no Rio seu terceiro seqüestro, com a família ainda abalada pela morte de um irmão vítima de policiais criminosos

Raios, diz a convicção popular, não caem duas vezes no mesmo lugar, mas o empresário português Manuel Alves Lavouras, de 63 anos, um homem de saúde frágil que carrega no peito três pontes de safena e um marcapasso e é obrigado a engolir vinte tipos de comprimido por dia, vem desafiando penosamente a lei das probabilidades. Proprietário de duas empresas de ônibus no Rio de Janeiro, além de outros negócios em parceria com três irmãos, com um patrimônio de 400 milhões de dólares, ele bateu um inacreditável recorde nos registros policiais do país: já foi seqüestrado três vezes. A primeira vez aconteceu em janeiro de 1991 e Lavouras ficou em poder de seus algozes menos de três horas. Ele havia acabado de implantar o marcapasso e conseguiu convencê-los da gravidade do seu estado de saúde. Há dois meses seu carro foi interceptado na Rodovia

Washington Luiz, nas proximidades de suas empresas. Ficou doze dias em cativeiro e só recuperou a liberdade contra um resgate de 300 000 dólares. Na quarta-feira da semana passada, Lavouras foi devolvido à família depois do terceiro seqüestro.

Dessa vez, como da primeira, nenhum resgate foi pago. Ele passou quatro dias no



Lavouras: do cativeiro para o hospital

cativeiro, quase morreu, e os seqüestradores decidiram libertá-lo. Quando chegou de táxi à sua casa, na Ilha do Governador, seu estado de saúde era tão deplorável que seus filhos resolveram embarcá-lo imediatamente num jatinho fretado para o Instituto do Coração de São Paulo. "Temíamos que ele morresse antes de ser atendido pelos médicos", relata um amigo da família, o advogado Luiz Urquiza da Nóbrega, que apareceu na TV implorando aos seqüestradores que ministrassem os medicamentos regularmente ao refém. Na terça-feira, os seqüestradores chegaram a dizer a Manuel que o libertariam naquele mesmo dia. Quando ele se preparava para deixar o esconderijo, no entanto, chegou a informação, através de telefones celulares, de que havia muitos policiais nas ruas para dar segurança às comemorações de uma provável vitória da seleção brasileira contra a Suécia. A libertação foi adiada.

QUEIMA DE ARQUIVO — O empresário pode ser dono de um triste recorde, mas até agora teve mais sorte do que seu irmão mais velho, José Lavouras. No início do ano passado, José foi seqüestrado quando passeava na rua com a mulher. Três meses depois, seu corpo apareceu no fundo de um poço de 15 metros de profundidade cavado no quarto de um casebre em Maricá, na



PARA QUEM TEM PRESSÃO BAIXA.

Se você tem baixa pressão de água em casa, instale um Jet Turbo Lorenzetti no seu banheiro. Ele vem com um pressurizador exclusivo que garante um superjato d'água e um comando eletrônico pra



você escolher a temperatura que mais gosta. Jet Turbo Lorenzetti. O melhor remédio pra você que anda sentindo pressão baixa em casa.

JET TURBO. PARA QUEM TEM PRESSÃO BAIXA.



EURIKO DANTASAG. O GLOBO

O corpo de José Lavouras é encontrado: resgate roubado pelos policiais

região dos lagos do Estado do Rio. A morte de José não foi um caso de seqüestro malsucedido para seus autores, mas de queima de arquivo, em mais uma passagem que ilustra como parte da polícia do Rio, em lugar de combater o crime, aderiu escandalosamente a ele.

Quando José caiu nas garras dos seqüestradores, o delegado Hélio Vígio, diretor da Divisão Anti-Seqüestro, colocou três de

seus subordinados em plantão permanente na casa da família para coordenar por telefone as negociações para o resgate. Depois de dois meses, a família concordou em pagar 250 000 dólares. O dinheiro foi entregue de acordo com o combinado, mas José não apareceu. Semanas depois, os seqüestradores apresentaram um novo pedido de resgate de 250 000 dólares. E o dinheiro pago anteriormente? Estava nas

mãos de uma trinca de policiais que localizou o cativeiro — um apartamento em Copacabana — e extorquiu os seqüestradores. Eram exatamente os mesmos policiais que haviam conduzido as negociações para a família.

LABIRINTOS — Só se descobriu a farsa semanas depois de o cadáver de José ter sido encontrado no fundo de um poço. Percebeu-se então que o empresário havia sido eliminado porque presenciara o momento em que os policiais invadiram o cativeiro para extorquir os 250 000 dólares. Os três foram expulsos da corporação, mas o processo que os responsabiliza pela morte de José Lavouras perambula até hoje pelos labirintos da Justiça. “É muito triste para a minha família constatar que a polícia não sabe como combater a onda de crimes que tomou conta da cidade”, desabafava há duas semanas Armando Lavouras, o mais moço dos irmãos, durante a missa de um ano pela morte de José. A cerimônia reuniu todos os membros do clã, que chegou ao país nos anos 50 e se transformou numa das setenta famílias de empresários portugueses que atuam na área de transportes coletivos no Rio — um pitéu disputado pelos bandidos. Apenas Manuel não pôde comparecer à missa: àquela altura, ele estava em poder de seus seqüestradores. ■



PARA QUEM TEM PRESSÃO ALTA.

Se você tem pressão de água em casa, o mais indicado é o Jet Master. Ele tem design arrojado, comando eletrônico pra você escolher a



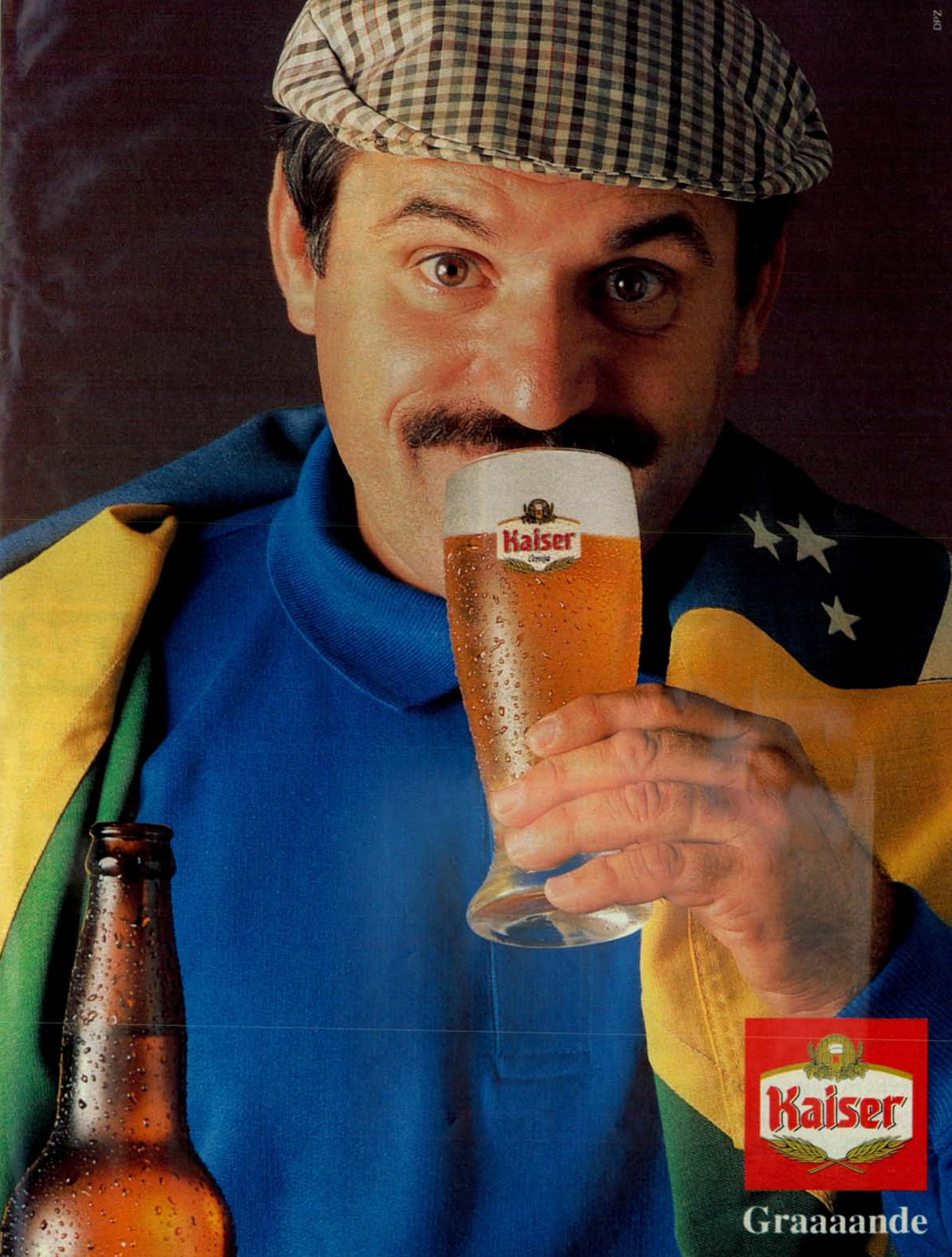
temperatura ideal e garante um banho supergostoso todos os dias. Jet Master da Lorenzetti. Nada pode ser melhor pra você que tem pressão alta em casa.

JET MASTER. PARA QUEM TEM PRESSÃO ALTA.

LORENZETTI

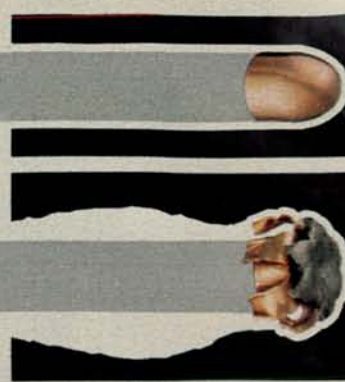
A SOLUÇÃO PARA SEU BANHO

**O maior
Baixinho do Copo
deseja uma
graaaande goleada
para o maior
Baixinho da Copa.**



Graaande

NÃO TROQUE DE ARMA. TROQUE DE MUNIÇÃO.



DISPARO COM PROJÉTIL
.380 OGIVAL



DISPARO COM O NOVO PROJÉTIL
.380 AUTO PONTA OCA

NOVA



PONTA OCA CBC

A AQUISIÇÃO DE ARMAS E MUNIÇÕES DEVE SER REGISTRADA EM AUTORIZAÇÃO COMPETENTE E SUA UTILIZAÇÃO EXIGE TREINAMENTO E EQUILÍBRIO EMOCIONAL. GUARDE ARMAS E MUNIÇÕES EM LOCAL SEGURO E FORA DO ALCANCE DE CRIANÇAS.

Até que enfim um lançamento de alto impacto: a família de munições de Ponta Oca CBC. Ideal para a defesa e disponível nos principais calibres. Ao impactar no alvo, a Ponta Oca se expande em forma de “cogumelo” dobrando assim seu diâmetro.

E dobrando também o seu “stopping power”. Nos calibres .22 LR Hyper Velocity, .32 S&WL, .38 SPL, .38 SPL+P, 7,65 Browning, .380 Auto, 9mm Luger e .357 Magnum. (Estes dois últimos calibres não são de uso permitido para civis).

ENIO MATTIARDI

**TESTE SUA ARMA, NO MÍNIMO
A CADA 6 MESES. É IMPORTANTE
PARA VOCÊ, É BOM PARA A ARMA.**



**Companhia Brasileira
de Cartuchos**

Av Humberto de Campos 3220
09400 000 Ribeirão Pires SP
Tel 011 742 7500
Fax 011 459 1933
Telex 11 44007 CBCA BR

Aumente o poder de parada do seu calibre. Troque já sua munição velha por nova. À venda nas principais casas de caça e pesca.

Desastres em série

O herdeiro do trono choca a Inglaterra ao confessar na TV que traiu Diana durante o casamento

A rainha Elizabeth II não tem sossego — e desta vez nem é culpa das noras. Na quarta-feira, durante uma aterrissagem desastrosa na Ilha de Islay, na Escócia, o príncipe Charles, herdeiro do trono britânico, embicou na grama um dos três jatos da frota pessoal da mãe. Charles calculou mal o pouso e foi obrigado a sair da pista. Ninguém se machucou, mas o conserto do avião vai sair caro. Por sorte, a rainha é uma das mulheres mais ricas do mundo e arcará com o estrago se o governo inglês não quiser pagar. (Há um precedente: os cofres públicos não querem bancar a reforma do Castelo de Windsor, que pegou fogo em novembro de 1992.) Já o outro pouso metaforicamente desastrosado da semana é mais difícil de remediar. Com dois anos de atraso, Charles divulgou sua resposta à biografia que sua ex-mulher, a princesa Diana, soprou nos ouvidos do jornalista Andrew Morton — aquela em que ela aparece como vítima do marido rude e insensível. A resposta veio na forma de um documentário feito para a TV, com duas horas e meia de duração, exibido na última quarta em horário nobre para cerca de 20 milhões de espectadores.

O filme, batizado de *Charles, a Vida Privada, o Papel Público*, deveria ser uma vitrine para as qualidades do príncipe, bom pai, estadista sério e defensor do meio ambiente, e para suas idéias, algumas até inovadoras, sobre o papel da monarquia. O escândalo armado em torno de uma única resposta pôs a perder todo o esforço para polir a real imagem, desgastada depois da separação e das fofocas sobre seu caso com Camilla Parker-Bowles.

— O senhor tentou ser digno e fiel a sua esposa, Diana? — indaga a certa altura o jornalista Jonathan Dimbleby, contratado a peso de ouro (quase 1 milhão de dólares) para comandar o filme.

— Sim — responde Charles, empertigado e tenso.

— E o senhor foi fiel? — pressiona Dimbleby.

— Sim — repete Charles. E acrescenta, depois de longos segundos: — Até o momento em que o casamento estava irremediavelmente acabado.

Até as pedras do planeta Marte já sabiam



FOTOS SIPA PRESS

havia anos do *affair* de Charles com Camilla. Bastou, porém, a confirmação assumida da infidelidade diante das câmaras de televisão para que Charles afundasse num dos piores ciclos de desprestígio — superado apenas pelo episódio da divulgação de um telefonema gravado em que ele dizia que gostaria de ser o tampão menstrual de sua amante. Previsivelmente, foi reaberto o debate nacional sobre suas qualificações para suceder a Elizabeth II. Uma pesquisa feita pelo tablóide *Daily Mirror* revelou que um em cada três ingleses acredita que Charles não tem tutano para ser rei. Metade dos entrevistados acha que Diana deve divorciar-se de Charles (os dois vivem separados há quase dois anos). E como será a monarquia com um rei divorciado? Os súditos britânicos não põem fé. Outra pesquisa, do jornal *The Sun*, mostrou que 78% dos ingleses não acreditam que a monarquia sobreviva até o século XXI.

“GRANDE AMIGA” — A trajetória da família real britânica é recheada de histórias de soberanos tarados, homicidas ou loucos. Adultério é fchinha. Guilherme IV, antepassado do príncipe que viveu no século XIX, teve dez filhos ilegítimos com uma atriz. Outro rei, George I, vivia com duas amantes no mesmo castelo que abrigava a rainha. Ninguém os incomodava com considerações sobre a decadência da monarquia. Por ironia do destino, exige-se de Charles, numa sociedade pós-revolução sexual, o padrão vitoriano de comportamento que a monarquia criou para si própria apenas no fim do século passado. Para cúmulo do azar, ele ainda foi casar-se com Diana, a loirinha aristocrata que se transformou numa beleza arrasadora e cativou os súditos.

Em matéria de relações públicas, o príncipe é um desastre. Indagado, no documentário fatídico, se seu relacionamento com

Charles sai ileso da aterrissagem infeliz na Ilha de Islay: estragos no avião da rainha



Camilla tinha sido a causa da separação de Diana. Charles se atrapalha. "Bem, o problema é que, sabe como é, esse assunto de novo, é tudo tão pessoal." Muitos ahs e ohs depois (nem parecia que o príncipe havia ensaiado tudo com seus assessores), diz que é tudo especulação. "A senhora Parker-Bowles é uma grande amiga, de longa data, e continuaremos sendo amigos." Uma atitude cavalheiresca que só conseguiu ser vista como mentira patética. Em 150 minutos de filme, o príncipe não consegue esclarecer a dúvida que atormenta quem vê unicamente as fotos das rivais: como alguém pode trocar uma deusa como Diana por uma senhora quase cinquentona, acima de seu peso e fora de qualquer padrão, convencional ou não, de beleza? "Charles perdeu uma ótima chance de explicar que Diana é vazia e assexuada, enquanto Camilla é expansiva, alegre e transpira sensualidade", espetou Wayne Francis, do *The Sun*.



Diana no vestido de 3 000 dólares e Camilla Parker-Bowles: "A princesa é vazia, Camilla é sensual"

numa armadilha. "O príncipe viu o produto final e não fez restrições. Não sofreu censura", defende-se Dimpleby.

Para os assessores de Charles, passada a comoção da infidelidade confessa, o outro lado do documentário falará mais forte. O príncipe, que ao subir ao trono se tornará o chefe supremo da Igreja da Inglaterra, comenta a possibilidade de romper com a tradição (veja quadro abaixo). "Gostaria de ser o defensor da fé, e não de uma determinada fé, a anglicana", diz Charles. "Católicos, protestantes, muçulmanos, hindus são igualmente importantes." Mais politicamente correto impossível. Charles defende maior participação das tropas inglesas em conflitos internacionais e sugere que os soldados deverão ser pagos pelos países em que estiverem servindo. "Esta é a era do livre mercado", justifica. Diana aparece em algumas cenas, como coadjuvante. Não há uma única palavra

contra ela. Pelo contrário. "As pessoas que se casam com membros da família real sofrem muito, a pressão é muito forte", explica Charles, impecavelmente equilibrado. Da princesa, que andava em baixa e cada vez mais isolada da família real, não se ouviu um ai. Na noite em que o documentário foi ao ar, Diana compareceu a um jantar beneficente, deslumbrante num modelo de 3 000 dólares criado pelo estilista Valentino. Em matéria de imagem, não existe competição possível. ■



ROLANDO NA GRAMA — Se era assim tão desfavorável à imagem do futuro rei, é de perguntar como o documentário foi ao ar. Durante quinze meses, Dimpleby e sua equipe acompanharam o príncipe como uma sombra. Foram para o México, a Suíça e o Golfo Pérsico. Enfiaram-se na intimidade do príncipe como nunca se imaginou possível. A certa altura, Charles aparece de saia escocesa e meias grossas até os joelhos rolando na grama com os filhos, William e Harry, em sua casa de campo em Highgrove. Especialistas em família real chegaram a afirmar que Charles foi inocente e caiu

Cizânia nas hostes da fé

No caminho de lágrimas da Igreja da Inglaterra só faltava esse novo desastre: o príncipe nascido, ungido e criado para ser o defensor da fé propõe cassar-lhe o status de religião oficial do país. Este tem sido um *annus horribilis* para os anglicanos. Depois de muito tempo, anos de dilacerante controvérsia, foram ordenadas as primeiras 32 sacerdotisas, colocando fim a 460 anos de monopólio masculino no altar. Em protesto, duas centenas de padres conservadores (com suas esposas e filhos, pois os

religiosos anglicanos casam) converteram-se ao catolicismo.

Cruel ironia. A vertente anglicana nasceu, em 1534, justamente do cisma provocado por Henrique VIII, que rompeu com o papa, em protesto pelo primeiro divórcio negado, e criou a Igreja subordinada à autoridade real. Mais recentemente, com o florescimento do ecumenismo, as duas Igrejas se reaproximaram e poderiam até chegar a um entendimento definitivo, pois nenhuma questão doutrinária importante as separa — ou separava. A ordena-

ção de mulheres azedou o namoro com Roma.

O problema mais agudo, porém, é a perda de dinheiro e de almas. A Igreja acumula prejuízos de 1,2 bilhão de dólares em investimentos imobiliários e depende dos paroquianos para manter seus padres. Operação complicada, visto que as igrejas estão vazias. Metade dos 48 milhões de ingleses é nominalmente anglicana, mas só 1,8 milhão frequenta a missa com regularidade. Restava-lhe a fidelidade da família real — agora, parece que nem isso.



Henrique VIII: cisma



*Para comprar em
seu lugar preferido...*

Visa é o Cartão!

Há muitas razões pelas quais você escolhe um lugar para fazer suas compras. Qualquer que seja a sua predileção, na hora de pagar use o cartão preferido por mais pessoas no mundo... Visa.

O cartão Visa oferece excelentes benefícios e serviços que satisfazem seus gostos e estilo de vida, por isso Visa é mais utilizado que qualquer outro cartão.

Visa é aceito em mais de 11 milhões de estabelecimentos no mundo e proporciona o mais amplo acesso a dinheiro nas sucursais dos bancos associados e nos caixas automáticos do sistema Visa e Plus.

Informe-se hoje mesmo em seu banco sobre a vasta gama de benefícios e serviços que seu cartão Visa lhe oferece.

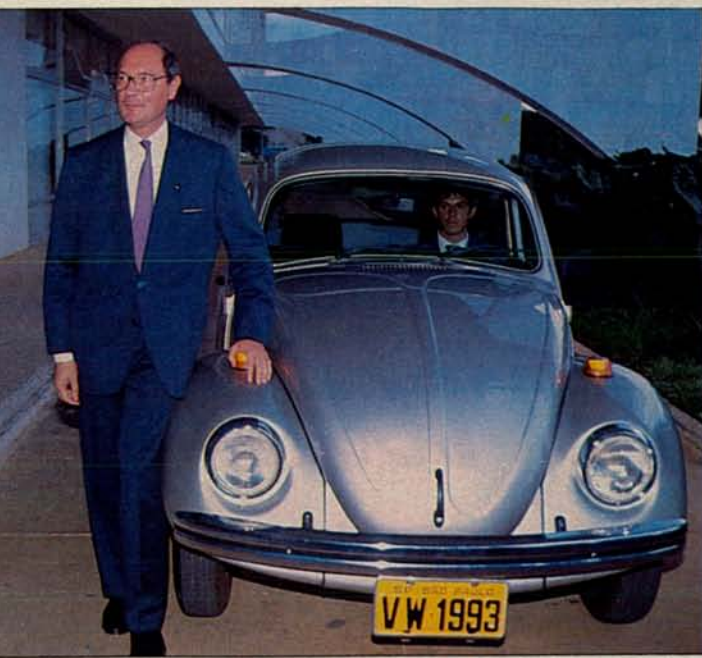
Para comprar em seu lugar preferido... **Visa é o Cartão!**



VISA

PATROCINADOR OFICIAL
JOGOS OLÍMPICOS 1994/1996





De Smedt (à esq.), da Autolatina, caminhão com automóveis Gol e López de Arriortúa, da Volks mundial: reunião em Buenos Aires



ECONOMIA & NEGÓCIOS

Rebelião no pátio

As revendedoras da Volkswagen ameaçam processar a Autolatina se a Ford usar o chassi do novo Gol para produzir seu carro popular

A Autolatina, empresa que controla a Volkswagen e a Ford no Brasil, comemorou sete anos de pista no último dia 1º às voltas com uma ameaça de rebelião. Maior companhia privada do país, a Autolatina está com problemas na ala Volks. Nos próximos meses a empresa vai lançar a nova linha do Gol. Em seguida, tem a idéia de usar o chassi do mesmo carro para produzir também um novo automóvel pequeno para a família Ford. Ele iria substituir o Escort Hobby, atual carro popular da Ford. As revendedoras da rede Volkswagen não querem deixar que isso aconteça. Os carros pequenos, incluindo os populares, respondem por mais da metade das vendas das montadoras brasileiras. Nessa faixa de mercado, em que o Escort Hobby tem participação inexpressiva, as concessionárias da Volks enfrentam a concorrência cada vez mais feroz do Uno Mille, da Fiat, e do Corsa, da GM, e não aceitam

competir também com a Ford. Elas ameaçam processar a Autolatina se a idéia de criar uma nova linha popular para a Ford com tecnologia Volkswagen for adiante.

“Se a Ford quiser ter um carro popular que desenvolva o seu, não dá mais para carregá-la nas costas”, diz João Cláudio Guimarães, presidente da Associação Brasileira dos Revendedores Volkswagen, Assobrav. O problema todo é que a Autolatina teria de dividir a linha de montagem do Gol para produzir o novo carro da Ford, reduzindo a oferta do novo modelo da Volks nas concessionárias. Isso as concessionárias Volks não aceitam, porque teriam um número menor de carros para vender, além da concorrência com um modelo popular da Ford.

EXCLUSIVIDADE — Para pressionar a Autolatina, as concessionárias Volks estão invocando um compromisso assumido pelas duas montadoras na época da asso-

ciação. Pelo acordo, as duas marcas iriam competir pelos compradores de automóveis médios e de luxo, mas a linhagem de carros pequenos seria exclusividade da Volkswagen. A turma da Assobrav já entrou em contato com um grande jurista e está pronta para ir à Justiça se o acordo não for respeitado.

A Autolatina tem uma alternativa para contornar a rebelião. Pode importar as peças do Fiesta, um carro pequeno da Ford fabricado na Europa, e montá-lo no Brasil. O assunto será resolvido nesta quarta-feira, dia 6, em Buenos Aires. Os executivos da Autolatina se reunirão com o presidente do conselho da empresa, José Ignacio López de Arriortúa, também diretor mundial da Volks nas áreas de compras e de produção. Arriortúa ficou conhecido recentemente por uma acusação de espionagem industrial. Era um chefe da GM européia, foi contratado pela Volkswagen, e a GM o acusou de



dente da Ford do Brasil Luiz Carlos Mello publicou um artigo sugerindo que é hora de separar a Volks da Ford.

Talvez seja mesmo uma boa hora para as duas empresas voltarem a competir de verdade. A Autolatina foi criada numa época em que o mercado brasileiro estava fechado para os carros importados e as montadoras funcionavam como um típico cartel. Não investiam, ficavam anos e anos com os mesmos modelos na praça e não

competiam entre si. Sem essa necessidade de competição, a Ford e a Volkswagen se juntaram para reduzir seus custos, usando peças iguais, aproveitando projetos comuns e lançando carros muito parecidos. Agora, a competição está braba.

A GM lançou neste ano um campeão de vendas, o Corsa, e a Fiat luta bravamente para transformar-se na segunda maior montadora do país, atrás da Volkswagen. Nesse ambiente, é bom que as montadoras usem toda sua força e dinheiro para desenvolver novos produtos. Isso certamente atrapalha a Volkswagen, que hoje precisa carregar a Ford nas costas. A dificuldade está na separação. Volks e Ford têm fábricas e projetos tecnológicos comuns e o desquite seria um drama.

PIB

A todo o vapor

A economia brasileira produz mais e melhor

Duas medidas da vitalidade da economia brasileira foram divulgadas na semana passada. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, constatou que o produto interno bruto, PIB, a riqueza produzida no país, cresceu quase 6% no primeiro trimestre deste ano, comparado com o mesmo período do ano passado. A outra boa notícia veio do instituto de pesquisa americano McKinsey Global Institute, uma empresa de consultoria com escritórios em mais de sessenta países. Num trabalho em que se comparou a produtividade de indústrias brasileiras às das americanas, os técnicos constataram que o desempenho dos brasileiros vem melhorando ano a ano, desde 1985. Não que o Brasil chegue a encostar nos Estados Unidos em algum quesito. A produção de alimentos industrializados por trabalhador no Brasil ainda é 71% menor que a americana.

Na indústria siderúrgica, a diferença em relação aos americanos é de 51%, mas o progresso dos últimos anos foi impressionante. De 1989 para cá, a produtividade da indústria americana de aço melhorou 27%. Os brasileiros conseguiram, no mesmo período, cravar 31% a mais. A indústria siderúrgica brasileira é hoje a mais produtiva da América Latina. "O Brasil estava cristalizado pelo excesso de regulamentos, pela presença do estado na economia e pela falta de competição com produtos estrangeiros. Depois de privatizada, a indústria siderúrgica explodiu", diz Gustavo Lopetegui, o consultor que coordenou a pesquisa.

O Brasil voltou a ter índices inflacionários na casa dos 50% e a sua economia pública está uma desordem. No entanto, o país cresce pelo segundo ano consecutivo, enganando os estatísticos. Enganou no ano passado. Segundo as previsões, 1993 seria um ano de vacas magras, com crescimento de 1%. O PIB cresceu 5%. Para os primeiros meses deste ano, previa-se novamente um desempenho fraco. Novo engano. Resistentes, os analistas acham que as contas fecham numa casa mais baixa, em torno de 3,5%, número de uma previsão do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Ipea. Tomara que se enganem de novo. As medições do PIB e dos saltos de produtividade do país mostram que o setor privado está acumulando energia. É de imaginar do que a economia brasileira seria capaz se conseguisse a prometida estabilidade.

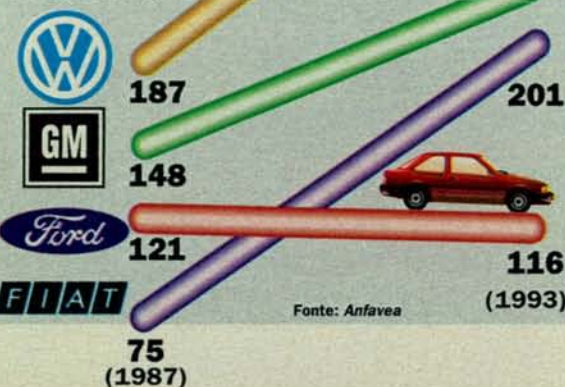
carregar documentos e projetos sigilosos para o novo emprego.

A decisão de Arriortúa será fundamental para a Ford e, segundo alguns especialistas no mercado automobilístico, fundamental também para a existência da Autolatina. Sem um carro popular, a Ford não agüenta muito tempo. Seus modelos são caros e suas vendas estão em queda (veja gráfico). "A empresa não tem muito futuro se não lançar um carro barato", diz Bruno Caltabiano, presidente da Associação Brasileira dos Distribuidores Ford. "Não podemos ser egoístas. Precisamos investir na Ford", diz Pierre Alain de Smedt, presidente da Autolatina, ex-presidente da Volks na Bélgica. Caso a Ford desapareça, a Autolatina não tem mais razão de ser.

CIÚMES — Os problemas entre a ala Volks e a ala Ford, no interior da Autolatina, são antigos. Existem ciúmes entre os executivos vindos da Ford e os destacados da Volks. A ala Volks acha que contribui com receitas maiores para que a família funcione. Os da Ford dizem que são rebocados pela Volks. Sabe-se que de tempos a tempos as queixas mútuas pioram. Há três anos, o comando alemão da Volks reclamou que os americanos da Ford não tinham empenho e interesse em suas operações no Brasil. Há três semanas, o ex-presi-

A Ford come poeira

Vendas de automóveis no mercado nacional desde que a Autolatina foi criada (em milhares de unidades)



Fonte: Anfavea

*Ele transformou água em vinho.
Se fosse São Lourenço, transformava em champagne.*



Assim como o vinho mais sofisticado da França vem de uma região chamada Champagne, a água mais sofisticada do Brasil vem de uma região chamada São Lourenço. Rica em cálcio, rica em magnésio e rica em potássio, São Lourenço é única. Uma água do Grupo Perrier, onde até o gás é natural.



São Lourenço

Pura Classe.



Eu sei beber.

COTAÇÕES

Indicadores e indexadores — em %

	Mar	Abr	Mai	Acumulado no ano
INPC	43,08	42,86	42,73	479,56
IPC-Fipe	41,94	46,22	45,10	483,87
IGPM	45,71	40,91	42,58	473,14
IGP	44,83	42,46	40,95	488,88
Ufir	43,63	41,25	44,21	468,81
URV	46,01	42,20	41,69	472,07
TR	41,85	45,97	46,44	499,82

Rendimento - Variação em %

	Últimos doze meses	Últimas quatro semanas	Última semana	No dia 30/6 em relação ao dia 29/6/94
Dólar paralelo	4 484,04	41,36	7,57	0,00
Dólar comercial	4 961,10	44,12	10,05	1,91
Ouro	4 472,62	40,78	5,38	-1,82
Bolsa - SP	6 641,28	43,41	15,39	-5,36
Bolsa - Rio	6 910,66	45,33	14,30	-3,50

Projeções BM&F para o mês

Índice Bovespa (em URV)	4,43
Dólar	-0,84
Juros	7,22

O Mercado de Ações

Ações mais valorizadas durante a semana na Bolsa de São Paulo em %

Eletrobrás ON	28,26
Eletrobrás PNB	26,87
Bombrial PN	25,50
Cimento Itaú PN	25,42

em 1º/7/94

Dólar Comercial

Compra	R\$ 1,00
Venda	R\$ 1,00

Dólar Paralelo

São Paulo	R\$ 0,96
Rio	R\$ 0,98

Ouro (BM&F)

R\$ 11,96
o grama

TR

16,5%
ao mês

CDI

123%
ao ano

CDB

120%
ao ano

Os Fundos de Ações mais rentáveis*

Rentabilidade — em %

	No ano até 30/6	No mês até 30/6	No dia 30/6	Valor da cota em 30/6 em CRS
Cougar	1 263,13	60,08	3,07	6 427,27
Citações Livre	1 027,01	45,89	0,61	2 172,71
Andromeda - Pactual	997,94	52,25	0,51	4 921,42
Big Ações	995,12	43,47	2,96	445,11
Stock IPII	992,48	64,74	2,65	9 342,42
Martinelli	984,10	48,42	0,01	111,95
Santos Carteira Livre	957,06	70,99	0,00	16,74
BBAções Carteira Livre I	914,04	48,50	0,57	14 265,64
Carteira Livre Bancocidade	897,70	56,29	3,72	23,95
Hedging Griffio FCL	875,80	52,25	3,39	3 303,38

* Os dez mais rentáveis do ano

Os Fundos de Renda Fixa mais rentáveis*

Rentabilidade — em %

	No ano até 30/6	No mês até 30/6	No dia 30/6	Valor da cota em 30/6 em CRS
Becfix	875,12	47,17	2,06	11,75
Martinelli	861,22	47,20	2,00	679,70
CCF Performance	858,55	48,36	2,09	10 060,13
Investmais Mercantil	858,43	47,03	1,99	4 300,87
Graphus	856,07	47,96	2,05	17,28
BBrenda Fixa	852,98	47,51	2,03	2 219,11
Banrisul CBRF	849,62	47,66	2,09	84 804,08
Banespa - FBI	849,39	47,46	2,17	2 349,92
Renda Fixa E	849,33	47,86	2,07	3 857,81
Bandeirantes	849,27	47,75	2,01	75,80

* Os dez mais rentáveis do ano

Os Fundos de Renda Fixa DI mais rentáveis*

Rentabilidade — em %

	No ano até 30/6	No mês até 30/6	No dia 30/6	Valor da cota em 30/6 em CRS
Antares DI	898,73	47,77	2,03	91,78
Banrisul - DI	850,02	47,49	2,08	2 942,76
Renda Fixa DI Plus	848,37	47,85	2,07	27,56
Bandeirantes DI	848,33	47,57	1,99	48,22
BMG DI	847,11	47,84	2,04	25,33
Unibanca CDI - PF	846,80	47,80	2,08	5 468,65
Exclusive DI	846,68	47,86	1,99	609,31
Sageral - DI	846,48	47,73	2,01	17 792,06
Itamarati Special DI	846,31	47,73	1,98	1 330,34
Fix Bemp DI	846,19	47,64	-	32,47

* Os dez mais rentáveis do ano

Os Fundos de Commodities mais rentáveis*

Rentabilidade — em %

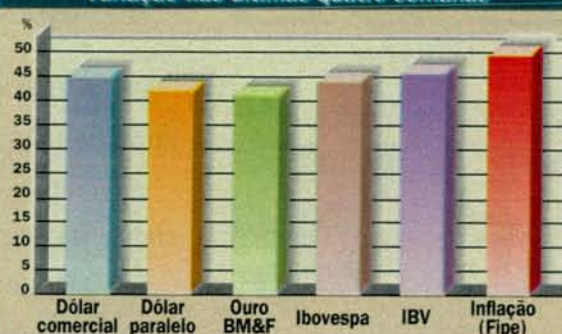
	No ano até 30/6	No mês até 30/6	No dia 30/6	Valor da cota em 30/6 em CRS
Exprinter FIC	880,22	47,73	2,05	14 161,84
Marka	866,15	45,16	1,58	27,37
Hedging - Griffio	863,11	47,84	2,05	4 416,44
Patente FIC	854,84	47,80	2,03	599,41
Ativa Commodities	850,00	46,37	2,10	4 740,48
Primus	849,53	47,52	2,01	970,44
Santos Commodities	847,83	47,49	1,96	1 308,31
SRL Commodities DI	847,10	47,80	2,03	95 729,14
Banestado Commodities	846,97	46,48	1,46	210,29
Icatu Commodities	846,89	47,69	2,02	602,71

* Os dez mais rentáveis do ano

Variação dos índices das ações negociadas na BVRJ por setor

Setor	Variação percentual
Geral	14,71
Bens de consumo	6,29
Comunicações	13,92
Energia	20,80
Finanças	4,69
Mineração	11,70
Química e petroquímica	17,39
Serviços	7,79
Siderurgia e metalurgia	16,67

Variação nas últimas quatro semanas



Comentário da Semana

Na última semana do cruzeiro real, as aplicações financeiras projetavam juros de 7,22%. Os juros altos e a estréia sem surpresas do real provocaram dois movimentos. As bolsas despencaram e a venda de dólares foi tão concorrida que a cotação no mercado paralelo caiu. Na semana, o dólar comercial valorizou-se 2,5% mais que o paralelo.



Barbie veste modelo de Tufi Duek.

DUVIDAMOS
QUE OUTRA
AGÊNCIA DE
PROPAGANDA
TENHA CLIENTES
QUE SE VISTAM
TÃO BEM.

A Estrela acaba de realizar um desfile com doze grandes estilistas brasileiros que criaram modelos exclusivos para a Barbie. Que é cliente da Standard. O melhor modelo, eleito por unanimidade pelo júri, foi criado por Tufi Duek, da Forum. Que também é cliente

Standard, Ogilvy & Mather

da Standard. Chique, não?

DATAS

SUICIDOU-SE: o escritor e dramaturgo austríaco **Jack Unterweger**, aos 43 anos, um dia depois de ter sido condenado pela segunda vez à prisão perpétua pelo assassinato de nove mulheres. A primeira condenação foi em 1976, quando Unterweger era um desconhecido. Na prisão, ele tornou famosa sua obra, que inclui uma autobiografia, romances, peças de teatro e contos infantis. Em 1990, a Justiça lhe concedeu o direito à liberdade vigiada. Rico e célebre, o chamado "poeta do cárcere" passou a ter uma vida de orgias. Outra onda de assassinatos de prostitutas com as próprias roupas íntimas das vítimas — método que ele costumava usar antes da primeira condenação — trouxe novas suspeitas sobre Unterweger, e a Justiça decidiu que ele deveria passar o resto da vida preso. Dia 29, enforcado na cela da cadeia, em Viena.

MORRERAM: **José Carlos de Figueiredo Ferraz**, ex-prefeito de São Paulo, aos 74 anos. Sua gestão como prefeito de 1971 a 1973 foi marcada pela criação da Lei de Zoneamento, que até hoje define os parâmetros para o crescimento da cidade. Dia

25, de parada cardíaca, enquanto fazia cooper, em São Paulo.

■ **Silvio Politano**, aos 9 anos. A história de Politano inspirou o filme *O Óleo de Lorenzo*, que conta a luta dos pais para encontrar um remédio para a leucodistrofia, uma doença rara que destrói as fibras nervosas do organismo. Dia 1º, em Prato, Itália, de leucodistrofia.

DETIDO: o milionário empresário e deputado francês **Bernard Tapie**, presidente do time de futebol Olympique e acusado de corrupção numa série de processos e investigações judiciais. Na véspera da prisão, por decisão da Assembléia Nacional francesa, Tapie perdera a imunidade parlamentar atrás da qual se escudava. Ele foi detido e algemado por três horas e denunciado por fraude fiscal na gestão de seu iate particular. Dia 29, em Paris.

LIBERTADO: o banqueiro mexicano **Alfredo Harp Helu**, de 50 anos, um dos proprietários do grupo Banamex-Accival



Unterweger: suicídio na prisão

VIENNA/REPORT/STYRIA

— uma das principais instituições financeiras do país —, que havia sido seqüestrado mais de três meses atrás. A família pagou um resgate de 30 milhões de dólares, um dos maiores da história dos seqüestros. Dia 28, na Cidade do México.

PREMIADO: mais uma vez na Loteria Esportiva o ex-deputado **João Alves**, que renunciou ao mandato em março para escapar do

processo de cassação na CPI do Orçamento. Alves dividiu o prêmio com outros dezenove apostadores e ganhou 52 000 reais. Dia 29, em Brasília.

DESCOBERTA: no depósito de lixo do Aeroporto Internacional O'Hare, de Chicago, uma faca quebrada que pode ter sido usada pelo ator e ex-astro do futebol americano O.J. Simpson para matar sua ex-mulher e um amigo dela, crimes dos quais é acusado. Simpson passou pelo aeroporto pouco depois de o crime ser cometido. Dia 1º, em Chicago. ■

TURISTA ACIDENTAL



TURISTA PRIMICIA



SERVICAO
CONSUMIDOR
PRIMICIA
0800-11-3010
Linha Azul

MALAS E SACOLAS HIGH

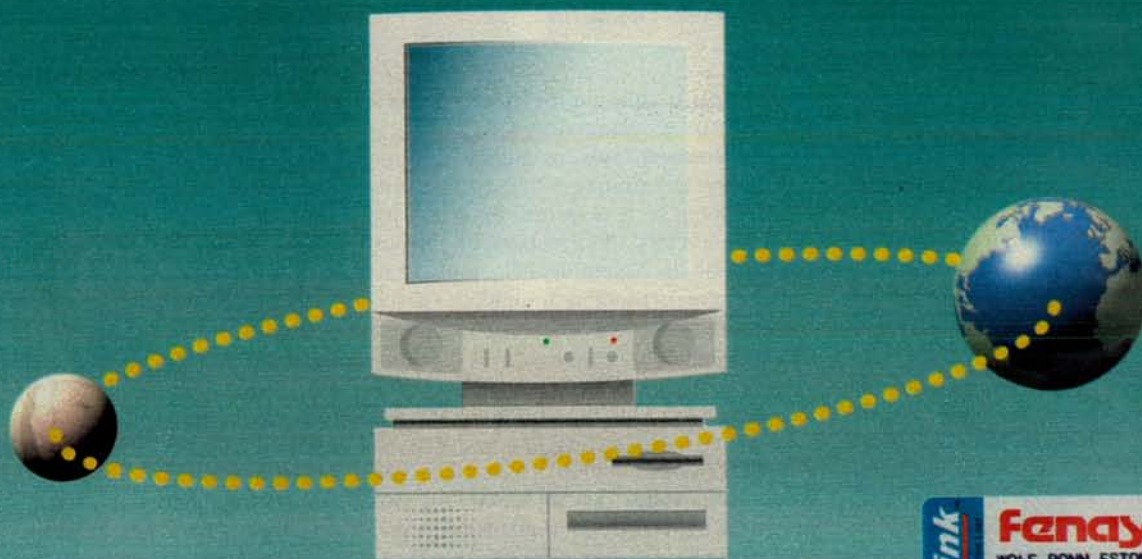
Turista Primicia nunca fica na mão com a coleção Primicia High. A única feita com High Bulk Filament (HBF 2800D), o nylon mais avançado, resistente e durável aplicado em artigos de viagem no Brasil. E que deixa as malas e sacolas ainda mais leves, bonitas e modernas. Turista Primicia também nunca leva menos de 2 anos de garantia e 40 anos de qualidade na bagagem.

PRIMICIA[®]

A MALA MAIS VENDIDA DO BRASIL

FENASOFT 94

O Maior Evento de Informática do Mundo
DE 19 A 22 DE JULHO - ANHEMBI - SÃO PAULO



VISITE E PEÇA O SEU CARTÃO
De 1 de Julho até o evento: 10 URVs



NOME

EMPRESA

ENDEREÇO

CIDADE **UF** **CEP**

PAÍS **TELEFONE**

FAX **DATA DE NASCIMENTO**

Envie seu pedido juntamente com cheque nominal à FENASOFT Feiras Comerciais Ltda., Av. Osmar Cunha, 251 9º andar - Centro - 88015-100 - Florianópolis - SC. Cartões dos anos anteriores continuam valendo para a FENASOFT 94. Se você já possui o seu cartão e, por algum motivo, deseja trocá-lo, deve enviar o pedido juntamente com um cheque de 10 URVs.

1 QUAL SEU CARGO NA EMPRESA ONDE TRABALHA?

- | | | |
|--|--|--|
| A <input type="checkbox"/> Presidente | E <input type="checkbox"/> Diretor Superintendente | I <input type="checkbox"/> Representante de Vendas |
| B <input type="checkbox"/> Vice-Presidente | F <input type="checkbox"/> Gerente de Departamento | J <input type="checkbox"/> Analista de Sistemas |
| C <input type="checkbox"/> Sócio | G <input type="checkbox"/> Controller / Tesoureiro | K <input type="checkbox"/> Digitador |
| D <input type="checkbox"/> Gerente Geral | H <input type="checkbox"/> Consultor / Assessor | |

2 QUANTOS EMPREGADOS TEM SUA EMPRESA?

- | | | |
|--|--------------------------------------|---------------------------------------|
| A <input type="checkbox"/> Mais de 5.000 | E <input type="checkbox"/> 250 a 499 | I <input type="checkbox"/> 25 a 49 |
| B <input type="checkbox"/> 1.000 a 5.000 | F <input type="checkbox"/> 100 a 249 | J <input type="checkbox"/> 10 a 24 |
| C <input type="checkbox"/> 750 a 999 | G <input type="checkbox"/> 75 a 99 | K <input type="checkbox"/> 5 a 9 |
| D <input type="checkbox"/> 500 a 749 | H <input type="checkbox"/> 50 a 74 | L <input type="checkbox"/> Menos de 5 |

3 QUAL O SEU PODER DE DECISÃO PARA COMPRAS NA EMPRESA?

- | | |
|--|--|
| A <input type="checkbox"/> Autoridade total | E <input type="checkbox"/> Pouco envolvimento |
| B <input type="checkbox"/> Autoridade alta | F <input type="checkbox"/> Nenhum envolvimento |
| C <input type="checkbox"/> Autoridade limitada | |
| D <input type="checkbox"/> Recomenda produtos | |

4 QUAL O VOLUME DE VENDAS DE SUA EMPRESA?

- | | | |
|---|---|--|
| A <input type="checkbox"/> US\$ 500 milhões ou mais | E <input type="checkbox"/> US\$ 25 a 49 milhões | I <input type="checkbox"/> US\$ 500 a 749 mil |
| B <input type="checkbox"/> US\$ 100 a 499 milhões | F <input type="checkbox"/> US\$ 10 a 24 milhões | J <input type="checkbox"/> US\$ 250 a 499 mil |
| C <input type="checkbox"/> US\$ 75 a 99 milhões | G <input type="checkbox"/> US\$ 1 a 9 milhões | K <input type="checkbox"/> US\$ 100 a 249 mil |
| D <input type="checkbox"/> US\$ 50 a 74 milhões | H <input type="checkbox"/> US\$ 750 a 999 mil | L <input type="checkbox"/> Menos de US\$ 100 mil |

5 QUAL A PRINCIPAL ÁREA DE ATUAÇÃO DE SUA EMPRESA?

- | | | |
|---|--|--|
| A <input type="checkbox"/> Governamental | I <input type="checkbox"/> Educacional | O <input type="checkbox"/> Revenda de Periféricos |
| B <input type="checkbox"/> Agricultura, Mineração, Petróleo | J <input type="checkbox"/> Industrial | R <input type="checkbox"/> Fabricante de Suprimentos |
| C <input type="checkbox"/> Transportes | K <input type="checkbox"/> Construção Civil | S <input type="checkbox"/> Revenda de Suprimentos |
| D <input type="checkbox"/> Comunicação | L <input type="checkbox"/> Fabricante de Software | T <input type="checkbox"/> Bureau de Serviços |
| E <input type="checkbox"/> Manufatura | M <input type="checkbox"/> Revenda de Software | U <input type="checkbox"/> Gráfica |
| F <input type="checkbox"/> Financeira / Contabilidade | N <input type="checkbox"/> Fabricante de Hardware | V <input type="checkbox"/> Jornalismo |
| G <input type="checkbox"/> Seguros / Imobiliária | O <input type="checkbox"/> Revenda de Hardware | W <input type="checkbox"/> Editora |
| H <input type="checkbox"/> Médica / Saúde | P <input type="checkbox"/> Fabricante de Periféricos | |

6 QUAIS AS PRINCIPAIS APLICAÇÕES DO COMPUTADOR NA SUA EMPRESA?

- | | |
|--|---|
| A <input type="checkbox"/> Contabilidade | G <input type="checkbox"/> Desenvolvimento de aplic. de programas |
| B <input type="checkbox"/> Comunicação | H <input type="checkbox"/> Controle de Processo / Manufatura |
| C <input type="checkbox"/> Gerenciamento de Banco de Dados | I <input type="checkbox"/> Científica / Engenharia |
| D <input type="checkbox"/> Correio Eletrônico | J <input type="checkbox"/> Editor de Textos |
| E <input type="checkbox"/> Desk Top / CAD CAM | K <input type="checkbox"/> Gerenciamento de Processos |
| F <input type="checkbox"/> Design Gráfico / Multimídia | |



Av. Osmar Cunha, 251 - 9º andar
88015-100 - Florianópolis - SC
Tel: (0482) 24-4305 Fax: (0482) 23-5249
São Paulo: Tel: (011) 815-4011 Fax: (011) 212-0381

VE 1367

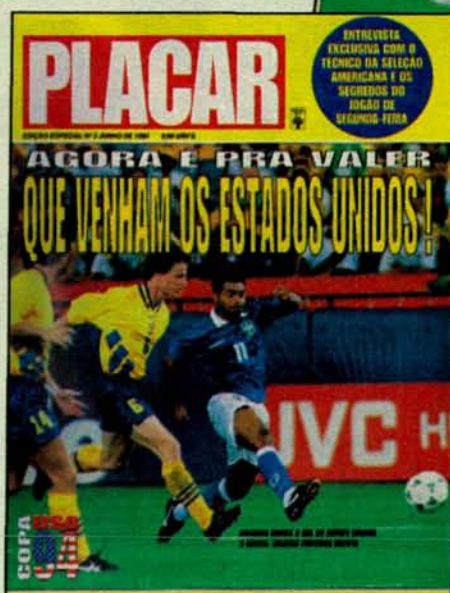
A CADA JOGO DO BRASIL, UMA NOVA EDIÇÃO DA



BRASIL X RÚSSIA



BRASIL X CAMARÕES



BRASIL X SUÉCIA

Patrocínio:

TINTAS
Coral

Dumont

40
BARD AHL

PLACAR

NAS BANCAS

Letras no bagageiro

Conan Doyle escrevendo ficção científica, Conrad, Sartre, João Cabral: escolha sua leitura de férias

Ficção

A NUVEM DA MORTE, de Arthur Conan Doyle; tradução de Rodrigo Lacerda; *Nova Alexandria*; 116 páginas; 15,50 reais — Autor célebre pelas aventuras do detetive Sherlock Holmes — aquele do “elementar, meu caro Watson” —, Conan Doyle (1859-1930) era um sujeito fanático pela ficção científica de seu tempo. Nessa novela, desconhecida dos brasileiros, ele prevê que, no dia do apocalipse, o mundo não vai acabar em fogo, mas envolto numa nuvem venenosa de éter. Para evitar um genocídio completo, uma equipe de cientistas, chefiada pelo excêntrico Dr. Challenger, se encarrega de desenvolver técnicas de sobrevivência. O futuro do mundo, como se vê, está na mão desse pequeno grupo e do jornalista Malone, o narrador da história. Mestre em seu ofício de ficcionista, mesmo manipulando conhecimentos científicos já superados, Conan Doyle presenteia o leitor com uma narrativa ágil, armada sobre raciocínios vertiginosamente lógicos.

RAÇA DA NOITE, de Clive Barker; tradução de Fábio Fernandes; *Civilização Brasileira*; 260 páginas; 16,50 reais — Maior revelação da literatura de terror desde Stephen King, o inglês Clive Barker sabe como poucos agarrar o leitor pelo pânico. Nessa história, tudo começa quando Deker, um psiquiatra perverso, usa fotografias de cadáveres mutilados para torturar Boone, seu paciente esquizofrênico, e induzi-lo a achar que é o assassino. Sem alibi, o acusado foge para um deserto gelado, ao norte do Canadá, em busca de sossego e distância da polícia. Na fuga, tudo o que Boone encontra são dezenas de mortos-vivos com rosto de olhos vazados e nariz afundado. O segredo de Barker, autor da eletrizante série *Livros de Sangue*, é não aterrorizar de uma vez — mas aos poucos.

UMA TEMPORADA NO PURGATÓRIO, de Dominick Dunne; tradução de A.B. Pinheiro de Lemos; *Siciliano*; 356 páginas; 30,12 reais — O americano Dominick Dunne, que escreve com regularidade na revista *Vanity Fair*, faz literatura com jeito de

script de TV. Não por acaso, um de seus maiores sucessos, *Uma Mulher Inconveniente*, virou minissérie e foi exibido no Brasil há três meses pela Rede Globo. *Uma Temporada no Purgatório* também parece escrito sob medida para a telinha. Órfão na infância, o pobre e ambicioso Harrison Burns vende sua alma ao diabo. Ou melhor, ao clã dos Bradley, novos-ricos católicos e mafiosos de origem irlandesa. No meio de sua escalada social, Burns acaba se tornando cúmplice de um assassinato. Para Dunne, o que menos importa são os motivos que levam os personagens a agir como agem. O que vale é fazer o leitor não ver o tempo passar.

AUTOBIOGRAFIA DE HENRIQUE VIII (cinco volumes), de Margaret George; tradução de Maria Luiza Borges; *Nova Fronteira*; 224 páginas; 19,10 reais cada volume — Se tivesse escrito um diário durante os 38 anos que governou com mão de ferro a Inglaterra, Henrique VIII certamente teria sido mais discreto. Como jamais se teve notícia de um texto autêntico do gênero, coube à americana Margaret George imaginar que não só o rei escreveu suas memórias como também permitiu que Will Somers, o bobo da corte, soubesse da existência de suas anotações. O melhor da obra de Margaret — que não precisa ser lida em sua totalidade, já que um volume sempre explica no início o que se passou no anterior — está na mescla das filigranas factuais dos romances históricos com o bom humor do bobo da corte, que atua como comentarista da história. No último volume da série, lançado recentemente, o ponto alto é a descrição dos momentos em que o soberano morre de despeito ao descobrir que a quinta de suas seis esposas, Catarina Howard, o traía. Enquanto a rainha marcha para o cadafalso, impassível, o rei se revela um sujeito sentimental, tomado pela culpa.

MOCIDADE E O PARCEIRO SECRETO, de Joseph Conrad; tradução de Maria Ercília; *Imago*; 104 páginas; 8,57 reais — O escritor Joseph Conrad (1857-1924), um polonês que embarcou na Marinha britânica, nunca aceitou a pecha de “romancista



O poeta em verso e prosa

Com a publicação da *Obra Completa* de João Cabral de Melo Neto (Nova Aguilar; 836 páginas; 39 reais), o público tem pela primeira vez ao seu dispor a produção integral do poeta pernambucano. A edição, em 1968, de *Poesias Completas* não trazia, por exemplo, os primeiros poemas de João Cabral (só publicados em 1990). No caso da prosa, textos como o ensaio sobre Miró (1949) continuavam praticamente desconhecidos. A *Obra Completa* reúne toda essa produção e ainda traz poemas inéditos. Dono de uma



João Cabral:
obra completa

fazer despertar nos leitores novas sensibilidades. A cronologia incluída no volume comete um desliz: chama de “Casa das Américas” o prêmio Estado de São Paulo, conquistado por João Cabral em 1992. Casa das Américas é um concurso literário cubano.

poesia aparentemente antipoética, já que o lirismo não tem lugar em seus versos, João Cabral é um dos poucos poetas brasileiros contemporâneos capazes de

do mar ou dos trópicos” — que desde seus primeiros livros tentaram impor-lhe. “Na verdade, tudo o que sempre me preocupou foi o valor ideal das coisas, dos eventos, das pessoas”, escreveu ele. Textos como *Mocidade* e principalmente *O Parceiro Secreto*, que ganham agora nova versão brasileira, são provas irrefutáveis de que Conrad não tinha mesmo por que engolir aqueles rótulos. O mar, de fato, está presente nas duas narrativas. Mas ambas estão longe de se reduzir a simples “casos de marinheiro”. *Mocidade* (1898) é inspirado numa viagem que Conrad fez ao Oriente e explora o tema da passagem do tempo e das ilusões. *O Parceiro* é uma pequena obra-prima. Parte de um crime ocorrido em alto-mar para criar um drama psicológico e moral centrado na questão do “duplo”.

AS AVENTURAS DE SINDBAD, O TERRESTRE, autor anônimo; texto estabelecido por René Khawam a partir de manuscritos árabes; tradução de Monica Stahel; Martins Fontes; 214 páginas; 13 reais — Sim, houve também um “Sindbad, o terrestre”. No próprio relato das famosas aventuras de “Sindbad, o marujo”, que há séculos são lidas nos quatro cantos do planeta, existe uma menção ao carregador pobre que tem o mesmo nome do “viajante dos sete mares”. Só que ele ficou praticamente desconhecido do público ocidental. Este pequeno volume conta os seus percalços ao seguir a chamada rota da seda, atravessando a Mongólia rumo ao Japão. Há prisões, perigos, conquistas, gorros mágicos, tudo na melhor tradição da literatura árabe.

Não ficção

AO VIVO DO CAMPO DE BATALHA, de Peter Arnett; tradução de Aulyde Soares Rodrigues; Rocco; 514 páginas; 30,95 reais — Peter Arnett, da rede de televisão CNN, tornou seu rosto conhecido por milhões de pessoas durante a Guerra do Golfo, quando foi o único jornalista ocidental a enviar informações de Bagdá, a capital do Iraque, sob pesado bombardeio. Neozelandês naturalizado americano, Arnett fala neste livro de sua experiência numa das profissões mais perigosas do planeta: a de correspondente de guerra. Em 35 anos, Arnett cobriu dezessete conflitos, do Vietnã ao Afeganistão. Esteve onde quer que houvesse barulho: no Líbano, em Chipre, em El Salvador. Arnett chegou ao Vietnã com os primeiros militares americanos, em 1962, e lá permaneceu depois que seus companheiros se retiraram, em 1975. Sua cobertura da guerra provocou a ira do presidente Lyndon Johnson, mas ganhou o Prêmio Pulitzer. É dele a entrevista do tenente americano que destruiu uma al-

deia “para salvá-la” do comunismo. Um livro emocionante, que cheira a lama, pólvora e sangue, e também uma excelente lição de jornalismo.

GEORGES SIMENON, UMA BIOGRAFIA, de Pierre Assouline; tradução de Raul de Sá Barbosa; Siciliano; 560 páginas; 80,06 reais — Encontrar informações sobre o personagem é problema menor para os biógrafos de Georges Simenon (1903-1989), o célebre criador do inspetor Maigret. O desafio é garimpar a verdade na profusão de material disponível. Em vida, o belga Simenon escreveu uma autobiografia, de 1 048 páginas, 23 volumes de memórias, dois romances autobiográficos e um diário — todos peças de pura ficção. O francês Pierre Assouline teve acesso aos arquivos privados do escritor e se saiu bem da empreitada. Seu texto é lido com a facilidade de um bom romance de Simenon. A biografia não trata apenas dos conhecidos excessos do escritor — gabava-se de ter dormido com mais de 10 000 mulheres, cifra recalculada por Denyse, sua segunda mulher, em 1 200. Assouline vasculha um aspecto pouco explorado, o antissemitismo em sua obra, e diz por que Simenon, acusado de colaboracionismo, se refugiou nos Estados Unidos depois da II Guerra Mundial.

EM DEFESA DOS INTELCTUAIS, de Jean-Paul Sartre; tradução de Sergio Goes de Paula; Ática; 72 páginas; 6,50 reais — O velho e mau fauno das catacumbas existencialistas dos anos 40, terror de direitas, esquerdas e centro, volta ao Brasil — país onde foi um dos escritores mais lidos e menos entendidos nos anos 60 — em três textos inéditos. São conferências realizadas no Japão, em 1965, nas quais faz uma autópsia da raça à qual pertenceu. Mordaz e provocativo, o filósofo que rejeitou o Prêmio Nobel de Literatura sob a alegação de que o importante não é recusar prêmios, mas não merecê-los, historia o papel dos intelectuais e os caracteriza de maneira fulminante: “Um físico que se dedica a construir a bomba atômica é um cientista. Um físico que contesta a bomba atômica é um intelectual”. Nesse sentido, em que o intelectual conservador não existe ou, se existe, não vale nada, o livro é um tônico para os que ainda suspiram de ódio contra a burguesia e o capitalismo. O pequeno grande Jean-Paul (1905-1980), para quem o homem é uma paixão inútil, não tinha porém ilusões sobre a platéia a quem se dirigia: “As classes desfavorecidas não produzem intelectuais, pois é justamente a acumulação do capital que permite às classes dominantes criar e fazer crescer um capital técnico”.

Drama na selva

Enredo com tintas heróicas e visual grandiloqüente fazem de O Rei Leão um Disney como nos velhos tempos

JOÃO GABRIEL DE LIMA

Grrrrraaaaaaurrrrr!!!! O rugido tonitruante do leão não serve apenas para estremecer a folhagem da selva, impor respeito entre os elefantes ou acordar as marmotas dorminhocas. Em *O Rei Leão* (*The Lion King*, Estados Unidos, 1994), em cartaz nos cinemas brasileiros, a voz do rei dos animais, além de assustar, também emociona e ensina. Esse 32º desenho animado dos estúdios de Walt Disney tem pouco em comum com seus antecessores mais próximos. *A Bela e a Fera* encantava pela exuberância visual. *Aladdin*, a maior bilheteria de todos os tempos no gênero — 217 milhões de dólares só nos EUA —, arrastava multidões pela via do humor, ao colocar na tela um gênio da lâmpada com voz de Robin Williams e modos afetados de candidato em campanha eleitoral. *O Rei Leão* é um Walt Disney à moda antiga, com drama na medida certa para emocionar crianças e adultos e, entre uma lágrima e outra, pitadas daquilo que nas fábulas de antigamente se costumava chamar de “moral da história”.

Também ao contrário de seus antecessores imediatos e da maioria dos desenhos dos estúdios Disney, *O Rei Leão* não se baseia em nenhum clássico da literatura infantil. A história é inteiramente original. Ou quase. A idéia central é descaradamente copiada de *Hamlet*, de William Shakespeare. Vejamos. O leão Mufasa é o rei dos animais. Tem em seu filho Simba o herdeiro da coroa. Scar, irmão de Mufasa, cobiça o trono. Para colocar a coroa na cabeça, mata o irmão e faz seu crime parecer um acidente. Mais tarde, quando Simba atinge a idade adulta, aparece o fantasma do pai exigindo vingança. O príncipe felino resolve, então, marchar contra o tio usurpador e recuperar a coroa. Pode-se ir além na pro-

cura de ecos de Shakespeare. As três hienas que ajudam o tirânico Scar parecem as feiticeiras de *Macbeth*. O leão-vilão tem a habilidade para a futrica do lago de *Otelo*, e por aí afora. Tais especulações, no entanto, não ajudam a entender *O Rei Leão*. O barato do filme é outro.

TRAUMAS EM SÉRIE — Os roteiristas da Disney não tiveram a pretensão de transpor para o desenho animado a profundidade nem os questionamentos de Shakespeare — em *Hamlet*, o príncipe do “ser-ou-não-ser” age o tempo todo sem saber se sua vingança é justa ou se é apenas um maluco que viu um fantasma. Do vate de Stratford-upon-Avon aproveitou-se apenas uma característica: a de colocar em cena os elementos dramáticos que tornam um enredo irresistível, como crimes sangrentos, espectros que aparecem e se esfumam e tronos usurpados. Drama, eis a palavra-chave. O que havia em *Branca de Neve e os Sete Anões* quando a princesa comia a maçã envenenada. Ou em doses antológicas em *Bambi* no momento em que a mãe do



LAISON AGENCY/GAMMA

LAISON AGENCY/GAMMA



adorável bichinho morre vítima de caçadores. Colocar num desenho animado a agonia de uma mãe é arrancar fibra a fibra o coração infantil. O que dizer então da cena de *O Rei Leão* em que o pai do personagem principal, um soberano justo e respeitado por todos, é pisoteado por um estouro de antílopes em fúria? Tudo isso depois de salvar a vida de seu filho, um frágil leãozinho que presencia a morte do pai com requintes de crueldade. É para chorar mais do que na hora de entrega de boletim escolar enfeitado de zeros. Tem mais. Depois de ver o pai morto, achatado como uma pizza, o leãozinho Simba ainda é obrigado a ouvir do maldoso tio Scar: “A culpa é sua. Ele morreu atendendo ao seu chamado”.

Dito assim, parece um conluio entre o roteirista e o sindicato dos psicanalistas infantis para produzir traumas em larga escala. O decorrer do filme desmente essa idéia — o propósito dos autores é mais, digamos, edificante. Do meio para o final o príncipe Simba cresce, supera o trauma da morte do pai e, a partir daí, reúne forças para combater o vilão da história. Outras “mensagens” como essa, de que é possível suplantar a dor, aparecem sutil ou descaradamente no filme, em mais um procedimento caro aos velhos Disney. A ecologia é tema recorrente. O rei Mufasa vive falando a seu filho sobre o equilíbrio da natureza. Num momento em que Simba é colocado diante da possibilidade de comer insetos, e faz uma cara de nojo, seu interlocutor reage com a frase: “Mas é claro, afinal ele está no topo da cadeia alimentar”. Parece livro de biologia da escola. Há também, implícitas em algumas cenas, exaltações da igualdade entre os sexos e do respeito às minorias. Mais politicamente correto, impossível. É a cartilha do professor Walt Disney adaptando-se aos novos tempos.



SALTANDO DA TELA — Para além de lágrimas e lições, o grande atrativo de *O Rei Leão* é o apuro visual. Parece redundante falar isso de um filme dos estúdios Disney, mas os animadores da casa realmente conseguem superar-se a cada produção, acompanhando a evolução tecnológica. Em *A Bela e a Fera* e em *Aladdin* já haviam sido usados computadores para fornecer ângulos inusitados de um baile, num caso, e de uma caverna, no outro. Em nenhum dos dois filmes, no entanto, há uma seqüência tão impressio-

O Rei Leão (acima), seus amigos hippies e o pássaro conselheiro com filhotes: animais humanizados e sátira aos pais dos anos 60



A luz das savanas (ao lado) e paisagens solitárias (acima): África retratada in loco

nante quanto o já citado estouro de antílopes de *O Rei Leão*. A cena, em que milhares de animais se movem desordenadamente e o espectador tem a sensação de que a qualquer momento um deles vai saltar da tela e pisoteá-lo, foi feita e refeita ao longo de dois anos. Os animadores partiram de um único desenho de antílope, que, com o auxílio de um computador, foi sendo multiplicado. Depois, cada "clone" foi animado individualmente. O resultado é espetacular. Sem contar que os ângulos inusitados de *A Bela e a Fera* e *Aladdin* viraram truques corriqueiros em *O Rei Leão*, em que praticamente todas as cenas têm piruetas visuais. O espectador cavalga zebras, treme com a pisada dos elefantes e voa no lombo de pássaros.

Também como costuma ocorrer nos desenhos de Walt Disney, alguns dos

servar seus tipos humanos e acabaram criando um Aladdin com a cara do Tom Cruise. Em *O Rei Leão*, o protagonista Simba, numa seqüência, passeia por um deserto que lembra o Saara, como se fosse esse o habitat dos leões, e não de cobras e dromedários. Licenças poéticas à parte, é claro que os animadores não atravessaram o oceano apenas para fazer turismo. Os desenhos de *O Rei Leão* mostram, como nunca se viu em desenhos animados, a atmosfera pegajosa das florestas tropicais, o pôr-do-sol alaranjado dos lados do Oceano Índico e paisagens que lembram as savanas solitárias. As seqüências são de encher os olhos.

ANIMAIS FALANTES — *O Rei Leão* repete e supera *Aladdin* não apenas nos efeitos tecnológicos. Um dos trunfos do desenho anterior dos estúdios Disney era o fato de

Robin Williams dublar o gênio, emprestando ao personagem suas piadas em ritmo de metralhadora. *O Rei Leão* conta com não apenas um, mas dois medalhões de Hollywood na dublagem: Jeremy Irons no papel do maldoso Scar e Whoopi Goldberg como uma das hienas. Mas a voz que se destaca não é a de nenhum deles. James Earl Jones, o Darth Vader de *Guerra nas Estrelas*, dubla o leão Mufasa — e, sem dúvida, o rei da selva seria bem menos soberano sem a voz impressionante com que expressa suas angústias e reflexões sobre o poder. Jones é mais que um vozeirão de ouro, como em outros tempos o foram Orson Welles narrando não importa o que e Mercedes McCambridge dan-

do uma tonelada de terror a mais à menina Linda Blair quando possuída pelo demônio em *O Exorcista*. Como Welles e Mercedes, Jones tem uma carreira estelar no teatro americano, com títulos que vão de Shakespeare e Chekov a Ibsen e Jean Genet. Aos 63 anos, segue uma filosofia de vida peculiar: "Sempre achei que a alegria é a coisa mais próxima da felicidade que alguém pode conseguir". Pena que a versão legendada do filme — que será exibido também dublado — esteja fora do alcance das crianças menores de 12 anos, que não têm ainda a leitura ágil exigida pelas legendas.

Outra particularidade de *O Rei Leão* que o faz diferente de outros desenhos dos estúdios Disney é que este é um dos poucos que não trazem nenhum ser humano entre seus personagens. Os protagonistas, ou seja, os integrantes da família real, são, claro, leões. Os inimigos do "equilíbrio ecológico" são hienas, seres que estão no fim da cadeia alimentar — comem carniça. Os conselheiros do reino são um macaco e um pássaro palrador. Ao ser expulso do reino, Simba vai viver na companhia de um javali e de uma espécie de taturana (que, em mais uma piada adaptada aos novos tempos, são dois hippies velhos, como o Wood e o Stock das tiras de jornal, parecidos com o que podem ter sido, noutros tempos, os pais da geração a que o filme se destina). Esse explosivo coquetel de animais falantes, visual de cair o queixo e emoção em doses generosas faz de *O Rei Leão* um dos melhores desenhos de todos os tempos dos estúdios Disney e programa obrigatório para as férias de julho. ■

COMO ECONOMIZAR ATÉ 80% DE ENERGIA APENAS TROCANDO DE LÂMPADA.



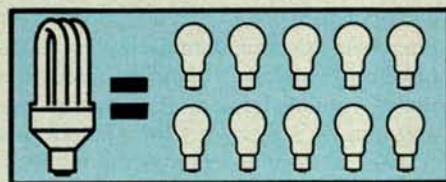
UNIVERSAL

Se você ainda não mudou para a nova linha de lâmpadas compactas fluorescentes Energy Saver da Philips, desculpe, mas você está jogando dinheiro fora. Elas são até 80% mais econômicas que as lâmpadas incandescentes comuns e duram até 10 (dez) vezes mais. Isso tudo sem qualquer tipo de adaptação e sem perdas na qualidade da iluminação. Linha Energy Saver Philips. Economia de verdade.

PHILIPS. A TECNOLOGIA NA VELOCIDADE DA LUZ.



Consumem até 80% menos que uma lâmpada comum.



Vida útil muito maior.

Uma Energy Saver tem 10.000 horas de vida útil, dez vezes mais que uma incandescente comum. Ou seja, dura aproximadamente 7 anos, considerando-se uma utilização diária de 4 horas.



E muito mais:

- Design moderno
- Dimensões supercompactas
- Acendimento instantâneo
- Encaixe perfeito em soquetes comuns
- Grande sucesso de vendas nos mercados americano e europeu
- Leves e decorativas.

Maiores informações, ligue para o CIC, Centro de Informações ao Consumidor. Tel.: 0800-123123 Ligação Gratuita.

FILIAIS DE VENDAS PARA ATENDIMENTO A REVENDEDORES:

• Belém - Tels.: (091) 223-5088/225-2173 - Fax: (091) 225-2173 • Belo Horizonte - Tels.: (031) 273-2768/273-2164 - Fax: (031) 222-7055 • Curitiba - Tel.: (041) 233-8456 - Fax: (041) 233-8736 • Goiânia - Tel.: (062) 281-2020/241-7031 - Fax: (062) 281-2020 • Porto Alegre - Tels.: (051) 346-4644/346-4640 - Fax: (051) 346-4644/346-4704 • Recife - Tels.: (081) 231-3579/231-3670 - Fax: (081) 231-3428 • Ribeirão Preto - Tel.: (016) 625-9580/625-7368 - Fax: (016) 625-9580 • Rio de Janeiro - Tel.: (021) 265-2539 - Fax: (021) 205-8596 • Salvador - Tels.: (071) 359-1734/359-0470 - Fax: (071) 359-1734 • São Paulo - Tels.: (011) 813-7444/813-7680 e 813-7871 - Fax: (011) 813-0532



PHILIPS

Felizes para sempre

Uma comédia tipicamente inglesa brilha com romantismo à antiga e ótimo roteiro

GERALDO MAYRINK

A temporada de casamentos está chegando às telas brasileiras dois meses depois do fim do seu calendário real, o “mês das noivas”, mas ninguém perdeu por esperar. Assim como casar costuma ser um momento tão terrível quanto aceitar um ótimo emprego num lugar intolerável (e não adianta casados e ex-empregados do tal lugar aconselharem contra, é preciso que a vítima vá saber pessoalmente do que se trata), *Quatro Casamentos e um Funeral* (*Four Weddings and a Funeral*, Inglaterra, 1994, em circuito nacional), que chega aos cinemas nesta sexta-feira, parte de um fato consumado. Um monte de gente, pela primeira vez em muitos anos de descaminhos nos filmes, quer casar. Com padre, véu, grinalda e festas fabulosas para os convidados.

O filme que Mike Newell (*Dançando com um Estranho, Um Sonho de Primavera*) tirou do roteiro de Richard Curtis é de um anacronismo encantador. É uma comédia romântica à moda antiga: com uma bela história, interpretações soberbas, originalidade, emoções cálidas e muito, muito humor. Para quem está acostumado à dieta de filmes americanos (carros trombandos, explosões, monstros aterrorizantes, efeitos especiais, produções caríssimas e vazias), *Quatro Casamentos e um Funeral* parece ter sido feito noutro planeta. Talvez por isso esteja agradando tanto. Com um punhadinho de dólares (5 milhões, a nona parte do que foi torrado em *The Flintstones*, por exemplo), um roteiro que pode ser chamado disso mesmo, roteiro, e principalmente um time de atores daqueles que só a Inglaterra tem, acertou em cheio primeiro nos corações americanos, que lhe deram 45 milhões de dólares em quinze semanas de exibição. É coqueluche na França. Os ilhéus, enciumados, reclamaram que justo um filme que poderia ajudar a espantar a fama empoeirada do que se faz lá, como *Vestígios do Dia*, fosse fazer carreira “nos continentes” antes.

Com oito amigos, cinco padres, onze vestidos de noiva, dezesseis sogros e centenas de taças de champanhe, além de algumas pessoas que realmente se amam, *Quatro Casamentos...* surpreende pelo

humor, pelo ar de banalidade, que é o artifício mais bem-acabado da competência, e também por oferecer à platéia um mundo à parte. Nele, ninguém tem profissão, não se trabalha e apenas dois personagens são descritos como “a sétima fortuna da Inglaterra, sabe como é, tem sempre a rainha na frente” e “dono da metade da Escócia”. Livre da obrigação entediante de assinar ponto e pagar contas no fim do mês, a fauna do filme vai casando ou assistindo ao casamento dos outros. Britanicamente, levam a vida na flauta, orgulhosos de seu poder magnetizador que conquistou o mundo até que, um dia, deu tudo errado.

Esse poder, que se expressou numa mistura de raças e conflitos históricos, teve força épica em filmes como *Lawrence da Arábia* ou *Passagem para a Índia*. O problema é que, quando não contavam com o gênio singular do diretor desses dois filmes, David Lean, as produções inglesas iam perdendo cara, caráter e poder de convicção. Isolados como seu país, os ingleses de *Quatro Casamentos...* mal saberiam do que se passa no resto do mundo não fosse a presença de Carrie (Andie MacDowell), uma americana enigmática e sedutora que pula de cerimônia em cerimônia, flertando com o bonitão Charles (Hugh Grant). Charles tem uma percepção que o angustia, a de que mulher só serve para namorar, e está convencido de que ele e o casamento não foram feitos um para o outro (*But Not for Me*, não para mim, lembra a canção de George e Ira Gershwin na voz de Elton John). Mas, como o tempo passa e todo mundo vai se ajeitando, ele chega a tentar com uma de suas nove ex-namoradas. Nove, ele diz. Esta é sua diferença com Carrie.

Numa das seqüências mais aterrorantemente divertidas do filme (pelo menos para qualquer homem apaixonado que passou



por uma situação assim), Carrie vai fazendo sua contabilidade amorosa, do número um, “aquele que nunca se esquece”, ao número 33, tendo no meio um número qualquer “encostado numa porteira, que não recomendo” até o futuro marido. Em suma, teve menos namorados que Madonna e mais que Lady Di. “Depois de casar, serei fiel”, diz ela a Charles, com quem vai para a cama, e a quem tortura fazendo um desfile de modas, vestida de noiva, para que ele opine sobre como deverá estar vestida para o casamento com outro. Charles é o número 32. *Smoke Gets in Your Eyes*, fumaça nos seus olhos, geme uma outra canção.

CENAS MUDAS — Hugh, de 32 anos, visto em *Lua de Fel* e *Vestígios do Dia*, solteiro, viu sua reputação de galã subir rapidamente com o papel de Charles. No filme, ele divide sua casa com Scarlett (Charlotte Coleman), espevitada, ruiva e sem namorado, e se atrasa invariavelmente, muito pouco à inglesa, para as cerimônias de



casamento. Elegante e atrapalhado, esquece de levar alianças e solta palavrões como também nenhum conterrâneo polido faria. É cobiçado de longe por outra ex-namorada, uma belíssima inglesa gelada e quase de caricatura, de nariz empinado e frases arrasadoras, Fiona (Kristin Scott Thomas). Enriquecem a turma um casal homossexual, Gareth (Simon Callow), que se diverte em festas "torturando americanos", e Matthew (John Hannah), e um padre novato (o hilariante Rowan Atkinson, que faz o personagem Mr. Bean dos curtas-metragens) que troca o nome dos noivos e chama de "manco" — ao menos nas legendas — nada menos que o Divino Espírito.

Com sua estrutura de cinco atos, o filme lembra velhas comédias de *vaudeville*, com os mesmos personagens entrando e saindo numa sucessão de encontros e desencon-

tros, e tem achados hilariantes, como cenas de cinema antiqüíssimo entre Hugh e seu irmão David (David Bower), que faz o papel de um surdo-mudo. Eles se comunicam (às vezes de maneira mentirosa, mas incompreensível para os demais) através das mãos. O espetáculo funciona também porque cada ator vai fundo no que faz e na valorização do trabalho de Curtis, que no momento de luto cede espaço ao belíssimo trecho de número XXXIV dos *Poemas* de W.H. Auden (1907-1973), na leitura sofrida de John Hannah:

*Ele era meu norte, meu sul, meu leste,
meu oeste,
Meus dias úteis e meu domingo de folga,
Meu meio-dia, minha meia-noite, minha
conversa, minha canção;
Pensei que aquele amor fosse durar para
sempre: eu errei.*

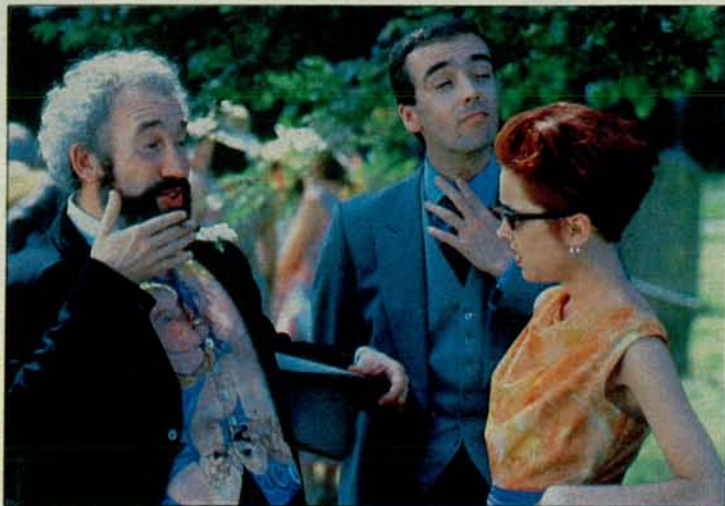
HUMOR E CHUVA — Depois da exibição do filme nos Estados Unidos a editora Faber republicou esse (de 1936) e outros poemas de Auden, surpreendendo os produtores do filme. O trabalho de equipe fez de *Quatro Casamentos...* um acontecimento atípico e uma diversão típica. Ao contrário dos lançamentos de meio de ano, com seus fliperamas cheios de efeitos especiais, é um filme que acredita em roteiro, interpretação e direção. Tipicamente inglês, tem do bom e do inevitável, no humor e nos sinistros dias

cinzentos, encharcados, que enchem de orgulho os nativos e de desespero os desavisados que passam por lá. O mau tempo na ilha é um dos principais personagens do filme (rodado em apenas 39 dias), assim como a ênfase aos rituais matrimoniais e fúnebres. "Pode parecer surrealista em outros países, mas aqui na Inglaterra é assim mesmo, com todos aqueles códigos", observa Newell.

"Poucos filmes merecem ser classificados de obra de arte", diz Curtis, um premiadíssimo roteirista da televisão britânica, casado sem casar "há um tempão" com a mesma pessoa, e dono de um diário que inspirou o filme: lá, descobriu que havia ido a 65 casamentos em onze anos. Lutou pela escalação de Newell como diretor por achar que ele "não leva as coisas por demais a sério". Impávido, diz que o filme foi feito apenas para divertir e que não se deve procurar mensagens nele "nem que cheguem pelo correio". So british. Desta vez deu certo. ■

Cenas de casamento

Andie MacDowell flerta com Hugh Grant (acima); John Hannah, David Bower e Thomas se perfilam (à esq.); Simon Callow, Hannah e Charlotte Coleman se divertem (à dir.); Thomas e Charlotte se vestem no meio da rua para não perder a cerimônia



Loteamento no vídeo

Programas independentes na TV têm produção precária, mas dão lucro para as emissoras

Com a crise econômica, as emissoras de televisão do Brasil descobriram uma boa maneira de colocar sua programação no ar sem gastar muito dinheiro: alugar o horário para produtoras independentes. Esse procedimento, além de um ótimo negócio para as emissoras, gerou uma nova família na TV brasileira, a dos programas de aluguel. Pela mão das produtoras independentes, hoje é possível ver na televisão bons programas sobre assuntos como pesca e arte culinária, que atingem um público segmentado. O grosso dos programas de aluguel, no entanto, não traz grandes contribuições à televisão. Como a produção independente no país ainda engatinha e as emissoras não têm um controle de qualidade rigoroso, o que se vê no vídeo, em geral, são cópias mal-acabadas dos programas feitos pelas grandes redes.

Há duas maneiras de uma emissora comprar um programa independente. A mais usual é aquela em que a produtora aluga o horário, entrega a fita pronta e se responsabiliza por conseguir anunciantes. A outra é quando emissora e produtora realizam o programa juntas e dividem os lucros. As duas transações sempre configuram um bom negócio para a emissora, quase sempre para a produtora e raramente para o telespectador. Um bom exemplo do sucesso com a locação de horários é o da TV Guaíba, de Porto Alegre, que produz apenas 5% do que leva ao ar. Sem estar atrelada a nenhuma rede nacional, ela fatura cerca de 300 000 dólares por mês, 70% com um único programa, o independente *Câmara 2*.

A Gazeta/CNT, de São Paulo, tem outra história de sucesso. Fatura 2 milhões de dólares por mês, dos quais 20% vêm do aluguel pago por programas independentes. "Terceirizar horários é uma forma de garantir receita quando a emissora não tem condições financeiras de sustentar toda a sua programação", diz Luiz Fernando Taranto Neves, superintendente comercial da Fundação César Líbero, que comanda a TV Gazeta. A Rede Manchete, mesmo enfrentando problemas financeiros há anos, não permitia que suas afiliadas pelo Brasil mostrassem programas

regionais que não fossem de jornalismo local. De um ano para cá, abriu as portas para os programas alugados.

DEZESSETE BUZINADAS — Até que ponto uma emissora pode encher seu horário com programas produzidos à queima-roupa sem se descaracterizar é uma questão controversa. Nesse sentido, excetuando as duas líderes de audiência, Globo e SBT, cada vez há menos pruridos. Ou critérios. Para o diretor-geral da Rede Bandeirantes no Rio de Janeiro, Cláudio Petraglia, "a TV só deve fazer questão de produzir na área de jornalismo". Com isso, os programas do gênero "TV de aluguel" se multiplicam. Um dos mais engraçados é o *Pell Show*, do Recife, apresentado por José Petrócio Marques de Farias, de 45 anos. Seu codinome, Pell, teria sido inventado por Chacrinha. Hoje, Petrócio faz uma versão pobre do programa do ídolo, cuja buzina, garante, ouviu roncar dezessete vezes na condição de calouro. Depois de ter passado por duas emissoras, há um mês o *Pell Show* está na TV Manchete do Recife, aos sábados, das 13h30 às 14h30. Petrócio comprou o espaço por 3 000 dólares mensais e paga outros 2 000 para produzi-lo. O programa recebe um público de quarenta pessoas por sábado, obrigadas a se revezar, já que só há espaço no auditório para vinte. As "pelletes", que fazem aeróbica num canto do cenário, não têm figurino padrão. Cada uma aparece com a roupa que traz de casa. "Apesar de todas as dificuldades, não vou desistir", persiste Pell Marques.

O *Pell Show* é um típico representante do gênero "programa de aluguel". Tem produção precária e se baseia numa matriz televisiva de sucesso. Está para Chacrinha assim como dezenas de talk-shows independentes



FERNANDO VIVAS

estão para o programa de Jô Soares. O *Com a Palavra*, de Curitiba, acerta no tom das entrevistas, mas não esconde seu cenário amarfanhado de papelão. O já citado *Câmara 2*, da TV Guaíba, obtém metade de sua receita da venda de merchandising. Quem assiste ao *Câmara 2* vê mais logotipos de várias empresas do que os próprios entrevistados. No gênero de reportagens de rua, aparece o *Rada Vai às Compras*. Exibido pela TV Bandeirantes de Salvador nas manhãs de domingo, o programa traz a atriz Rada Zaverutcha, 27 anos, grávida de oito meses, como consumidora implacável e conselheira de compras. O programa chama a atenção mais pelo espalhafato da apresentadora do que pelas dicas.

Mesmo precários, tais programas encon-



JOEL ROCHA

Com a Palavra, de Curitiba: cenário de papelão



Rada Vai às Compras (à esq.) e Pell Show: exemplares típicos da "TV de aluguel", têm estilo mambembe e se baseiam em matrizes de sucesso

tram espaço no vídeo porque dão dinheiro para as emissoras. O programa independente mais antigo de Salvador, o *Falando Francamente*, rende 20 000 dólares cada vez que vai ao ar, entre patrocinadores e merchandising. A TV Bandeirantes acha o resultado tão bom que o apresenta de segunda a sexta, das 13h20 às 14h30. A emissora fica com 70% do faturamento, cedendo o estúdio de gravação. Em Belo Horizonte, 25% do lucro da Record vem de programas independentes, que ocupam apenas 5,8% da programação semanal. Em Curitiba, um fenômeno da produção independente foi o programa *Bad TV*, um besteirol voltado para adolescentes. Pedro Paulo Carneiro, que escreve, dirige, produz e corre atrás dos patrocinadores, usava seu próprio quarto como estúdio.

Bagunçado, bem ao gosto adolescente, funcionou. A partir de 16 de julho o *Bad TV* terá duas horas de duração aos sábados, em rede nacional pela Manchete.

MODA — Mas nem só de improvisação e cenários mambembes vivem os programas independentes. Muito daquilo que se vê no ar com o padrão de uma grande emissora saiu de pequenas produtoras. Foi assim a minissérie *O Sorriso do Lagarto*, exibida pela Rede Globo há três anos. Entre os programas que vão ao ar semanalmente, vários cumprem duas premissas básicas da terceirização. Escolhem um público-alvo específico e o conquistam oferecendo qualidade. No Rio de Janeiro, o programa *O Show da Malta*, voltado para a colônia portuguesa, se dá ao luxo de viajar três vezes por ano a Portugal, onde registra imagens que vão ao ar todo domingo pela manhã na tela da Bandeirantes. Filão pouco explorado pela televisão brasileira, o segmento moda conta com um bom programa independente em Salvador. *Di Moda* é apontado como o mais elegante e bem-acabado visualmente da TV Aratu. Isso sem contar os oito programas que a pro-

duutora paulista Broadcast espalha por três emissoras, alguns já indicados a prêmios internacionais. Se programas ruins vão ao ar, a culpa não é só de quem os produz.

A onda de vender espaços chama a atenção para um dado da televisão brasileira. Embora seja uma concessão dada pelo presidente da República e confirmada pelo Congresso Nacional, uma emissora de TV, no Brasil, não tem, por lei, nenhum compromisso em servir a comunidade com um produto de qualidade. É igual a um mercado de secos e molhados, no qual o dono pode vender alcaçofras ou sublocar o espaço como bem lhe aprouver para alguém que queira vender abobrinhas.

Teoricamente, o compromisso que uma emissora assume com a sociedade quando ganha a concessão é cumprir a legislação brasileira, apresentando em sua programação entretenimento, educação, informação e opinião. "A Constituição brasileira diz que a lei estabelecerá meios para proteção dos valores éticos, morais e de família. Acontece que essa lei ainda não foi escrita", explica José Carlos Rocha, professor de Ética e Legislação do Jornalismo da Universidade de São Paulo.

De acordo com a legislação federal, não há, hoje, nenhum programa desrespeitando as normas que a Constituição impõe para a televisão brasileira. Curiosamente, 200 emissoras de rádio e TV estão com suas concessões vencidas. Nem de longe se questiona se o loteamento de uma emissora que se exime do controle de qualidade sobre aquilo que veicula não é razão ética suficiente para que sua concessão seja repassada a quem está disposto a trabalhar. Ou que, no mínimo, tenha critérios para escolher os programas que compra. ■



O gaúcho Câmara 2: 70% do que fatura a TV Guaíba

Esplendor renovado

Um ano depois do atentado, a Galleria degli Uffizi se livra dos escombros e se moderniza

MARCO ANTONIO DE REZENDE, de Florença

Florença é sinônimo de Renascimento, e, em arte, Renascimento é sinônimo de Sandro Botticelli, Leonardo da Vinci, Rafael Sanzio e Michelângelo Buonarroti. Há pouco mais de um ano, um carro-bomba explodiu num beco da Galleria degli Uffizi, em Florença. Cinco pessoas morreram e uma torre medieval ruiu. Nunca se descobriram os autores ou o motivo do atentado, parte de uma série que abalou a Itália. O que chocou o país, porém,

foram os danos ao Uffizi, um dos museus mais importantes do mundo, com uma extraordinária coleção renascentista. A explosão pulverizou três obras-primas de Gherardo delle Notti (1590-1656) e Bartolomeo Manfredi (1587-1620) e danificou outras noventa.

Com uma rapidez e eficiência incomuns na Itália, a maior parte dos quadros já está restaurada e quase todo o museu reaberto ao público. A conta, por enquanto, está em

50 milhões de dólares — metade bancada pelo governo italiano, metade através de coletas organizadas por jornais e empresas. Filas de turistas, especialistas e estudantes voltaram a garantir a média de 1,2 milhão de visitantes por ano, a 7 dólares por cabeça. No mês passado, reabriu-se a sala 35, uma das mais atingidas pela explosão. Abriga uma coleção de dezessete grandes telas restauradas, ladeadas por fotos que mostram os danos sofridos. Uma delas é a esplêndida *Deposição*, do flamengo Rogier van der Weyden (1400-1464). Outra, *Morte de Adônis*, de Sebastiano del Piombo (1485-1547), de quase 6 metros quadrados, foi rasgada de lado a lado com a queda de uma vidraça.

URGÊNCIA — “Mais de 70% do restauro já foi feito. Até o Natal todas as salas estarão reabertas”, garante Antonio Paolucci, superintendente de Bens Artísticos e Históricos de Florença. Na área da explosão, todos os reparos foram feitos em regime de urgência. Há um ano, as salas estavam cobertas de destroços de portas, janelas e forros desabados. Apesar de imensa, pelo acervo que contém, a Galleria degli Uffizi, com suas 45 salas, pode ser considerada um museu compacto — sobretudo se comparado com gigantes como o Louvre, de Paris. “Uffizi tem o mais completo testemunho do século XV, um momento decisivo da história da arte, marcado pela passagem da tradição bizantina medieval para a pintura do Renascimento”, diz Alessandro Cecchi, diretor de pintura do museu. É também o museu mais antigo do mundo, criado em 1580, por Francesco Medici, para hospedar a coleção da família. O próprio edifício é uma pérola do Renascimento, obra do arquiteto, pintor e escritor Giorgio Vasari — autor também da biografia dos mestres florentinos. “Jamais construí nada mais difícil nem mais perigoso, por ter suas fundações no rio e quase no ar”, escreveu Vasari sobre o prédio, às margens do Arno. Seu projeto resultou num edifício em forma de “U” com fachadas austeras.

Quem visita o Uffizi fatalmente reconhece algumas das obras-primas mais populares da história da arte encomendadas por Lorenzo Medici, o grande patrono do Renascimento. É o caso, por exemplo, das telas *Nascimento de Vênus* e *A Primavera*, de Sandro Botticelli (1444-1510), representado por mais onze obras na galeria. Lá estão também dois Leonardo da Vinci (1452-1519): *Anunciação*, obra juvenil (mas já genial) de um Leonardo aprendiz, e uma *Epifania* inacabada, de 1481, consi-



FOTOS MASSIMO SERTINI

Sala de exposições reaberta ao público e escultura do *Discóbolo* em restauração: vida nova



Acima, *Henrique IV na Batalha de Ivry*, de Rubens, em restauro. Ao lado, *Morte de Adônís*, de Piombo, já recuperada

derada precursora da pintura do século seguinte. Perto dali se encontra a única tela de Michelângelo Buonarroti no museu, *Sagrada Família*. Além dessas vedetes de primeira grandeza, o Uffizi abriga também os pré-renascentistas Masaccio, Paolo Uccello e Piero della Francesca. De Uccello, o museu conserva uma das três partes de *A Batalha de San Romano* — as outras duas foram vendidas no século XVIII para coleções estrangeiras. De Piero della Francesca, os retratos do duque e da duquesa de Urbino, todos em boas condições de conservação.



MEIA FURADA — Será preciso, entretanto, esperar o Natal para ver as obras de Rafael, Ticiano, Tintoretto e do pintor barroco Peter Paul Rubens. As salas que as abrigavam foram as mais atingidas pela bomba. A maior parte das telas nada sofreu porque já estava protegida por vidros blindados, ao custo de 1 000 dólares o metro quadrado. Mas, por falta de fundos, as obras de Rubens não estavam protegidas. Cinco delas foram danificadas. O trabalho de restauração dos quadros varia segundo o tipo de dano. Os que sofreram perfurações e arranhões por estilhaços de vidro têm a tela cerzida do mesmo modo como se costura uma meia furada. Depois, a pigmentação é retocada de modo imperceptível. As obras com grandes cortes são coladas sobre uma nova tela. Tenta-se, então, retocar as marcas dos rasgões, mas nem sempre se consegue evitar o halo que denuncia o picadinho em que se transformou o original. No caso das

esculturas de mármore, visto que quase nunca constituem um bloco único, é preciso desmontar parte por parte — cabeça, braços, pernas e torso — e em seguida remontar tudo, recolando as partes com os retoques necessários. Um importante mármore romano, cópia de um original grego, o *Discóbolo de Mirone*, teve sua cabeça decapada. Na semana passada, uma restauradora trabalhava na escultura, num boxe transparente, à vista do público.

Ironicamente, a bomba pode ter marcado o início de uma nova fase para a antiga Galleria degli Uffizi. Para começar, as obras das partes atingidas do edifício incluem a construção de novos dutos para a parte elétrica, ar condicionado, aquecimento e umidificação das salas sob o piso.

Parte das esculturas também achou nova colocação, seguindo o esquema existente no fim do século XVIII. Assim, o javali de mármore que o papa Pio IV presenteou a Cosimo I, que se tornou símbolo de Florença, voltou para onde sempre esteve, no fim da primeira galeria, dando as costas para o Rio Arno. Mais importante, estão prontos os planos para ocupar os dois andares inferiores do prédio, antes sede do Arquivo Estado Toscano e até dos correios e telégrafos de Florença. Há quem fale que nascerá então o Grande Uffizi, a exemplo do Grande Louvre. Na verdade, haverá muito mais espaço para abrigar melhor os 50 000 desenhos e 70 000 gravuras da coleção, e obras importantes dos séculos XVII e XVIII agora nos depósitos. ■

laundê será o umbigo do mundo

*Isso ocorrerá
após a última
Copa, quando o
futebol concluir
sua geopolítica
do absurdo*

**ROBERTO POMPEU DE
TOLEDO**

O presidente Paul Biya dirige uma república de nome ridículo, em português: República de Camarões. É como se um país tivesse assumido oficialmente uma pecha infamante — por exemplo, a de República das Bananas. Vários países já foram chamados de república de bananas, mas ninguém vestiu a carapuça. É como se Camarões o tivesse feito.

A fatalidade começou com os navegadores portugueses, que deram o nome de Rio dos Camarões ao rio hoje conhecido como Wouri, à época em que exploravam a costa ocidental da África. Eles apenas recorriam a uma das formas mais comuns de batizar um lugar, que é a de socorrer-se dos produtos naturais ali encontrados. A outra das terras por eles exploradas, pela mesma época, os portugueses deram o nome de Brasil, porque havia ali muito do pau conhecido por esse nome. Foi sorte. Havia também muitos macacos, nessa mesma terra, e muitos papagaios.

A partir do rio, Camarões passou a batizar também as

montanhas próximas, depois toda a região, e, com a chegada dos colonizadores ingleses e franceses, o nome metamorfoseou-se em Cameroon, ou Cameroun. Houve época em que foi até Kamerun, quando por ali passaram os alemães. Ao mesmo tempo em que se adaptava ao jeito de falar dos novos colonizadores, o nome livrava-se da infâmia original, pois nas línguas deles a palavra que designa “camarão” é muito diferente de “camarão”. Não ocorre a um inglês ou francês, quando ouvem falar em Cameroon, ou Cameroun, pensar no crustáceo que tão bem vai num ensopado. Em português, no entanto, ficou a pecha. “República de Camarões” é nome que provoca risos. A não ser que...

A não ser que seja época de Copa do Mundo. É a hora de Roger Milla, Biyick, Tataw. Meio mundo continua sem conhecer o nome do presidente Paul Biya, citado acima exatamente para chocar, como se fazia outrora quando se colocava um risco sem nexo num quadro, ou uma piada num poema, mas os nomes desses jogadores meio mundo conhece. A Copa do Mundo é a hora da geopolítica do absurdo. De repente Camarões ganha um poder que nada tem a ver com seus 45% de analfabetos, a mortalidade infantil de 86 por 1 000, ou a expectativa de vida de 53,5 anos para homens e 56,5 para mulheres. Camarões vai lá e empata com a Suécia (zero analfabeto, mortalidade infantil de 5,6 por 1 000, expectativa de vida de 74,4 anos para homens e 80,2 para mulheres).

A mesma Suécia, uma semana depois, empata com o Brasil, e aí o absurdo é duplo. Do ponto de vista, digamos, das realizações

gerais dos dois países, é como se um filme de Zé do Caixão empatasse com um de Ingmar Bergman, no Festival de Cannes. Do ponto de vista futebolístico, o absurdo é inverso. É como se em Uppsala ou Göteborg se montasse uma escola de samba capaz de ombrear-se ao que se faz no gênero em Nilópolis.

Machado de Assis achava o xadrez um jogo “delicioso” porque era a “imagem da anarquia”. Nele, “a rainha come o peão, o peão come o bispo, o bispo come o cavalo, o cavalo come a rainha, e todos comem a todos”. Concluía o mestre: “Graciosa anarquia...” Ele falava assim do xadrez porque não lhe foi dado conhecer uma Copa do Mundo. Em futebol, o Brasil é superpotência, imagine-se! Os Estados Unidos são uma grotesca republiqueta. O coração do mundo pulsa na Bacia do Prata, que de um lado tem o Brasil e do outro a Argentina. Já o Pacífico asiático, constelado pelos países apelidados de “tigres”, na geopolítica do futebol é uma periferia desprezível. O Japão (PIB de 3 trilhões de dólares) é de fazer rir à Bolívia (PIB de 5 bilhões de dólares).

Mas o mais curioso é que a “graciosa anarquia” se reproduz também dentro do campo, sob a lógica exclusiva do reino da bola. É quando Camarões vence a superpotência Argentina, como ocorreu na Copa de 90. Ou quando a Colômbia, potência média do futebol, verga-se a uma pulga desse esporte como os Estados Unidos. Outras vezes ocorre uma ciranda, e a Romênia ganha da Colômbia, mas perde feio da Suíça, que por sua vez perde da Colômbia. Nada como uma Copa após a outra, para colocar o mundo de pernas para o ar. Ainda vai acontecer de todos comerem a todos, até a última Copa, ocasião em que se estará dizendo de laundê, a capital de Camarões, que é o umbigo do mundo, como se diz hoje de Nova York, e ao presidente Paul Biya se prestarão mais honras do que hoje se presta à rainha da Inglaterra.



A chave.



JULIO BOGORICIN IMÓVEIS

São Paulo Tel.: 851-4000, Fax: (011) 64-6604 Rio de Janeiro Tel.: 292-1122, Fax: (021) 262-7096
Niterói Tel.: 719-5959, Fax: (021) 717-1102 Campinas Tel./Fax: (0192) 54-7770
Belo Horizonte Tel.: 261-3344, Fax: (031) 261-4869 Porto Alegre Tel.: 330-1044, Fax: (051) 330-3007
Salvador Tel.: 245-5000, Fax: (071) 247-4678 Recife Tel.: 465-2000, Fax: (081) 326-1115
New York, USA Tel.: (001-212) 888-7755, Fax: (001-212) 755-4286

SÓ PORQUE YOU DON'T NEED, VOCÊ PODE USAR SEU DINERS CLUB INTERNATIONAL NOS MELHORES HOTÉIS, RESTAURANTES, COMPANHIAS AÉREAS, LOCADORAS DE CARROS E LOJAS DE DEPARTAMENTO DO MUNDO INTEIRO. SÓ PORQUE USTED NO NECESITA, VOCÊ ESPERA SEUS VÔOS NO CONFORTO DAS SALAS VIP DINERS CLUB NOS 5 CONTINENTES. SÓ PORQUE VOUS N'AVEZ PAS BESOIN, VOCÊ VIAJA COM A TRANQUILIDADE DO SEGURO-VIAGEM, DO SEGURO-BAGAGEM E DO CLUB ASSISTANCE, QUE PRESTA ASSISTÊNCIA MÉDICA E JURÍDICA NO EXTERIOR. E AINDA SAI DO BRASIL COM INGRESSOS RESERVADOS PARA ESPETÁCULOS NOS ESTADOS UNIDOS E EM LONDRES, ATRAVÉS DO DINERS CLUB CULTURAL SERVICE. APROVEITE QUE MÜSSEN MUST DU NICHT, E PEÇA AGORA SEU DINERS CLUB: LIGUE 0800 140 140 (A LIGAÇÃO É FREE), OU PASSE EM UM DOS BANCOS ASSOCIADOS.



VIAJAR.
PRECISAR, YOU DON'T NEED.



O CARTÃO DE QUEM NÃO PRECISA.